

EULINA PACHECO LUTFI

Na base

LUTFI

**ENSINANDO PORTUGUÊS, VAMOS REGISTRANDO  
A HISTÓRIA. . .**

**O trabalho do professor de Português: incentivo e  
barreira à documentação que o povo faz da História**

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP

EULINA PACHECO LUTFI

10/05/82  
LUTFI

ENSINANDO PORTUGUÊS, VAMOS REGISTRANDO A HISTÓRIA

O trabalho do professor de Português : incentivo e barreira à documentação que o povo faz da História.

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de Metodologia de Ensino, sob a orientação do Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Jr.

COMISSÃO JULGADORA

---

---

---

Àqueles, que, nesses anos todos,  
não me têm deixado morrer ...



Torre do Relógio

Bairro do Jaguaré, 1981,  
São Paulo

Alunos da EEPSG " Prof.  
Architiclino Santos ",  
em estudo do bairro.

A Língua faz parte da realidade histórica.

A Língua é uma unidade de contradições.

O professor de português trabalha com essa realidade,  
com essas contradições ?

"Características do conhecimento:

1. Em primeiro lugar, o conhecimento é prático. Se fosse possível imaginar um ser inteiramente passivo, sem necessidades, sem movimento, esse ser "sequer imaginaria o que pode ser um conhecimento que penetra nas coisas e investiga o que elas são em si mesmas".
2. Em segundo lugar, o conhecimento humano é social... Os outros seres humanos nos transmitem — pelo exemplo — pelo ensino — um imenso saber já adquirido.
3. Em terceiro lugar, o conhecimento humano tem um caráter histórico... O imenso labor do pensamento humano consiste em um esforço secular para passar da ignorância ao conhecimento".

Lefebvre, H.<sup>1</sup>

1. Henri Lefebvre: em Lógica Formal e Lógica Dialética, São Paulo, Ed. Civilização Brasileira, 1975.

## ÍNDICE

	<i>Os dias que, um após outro, são a vida.....</i>	1
I	- MUNDO, TEXTO, AUTOR VÃO-SE CONSTRUINDO .....	3
	1. Escrever: adesão concreta a uma causa.....	4
	2. Quando se fecha uma porta, fecham-se muitas por- tas. Abrem-se janelas?.....	6
	3. Quem cala consente. Nem sempre .....	8
	4. Língua: realidade em transformação .....	10
	5. Língua: unidade de contradições .....	13
	6. Língua: poder de todas as classes .....	16
	a. E vai-se fazendo o silêncio .....	16
	b. Nada se proíbe. Tudo se impede .....	17
	c. E tudo está se fazendo .....	20
	c.1 Assumir a vida e assumir o texto .....	21
	c.2 Impor-se como grupo e fazer-se ouvir....	25
	c.3 Organizar a ação e organizar idéias.....	47
II	- COM A DIVERSIDADE, A DESCOBERTA .....	49
	1. Língua: quem a ensina ? .....	51
	2. "Se não se plantar nada, a gente vai sofrer mui- to" .....	54
	3. "Nós, hoje em dia, só sabemos trabalhar é na juta velha" .....	56
	4. O saber dos plantadores de juta e malva .....	62
III	- CONHECER, LIDANDO COM AS MARCAS DO NOSSO TEMPO....	64
	1. Curso noturno: nosso dia-a-dia .....	65
	a. Quem são os alunos do noturno ?.....	65
	b. Curso noturno, década de 70. O que vem en- frentando o trabalhador aluno ? .....	70

c. A escola pública no período noturno: uma outra escola .....	74
IV - COM EMOÇÃO, CRIANDO E EXPLICANDO A VIDA .....	82
1. Consciência histórica do aluno trabalhador e expressão escrita .....	84
2. Texto do aluno : um documento .....	130
3. E estamos vivendo .....	136
BIBLIOGRAFIA .....	137
ANEXOS	

"OS DIAS QUE, UM APÓS OUTRO, SÃO A VIDA"

Aurélio Arturo  
poeta colombiano<sup>1</sup>

Uma dissertação de mestrado concretiza-se, num determinado momento da existência, mas, na verdade, vem nascendo há muito tempo. Vem pontilhada pelo trabalho de anônimas pessoas. Não se pode, portanto, desprezar a história pessoal de quem a escreve.

Nesta história existe, por exemplo, a Carmem ( Carmem Lúcia Soares ). Tinha 25 anos, quando se formou professora de Química pela USP. Recém-formada, possuía interrogações completamente diferentes das que povoavam a cabeça das pessoas que, como eu, iniciavam a carreira de professor. A Carmem nos forçava a pensar, naquela época, 1965, na enorme barreira que a nota levanta entre professor e aluno. Tentava encontrar caminhos sérios que nos livrassem da nota e dos tormentos dos meios pontos. Discutia modos de encontrar saídas para a Educação. Começamos nossas leituras de textos significativos sobre Educação, nesse tempo; fora dos cursos de graduação e fora de qualquer curso regular.

Falar da Carmem é não a deixar desaparecer. Embora tenha morrido nova ainda, nunca nos abandonou, porque todo o nosso trabalho é marcado pelo modo como nos amou e nos fez

---

1 . Citado por Gabriel Garcia Marquez, em jornal Movimento, 18/1/81.

mais alertas para a vida.

Compreendia-se com a Carmem que é preciso juntar sempre muita gente, ao se pretender caminhar mais depressa em direção aquilo em que se acredita. Reconhecer as pessoas inquietas que querem dar passos nessa direção. Não fugir à briga, à divergência, ao contrário, enfrentá-la, para que se depure o essencial de nossas propostas.

A Carmem nos atigava para estarmos atentos às pessoas, aos seus questionamentos, às suas observações, as suas atitudes. Não se deveria estar alheio. Não se deveria aceitar viver passivamente. Fazem falta as pessoas que partem, diariamente para a vida, com o desejo de descobrir os sinais do movimento que existem nos objetos, na natureza, nos homens.

Sentíamos entusiasmo para estudar, estudar muito. Estudar a matéria que ensinávamos e outros conteúdos para sermos mais fortes com a nossa inteligência sendo trabalhada.

Você morreu, Carmem. Continuamos discutindo com seus amigos, com seus alunos, alguns hoje também professores de Química, e com outras pessoas que, como você, são a poesia em nossa vida.

I - MUNDO, TEXTO, AUTOR VÃO-SE CONSTRUINDO ...

## 1. ESCREVER : ADESÃO CONCRETA A UMA CAUSA

Nós, professores de 1º e 2º graus, ainda que professores de língua, raras vezes temos oportunidade de redigir. As exigências, determinadas pelas condições de trabalho, vão-nos acomodando ao que recebemos elaborado, escrito, pronto para consumo.

Porém, do esmagamento, criado pela imposição, pulam dúvidas nascidas da prática, do trabalho com os alunos, das impossibilidades cotidianas. Nesse processo, são fundamentais os momentos de rebeldia. Interligados, esses momentos vão constituindo a opção por diferentes posturas e a rejeição ao caminho que, sob diversas máscaras, tenta impedir o afloramento dos conflitos na escola; desvaloriza a invenção; proíbe a curiosidade.

Nas vivências que experimento para assumir o papel do professor, do professor de Português na transformação social, entendi que a rebeldia ao silêncio obrigatório deveria sempre se manifestar. Que um texto ( poderia ser escrito para cumprir exigências de mestrado ou não ), fiel à História em que foi gerado, poderia ser denúncia do sofrimento a que somos submetidos pelas proibições e, ao mesmo tempo, divulgação, divisão das descobertas que vêm brotando de uma busca conjunta e insaciável.

O texto foi também o modo pelo qual tentei romper com a atitude passiva de delegar aos que vivem nas universidades o dever de documentar o trabalho do professor de 1º e 2º graus.

Acabou surgindo a dissertação de mestrado, fruto da corajosa decisão do professor Joaquim Brasil Fontes Jr. ao aceitá-la, apesar do seu distanciamento em relação ao questionável modelo acadêmico.

Finalmente, é a concretização do compromisso assumido com os alunos de, juntos, escrevermos a nossa História.

2. QUANDO SE FECHA UMA PORTA, FECHAM-SE MUITAS PORTAS.  
ABREM-SE JANELAS ?

A partir de 1970, quando trabalhar com a realidade presente tornou-se difícil; quando os salários começaram a minguar e a carga horária do professor aumentou, foi necessário inventar formas diferentes de tornar o trabalho menos árduo e mais proveitoso. Foi, para diversos profissionais da educação, uma época de engajamento em trabalhos onde pudessem aplicar métodos; conhecer de perto o que estava para além dos muros das instituições, da educação formal.

Havia um grupo que batalhava num curso de Madureza, em Vila Remo, Zona Sul da Cidade de São Paulo. A participação nessa batalha criou-nos a possibilidade de estabelecer relações entre ensinar português num curso regular para alunos não defasados em idade e ensinar português para aqueles que haviam deixado a escola, como deixaram o Estado de origem ( quase todos eram do sul de Minas Gerais ), no momento em que a luta pela sobrevivência o exigiu.

Foi um reencontro com migrantes, pois, ainda como aluna de segundo grau, conhecera o trabalho de alfabetizar crianças da periferia de São Paulo, como substituta do nascente ensino municipal.

Em 1956, a Prefeitura do Município de São Paulo autorizava professores a formarem classes de primário, desde que conseguissem número suficiente de alunos, pagassem o aluguel da sala usada e se responsabilizassem pelo funcionamento da unidade. Conheci, então, as necessidades de crianças vindas de

outras partes do Brasil; suas condições precárias de vida e as dificuldades que possuíam para acompanhar a escola.

Agora, no Madureza, curso organizado por um grupo que se dedicava à educação informal com apoio da Igreja de Vila Remo, existia quadro semelhante. As dificuldades e a experiência de vida dos alunos faziam aflorar, sem que se pudesse esconder, as questões : para que serve o que se aprende na Universidade ? Quais aspectos da língua, da literatura, da cultura, enfim, seriam importantes para aqueles alunos ? Entre ensinar português no Madureza e ensinar português numa escola estadual, qual o enfoque possível e mais necessário para os dois tipos de alunos ? Não seria incoerência tentar um ensino transformador no trabalho informal e continuar repetindo modelos no ensino institucional ?

Mudanças na direção da vida dos alunos do Madureza, quase sempre significavam enfrentamento direto com suas condições de trabalho e, portanto, uma luta decisiva em suas vidas. Não tínhamos o direito de falar por eles. Não tínhamos o direito de lhes cochichar, no ouvido, o que deveriam dizer. Não tínhamos o direito de *embelezar* seu discurso com modelos do *bom português*, imposto pelos padrões do grupo dominante economicamente. O grande compromisso com aqueles alunos era fornecer-lhes instrumentos de compreensão da realidade que fossem livremente utilizados, com a clareza conseqüente, quando julgassem necessário.

Era um caminho novo que exigia, antes de mais nada, muita coragem, e uma opção muito firme pelo trabalho em educação, nova dimensão que os alunos de Vila Remo colocaram em meu trabalho.

### 3. QUEM CALA CONSENTE, NEM SEMPRE ...

A falta de aprofundamento teórico sempre foi, em todos os momentos, preocupação constante no trabalho da escola pública. Depois de 1970, não havia, na escola, espaço para o debate.

Nessa contingência em que se vivia, não havia possibilidade de um fazer-refletir liberto das imposições criadas pelo sistema político. A prática, sem o aprofundamento da reflexão, foi-se tornando pobre. Havia discrição em conversas de corredor, em sala de professores, devido à desconfiança que se avolumava dia a dia. Supunha-se que professores eram contratados para vigiar o cérebro dos colegas. Certos livros haviam caído na lista dos malditos. Como estudar ? Como fazer os textos de educação acompanharem de perto as mudanças que se operavam no ensino ? Como discutir com colegas a experiência de sala de aula ?

A busca de um colégio particular com proposta pedagógica aberta foi a tentativa de se ter, como professor, um aprendizado mais livre, menos vigiado.

Encontrado o colégio, procurei conhecer o livro adotado pelos colegas, professores de português : Português: treinamento/criatividade<sup>1</sup>. O trabalho era diligente, responsável. Os professores procuravam aproveitar o máximo possível as condi-

---

1 . Carlos Maciel, Marcio, Milton Nascimento: Português : Treinamento/Criatividade, 1º grau, 7ª série, Belo Horizonte Vigília, 1975.

ções materiais favoráveis em que os alunos viviam. A proposta da equipe coordenadora e de alguns professores era fazer o colégio ter influência marcante na opção dos alunos por uma vida mais comprometida com a felicidade da maioria da população.

À medida que o tempo passava, ia sendo possível verificar : 1. o ensino, através do livro adotado, embora *sério* , não possibilitava caminhar, segundo a opção de trabalhar com a língua a partir da expressão do aluno. O estudo era proposto através de exercícios repetitivos; de esquemas estruturados. E o pior, era do agrado dos pais dos alunos, portanto, não se podia substituí-lo. 2. As exigências, em termos de mudança de vida, que eram feitas genericamente aos alunos, encontravam sérias barreiras na prática diária, em contato com os pais, com pessoas do seu grupo social.

Os fatos ficaram mais claros diante da proposta da professora Maria Nilde Mascelani, da equipe de coordenação, sugerindo que se facultasse a matrícula a qualquer pessoa do bairro, diminuindo-se a taxa escolar. Era a tentativa de se mesclar a clientela.

A dificuldade de aceitação da proposta e sua rejeição pela direção da escola deixou claro ser impossível um trabalho transformador como eu acreditava poder realizar em escola particular.

Confirmou-se a opção de se trabalhar em escola pública.

#### 4. LÍNGUA : REALIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

A determinação de se fazer do trabalho pedagógico, com ensino de língua, a consequência de uma opção política exige que apareçam marcas dessa determinação nos enfoques e na metodologia escolhidos.

A metodologia inside sobre a condição de ser a língua uma realidade em transformação. Procura descobrir as diversas formas que a língua adquire, quando interpreta os acontecimentos inseridos na sociedade de classes em que vivemos. Sociedade caracterizada por antagonismos entre os que detêm os meios de produção e os que vendem sua força de trabalho. Busca compreender as saídas possíveis às expressões oral e escrita da marginalização em que o grupo economicamente dominante pretende impor aos que não têm voz, nos meios de comunicação controlados por esse grupo dominante.

É fundamental que o encaminhamento da proposta :

1. leva em conta a expressão do aluno e procura descobrir, a partir dessa expressão, os meios de torná-la mais consequente;

2. é trabalho integrado com outros professores da mesma escola, ou de outras escolas, que possuem os mesmos propósitos. Portanto, não é nunca um trabalho isolado;

3. está sendo uma resposta possível ao período polêmico da História da Educação, no Brasil, a partir de 1970. Nesse sentido, à medida que a burocracia asfixiava a escola com o poder, expresso pela Lei nº 5692/71 transformada em currículo

los e programas; por regulamentos, resoluções, portarias, circulares, o trabalho foi-se tornando silencioso, miúdo, sem contudo perder a tenacidade. Foi sendo marcado pelo estudo da metodologia coerente com as intenções. Foi sendo marcado pelo modo com se ia questionando o que se tem aprendido nos Cursos de Letras a respeito do estudo da estrutura dos textos literários; sobre a distinção entre forma e conteúdo nos processos de estudo de texto; sobre os critérios da gramática normativa para justificar os fatos da língua; sobre as questões filosóficas que afloram na interpretação da História da Literatura; sobre os critérios de valor aplicados a textos da literatura, classificando negativamente os textos da literatura popular;

4. pretende responder às interrogações que, em diversos momentos, no período de 1970 até o presente, são feitas sobre o caminho do professor de português como parte de uma categoria entre trabalhadores e, portanto, ir encontrando as estratégias para a realização de opções, nas condições do ensino público. Tem sido verificado que os fatos vividos fora da escola são fundamentais a alunos e professores para as consequências do trabalho pedagógico, não se acreditando ingenuamente na eficiência absoluta da ação do professor;

5. desmistifica as propostas de conciliação, o fatalismo, a força do poder individual, os medos, fracassos e sucessos explorados pela linguagem da televisão, do rádio, do jornal e que ocultam o verdadeiro movimento dos fatos, o processo dos fenômenos, a inserção dos casos particulares em situações mais gerais da vida social;

6. utiliza o ensino de português como ferramenta para se compreender as experiências vividas, as situações sociais conflitantes que envolvem essas experiências. Analisa as experiências narradas, a partir de elementos conhecidos e não através de generalizações distantes da compreensão dos alunos. Parte, por exemplo, da comparação entre as razões dos problemas conhecidos e aquelas apontadas nos textos dos noticiários, dos comentários econômicos e políticos. Mostra como a linguagem concretiza-se como instrumento nas mãos de quem joga capciosamente com dados da realidade para dissimular a finalidade desses textos que; em nome da imparcialidade, da neutralidade, da verdade genérica, escondem interesses de grupos.

Os alunos não podem trabalhar com afirmações pouco claras que, para eles são vazias e não lhes constituem meios para fundamentar opiniões. As informações têm que ser armas a serem utilizadas em textos mais poéticos ou mais argumentativos, conforme julguem oportuno. Devem ser instrumentos com que se libertem das ilusões tolas que os vão fazendo confundir ignorância com conforto e proteção;

7. faz de todo trabalho pedagógico tentativa de concretização da crença de ser possível mais que levantar dados ou apenas denunciar. Procura ser o resultado de se ir abrindo brechas por meio da atuação.

gem em nossa História ? Até que ponto se acredita na linguagem oral e escrita como expressão do maior ou menor agir nos processos históricos em que estamos inseridos ? Acredita-se na influência desse agir ?

Os alunos vivem a História do seu tempo, a História da sua classe social. No caso dos alunos dos cursos noturnos, por exemplo, a experiência que vivem como trabalhadores, possibilita o conhecimento dos reais conflitos entre as classes, dentro da nossa sociedade. Ao comentar fatos dos quais participam, há sempre maior possibilidade de aparecerem no texto as contradições entre os interesses de classe, as contradições entre o que vivem e o que sonham viver.

É indispensável que os alunos escrevam a sua história. Porém, há que se trabalhar com a interpretação de casos, pois os critérios com que julgam os acontecimentos, muitas vezes, não vão além do imediatismo. A miopia impede a organização necessária à eficiência da ação. Por esse motivo, criar condições para que os alunos registrem a História é contribuir para tornar conhecidos acontecimentos que a comunicação oficial dos grupos economicamente dominantes procuram varrer-nos da memória. É contribuir para a organização de parcelas da população cuja atuação consciente é fundamental no processo histórico.

Com tais propósitos, parece justificar-se o trabalho com exploração de fontes de informação. Relatos de fatos vivenciados, depoimentos, textos científicos, textos de ficção, além de notícias, reportagens, comentários ou editoriais dos

meios de comunicação têm sido utilizados sempre como meios de obtenção de dados que possibilitem ampliar as relações entre casos particulares e a conjuntura social em que tais fatos se dão.

Embora não haja, de início, preocupação de voltar-se para a produção de textos poéticos, o que se tem verificado é que acabam aparecendo. Surgem também textos que tratam de problemas psicológicos, como os desequilíbrios provocados pelas relações de trabalho que enfrentam.

Na discussão sempre se procura relacionar os *casos* ao conjunto de situações criadas pelo capitalismo monopolista, analisadas pela sociologia do século XX. Procura-se também mostrar como os dados da vida dos seres reais estão relacionados com a ficção e a poesia.

## 6. LÍNGUA : PODER DE TODAS AS CLASSES

### a. E vai-se fazendo o silêncio...

Ao tomarmos conhecimento da importância que os chefes de Estados modernos atribuem às comunicações via satélite e das manobras entre os blocos hegemônicos relativas aos limites a essas comunicações, não se pode duvidar do poder que assume, hoje, a linguagem humana. Todos experimentamos a força da linguagem no sobreviver diário. Apesar dessa rica experiência, vai-se delegando passivamente o uso mais comprometedor da língua para aqueles que, no grupo social, são eleitos para falar em nosso nome. Vamos nos afogando sob as imposições. Dinheiro, leis, burocracia, títulos, violência nutrem o estado geral de insegurança que vai calando a voz da maioria. É comum ouvirmos de alunos, nos últimos anos : *prefiro escrever, não gosto de falar, não sei falar*, expressões que soam estranhamente em salas de aula, onde há dez anos se vêm travando batalhas para se conseguir que escrevam. Dizer que preferem escrever é tentar fugir da situação de se expressarem, porque se já não escreviam, agora também não falam. Emudeceram.

Será que os alunos não se expressam por terem deixado de ler ? Será por desconhecerem a gramática normativa ? Será por terem perdido o contato com os clássicos da língua ? Seria a televisão a grande responsável ?

Admitir que normas gramaticais, modelos consagrados ou a exclusão da imagem televisiva seriam suficientes para fa-

zer um povo falar é mais uma tentativa de se anular ou jogar no esquecimento a vida dolorosa com que se tem caminhado, em nossa História, para o silêncio.

b. Nada se proíbe. Tudo se impede...

Requer reflexão o fato de, numa época em que o mutismo se apodera das ruas, praças, salas de espera, vagões de trens, locais de trabalho e vai engolindo a escola, exigirem, nos currículos, a matéria "*Técnica de Redação*". Os manuais de redação invadem as prateleiras das livrarias e com elas as propostas de tornar os alunos mais criativos. Lembra-nos o grande debate em torno da emancipação do índio, quando se efetiva sua definitiva expulsão da terra. É tentar substituir a evidência da proibição pela violência camuflada da impossibilidade. Criar por lei, cursos de redação e colocar manuais à venda, impedindo outras ações mais transformadoras, é fazer recair a culpa da não expressão sobre aqueles que vão ficando à margem dos cursos e dos livros.

Há que se compreender essas contradições por inteiro; reconhecer o inimigo mistificado. Assumir decisivamente a postura de devolver ao aluno a firmeza para divulgar o que tem a dizer; para fazê-lo testemunhar o universal existente nos casos particulares que vivem; para que encontrem as estratégias exigidas pelos momentos em que julgarem necessário falar.

Faz-se importante a discussão sobre o que tem sido imposto, por exemplo, como condição para o ato de redigir. Os

alunos, ingenuamente, acreditam serem verdadeiros os conteúdos dos livros : outra manifestação da sacralidade da língua escrita. Interiorizam o que ouvem repetidamente dos professores como indiscutíveis descobertas de quem as escreveu; inferiorizam-se por estarem impossibilitados de praticá-las.

O que lêem os alunos nos manuais de redação ?

Vejamos um exemplo :

*A arte de escrever precisa assentar numa atividade preliminar já radicada, que parte do ensino escolar e de um hábito de leitura inteligentemente conduzido; depende muito, portanto, de nós mesmos, de uma disciplina mental adquirida pela autocrítica e pela observação cuidadosa do que os outros com bom resultado escreveram.*

*Problemas de Redação*

*Os essenciais são dois : plano de redação  
técnica de uma fórmula  
ção verbal. 2*

Sem pretender questionar a visão-de-mundo do autor revelada pela hierarquia que estabelece, é preciso ficar bem claro que partiu de premissas diferentes daquelas que temos aceitado como corretas na elucidação dos fatos e para as quais texto, autor, mundo constroem-se integradamente. Conseqüência : nossos caminhos não são os mesmos.

Não estamos preocupados com planos, técnicas ou estudo de modelos para reproduzi-los. Nosso trabalho não se inicia pelo estudo da ortografia, da análise sintática, das normas de concordância, de regência. Não pressupõe a organização de es-

---

2 . Camara Jr., J. Mattoso. Manual de Expressão Oral e Escrita 5.<sup>a</sup> ed., Editora Vozes, Petrópolis, 1978, p. 59.

quem as disjuntoras entre discurso direto e indireto, denotação e conotação, texto descritivo, narrativo, dissertativo que partem de pressupostos sobre a língua, difíceis de se admitir, dentro de uma concepção dialética da expressão humana. Não utiliza textos padrões como inspiração.

Vejamos outro exemplo :

*Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar (...) Quando nós, professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes sugerirmos roteiros ou rumos para fontes de idéias, sem, por assim dizer, lhes "fertilizarmos" a mente, o resultado é quase sempre desanimador...*

*Escreve mal o estudante que não tem o que dizer porque não aprendeu a pôr em ordem seu pensamento. (páginas 273, 274)*

.....  
Exemplo de descrição: "O Ginásio Mineiro" de Daniel de Carvalho, página 346;

Exemplo de narração: "O Cajueiro" de Rubem Braga página 340;

Exemplo de dissertação: "Meditações" de Gilberto Amado, página 357. 3

Há ainda, outra opção entre professores de língua que não corresponde à nossa. Manuais de redação valorizam, propõem e os professores aplicam a proposta da liberação de emoções em sala de aula, para provocar a criatividade dos alunos<sup>4</sup>. Também

3 . Garcia, Othon M., Comunicação em Prosa Moderna, Fundação Getúlio Vargas, 2ª. ed., Rio de Janeiro, 1973.

4 . Secretaria de Educação  
Coordenadoria do Ensino Básico e Normal  
março de 1971

Documento V - "Criatividade e Educação: Redação Escolar"  
Samir Curi Miserani

"A posição científica contemporânea procura investigar criatividade, servindo-se principalmente das pesquisas da psicologia, da cibernética, da teoria da comunicação e das ar

não acreditamos nesse caminho, por entender que o desejo de escrever é resultado de longo processo, no qual devem existir razões objetivas para que se concretize. A liberação de emoções, infelizmente, está fora do alcance do poder do professor e dos limites de sala de aula, pois assim como o sistema nos pretende controlar as formas e o momento do uso da expressão, também tenta nos fazer sentir as emoções padronizadas, dentro de limites perfeitamente controláveis.

c. E tudo está se fazendo...

Ao rejeitar tantos encaminhamentos, teríamos descoberto uma fórmula, um guia para professores de português ?

Não. Nosso trabalho é a reflexão que fazemos sobre experiências vivenciadas por professores e alunos. É uma proposta para se discutir essas experiências, para redimensioná-las.

---

4.. tes e do próprio pensamento artístico, científico e filosófico de um mundo industrial e técnico. Até mesmo a escola, tradicionalmente tranqüila em relação ao "mundo lá fora", já se sente perturbada em ter de ser "criativa" (...) Criatividade em educação é um processo de desenvolvimento integral da inteligência, emoção e imaginação".

Redação Escolar: Criatividade, 2a. ed., 1975

Samir Miserani

Fernando Costa

F. Di Giorgi

6.ª série, página 16

"Estímulo para escrever - entenda aqui estímulo como uma força que provoca seus sentimentos, que esquenta suas emoções como alegria, tristeza... Para que? Para você não ficar rígido, sem flexibilidade. A emoção alimenta a imaginação. E imaginar é ir além da imagem dada. Se você ouvir música ou poesia, aproveite a emoção que elas provocam e deixa a imaginação bem solta. E enquanto lê ou ouve descansa do ato de escrever".

A grande preocupação no encaminhamento diário deste trabalho é viver a coerência entre os seus pressupostos e os procedimentos.

Consta, basicamente, de três estratégias :

- c.1- Assumir a vida e assumir o texto;
- c.2- Impor-se como grupo e fazer-se ouvir;
- c.3- Organizar a ação e organizar idéias.

c.1- Assumir a vida e assumir o texto

Ao se pretender que o aluno assuma o texto como deve assumir a vida, trabalhamos a partir de assuntos escolhidos por eles e que possam debater, utilizando informações de sua experiência confrontados sempre com as de outras fontes. Procura-se observar, nos textos dos alunos, as expressões vagas, o uso de generalizações sem dados; construções vazias que aparecem ao lado de referências esclarecedoras e da explicitação de um raciocínio.

Eis um exemplo :

Nós, jovens que vivemos em São Paulo

*O jovem da classe média está acostumado a receber bombardeios de todos os lados, principalmente nas grandes cidades.*

*Quanto à busca da verdade, a classe média é a que mais se empenha, principalmente seus adolescentes, os quais procuram se afirmar cada vez mais como "jovens".*

*Os jovens são podados porque se convencionou que o jovem, enquanto não é adulto, é somente jovem o que, para muitos, é sinônimo de ignorância. Não existem governadores, depu*

*tados e senadores jovens. Por que ?*

*O jovem mudará os rumos da nossa História, o jovem da classe média.*

*Os jovens pobres são, na verdade, os que mais necessitam das verdades omitidas, mas não têm condições de buscá-las.*

*Os ricos, em sua maioria, não necessitam da verdade. Vivem bem sem ela. E isso reflete nos jovens ricos. São como os americanos, não têm um ideal de vida; já está tudo pronto para eles receberem. Não procuram nada e isso causa a alienação e mais omissões da verdade.*

*Resta aos jovens da classe média encontrar a verdade e trazê-la para os demais, mas devem buscá-la enquanto são jovens; depois tudo muda; as coisas não são mais as mesmas; os pontos de vista mudam. As pessoas são muito mais coerentes enquanto são jovens. Os jovens são mais puros, não conhecem o mal a fundo; a única coisa que algum dia pode danificar o jovem são os bombardeios e os maus exemplos a que ele é exposto.*

*(A. Masson, 8.<sup>a</sup> série, Col. de Aplicação - USP, 1980).*

A presente redação foi escrita depois de algumas aulas em que o assunto discutido fora os mitos que vamos aceitando sobre fatos que desconhecemos, bem como, os interesses que envolvem as dificuldades criadas, quando procuramos conhecê-los.

Os alunos haviam manifestado a insatisfação que experimentam em relação aos juízos emitidos sobre eles, os jovens. Que não os levam a sério; não participam da experiência do diálogo, nem em casa, nem na escola. Que os adultos os desco-

nhecem e, no entanto, falam com segurança sobre seus sentimentos, opções, modos de ser, quase sempre para criticá-los ou desculpá-los : *são jovens*. Na verdade, não sabem que os jovens guardam segredos só partilhados por amigos ( às vezes nem por amigos ) que os adultos jamais seriam capazes de supor.

Reivindicavam veementemente o direito de ser ouvidos na escola que os considerava como pertencentes a oitavas séries difíceis.

Tomamos a decisão, após alguns encontros, de sugerir que escrevessem sobre eles, jovens de classe média que vivem em São Paulo. Fizemos questão de particularizar a situação econômica e a cidade para evitar que falassem, por exemplo, dos pobres, fugindo enfrentar o ter que falar de si próprios. Porém, a maioria das redações foi como a do A. Masson, aluno bastante ativo, nas discussões.

O quadro seguinte é resultado das discussões sobre a redação de A. Masson.

ENCADEAMENTO DAS IDEIAS	
<p>jovem - classe média - no presente são bombardeados</p> <p>jovem - de modo geral - marginalizado, si- nônimo de ignorância. Não há representan- tes do povo, na direção do país, jovens. Mas o jovem mudará o rumo da História.</p> <p>jovens pobres - os que necessitam da ver- dade não têm condições de buscá-la</p> <p>jovens ricos - não necessitam da verdade vivem bem sem ela</p> <p>comparação: são como os americanos, sem ideal de vida; recebem tudo pronto. A fal- ta de busca é fator de alienação e mais omissão da verdade</p> <p>jovens da classe média - têm condições de encontrar a verdade.</p> <p>- trazê-la aos de- mais</p> <p>Enquanto são jovens são coerentes, puros, não conhecem o mal</p> <p>jovens - poderão ser danificados com bom- bardeios e maus exemplos</p>	<p>ausência de exemplificação - o que são esses bombardeios ?</p> <p>ausência de especificação - o que con- sidera um governador jovem ?</p> <p>transferência do problema para o futu- ro: mudará o rumo da História ?</p> <p>qual verdade ? Ausência de referências Não a estão vivendo no seu dia-a-dia ?</p> <p>comparação vaga. Ausência de elementos elucidativos - quais americanos ?</p> <p>Qual a relação entre alienação e omis- são da verdade ?</p> <p>ausência de justificativa para a afir- mação. Por que os da classe média ?</p> <p>Qual verdade levará às outras classes? Quais critérios classificam <u>pureza</u> e <u>maldade</u>. São coerentes. Quais crité- rios estabelecem a coerência ?</p> <p>falta análise sobre o julgamento de "maus exemplos" e elucidação sobre "bom- bardeios"</p>

c.2- Impor-se como grupo e fazer-se ouvir

Ao se pretender que o aluno utilize a linguagem escrita para se fazer ouvido, para que suas palavras sejam esclarecedoras e motivadoras, utilizamos como fontes de informação a imprensa e os depoimentos de pessoas entrevistadas. A necessidade de se trabalhar com a argumentação fez com que desenvolvêssemos nosso estudo em torno da comparação entre três tipos de argumento : 1) utilizado pelos alunos e a forma como os utilizam; 2) os que aparecem em entrevistas que os próprios alunos realizam; 3) em textos constantes dos jornais da grande imprensa e da imprensa alternativa.

Discute-se sobre a posição do autor que, disfarçada ou clara, aparece no texto de jornal. Para esse trabalho orienta-se uma pesquisa envolvendo vários aspectos : a) a questão dos interesses defendidos por meios de comunicação; b) as contradições entre a realidade e o noticiado; c) a inserção do fato nas mudanças que ocorrem na conjuntura econômica e política do país ou do mundo; o seu valor no tempo; d) o tratamento que se dá ao fato enquanto notícia e nos vários desdobramentos de comentários e editoriais; e) como esse tratamento traduz-se em formas de expressão.

Em 1981, com os segundos colegiais, período da manhã, trabalhamos na seguinte seqüência :

I - Linguagem e Poder. Importância da informação para ampliação do conhecimento. Não neutralidade do texto escrito.

A - Importância da linguagem na História da Humanidade. A

utilização da língua pelos meios de comunicação. A imprensa e as restrições à palavra.

1. Estudo analítico de textos sobre :

- a) origem da linguagem articulada;
- b) situação de jornalistas e escritores no registro dos fatos contemporâneos;
- c) arte e compromisso com a visão-de-mundo dos diversos grupos sociais;
- d) importância dos depoimentos e relatos para a História.

#### Textos Utilizados

1. "Humanização do Macaco pelo Trabalho", em A Dialética da Natureza de Friedrich Engels<sup>5</sup>
2. "Origens da Humanidade", em História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde, PAIGC, 1974<sup>6</sup>
3. "A Imprensa de Resistência" de Michael Scamell e
4. "O Risco de Informar" de Phillip Knightley, em Revista Veja, julho e agosto de 1979<sup>7</sup>
5. "Cinco Maneiras de Dizer a Verdade" de Bertold Brecht, em Cadernos de Opinião, s/d<sup>8</sup>
6. "À tarde, aqui, junta menino que só", texto elaborado

---

5 . Friedrich Engels. A Dialética da Natureza, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976.

6 . PAIGC : História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde, Portugal, Ed. Afrontamento, 1974.

7 . Revista Veja, São Paulo, Ed. Abril, 1979.

8 . Texto mimeografado

por mim e por um grupo de professores de Itacoatiara, Amazonas. ( Veja anexo )

II - Linguagem do jornal. Reportagem, notícia, editorial ou comentário. A reportagem e a documentação histórica. A construção da argumentação. Como aparece no texto de jornal ?

#### Textos Utilizados

1. jornais diários da grande imprensa
2. "Segurança e Desenvolvimento" de José Silveira, em Fo-  
lha de São Paulo, 6 de julho de 1981

Análises, julgamentos, referências a fatos próximos ou distantes no tempo e no espaço; referências a palavras de outras pessoas, exemplos, palavras-de-ordem, uso de símbolos devem ser pesquisados em comentários e editoriais para verificar-se como, ao sustentar uma argumentação, seus autores defendem pontos de vista de grupos e como vaza, através desses instrumentos formais, a não neutralidade do texto.

Como parte dessa pesquisa, tem sido feito trabalho interdisciplinar com professores de Química, Geografia e História. O objetivo é conseguir, com os alunos, condições para obtermos dados de determinado espaço social : cidade, bairro. Que devem ser integrados com outras informações, outros conhecimentos obtidos em estudos anteriores e posteriores.

É o que tem sido chamado de ESTUDO DO MEIO.

Na realização desse trabalho, discute-se o papel mais específico da língua entre as outras disciplinas. São organiza

dos elementos teóricos para se observar, na fala dos entrevistados, os sinais do modo como se situam no mundo.

Quando da realização do estudo do meio, os entrevistados discorrem sobre alimentação, condições e locais de trabalho, diversões e convivência; aspirações. Os alunos, devem, então, observar as marcas do tempo e das mudanças que vêm caracterizando suas vidas, seu meio e o modo como explicam essas mudanças.

Apresentamos considerações que o Prof. Antônio Cândido faz em seu livro Os Parceiros do Rio Bonito<sup>9</sup>, no capítulo "As representações mentais", sobre a importância social do alimento e seu valor simbólico. Como a *privação dos alimentos mais prezados, espécie de fome psíquica, constitui fator de insegurança, interfere na personalidade e a freqüência com que a carne aparece em contos, aventuras e cururus ( pág. 196 ).*

Trabalhamos também com o quadro abaixo para, de certo modo, dirigir a coleta de dados que deverão ser utilizados, em classe, para estudo da concepção de mundo de entrevistados e entrevistadores.

---

9 . Antônio Cândido. Os Parceiros do Rio Bonito, São Paulo, Duas Cidades, 1979.

Ao registrar os depoimentos, durante o Estudo do Meio,  
procurar observar o quadro abaixo:

1. Distinguir o falar posicionado

- a) opiniões pessoais
- b) defesa de pontos-de-vista
- c) exemplificações
- d) explicações

2. Distinguir uma concepção mais estática ou mais dinâmi-  
ca do mundo

- a) temporalidade (relações presente, passado, futuro),  
percepção e explicação das mudanças
- b) percepção dos aspectos contraditórios dos fatos
- c) relação entre esses aspectos contraditórios
- d) fatalismo ou historicidade (atuação na vida, no gru-  
po social; importância atribuída à experiência; cren-  
ça no destino; determinismo)
- e) relação particular-universal.

3. Distinguir a consciência que têm de sua situação no  
mundo (consciência pessoal e consciência de grupo)

- a) aspirações, sonhos, lutas pessoais e coletivas;
- b) falar por si; pelo grupo;
- c) assunto dessas aspirações e dessas lutas.

4. Distinguir falar mais simbólico e falar menos simbó-  
lico

- a) expressões de significação mais direta ou expres-  
sões multissignificativas (metáforas);
- b) comparações: elementos constantes das comparações
- c) presença da natureza na simbologia utilizada ( ani-  
mismo );
- d) presença do humor.

Na volta do Estudo do Meio, os alunos organizam e complementam suas anotações. Esclarecem dúvidas. Depois das primeiras aulas de troca de material e discussão das informações, redigem textos que serão retomados, mais tarde, para o aprofundamento do assunto específico, em cada disciplina.

Eis um exemplo de redação sobre *O Trabalhador da Região de Rio Claro* ( interior do Estado de São Paulo ), escrita por alunas do 2º ano do Magistério, 1982.

*Com as entrevistas, percebi, partindo do depoimento das pessoas que o solo da região é rico, mas os trabalhadores são pobres.*

*A região de Rio Claro é de terra roxa, não sendo necessário produto químico para prepará-la; somente adubo orgânico, esterco, pois é muito boa.*

*Produz principalmente cana de açúcar e frutas cítricas como laranja, lima, limão e também abacate.*

*Como percebemos, a área de Cascalho, bairro rural de Rio Claro, tende a desaparecer. Os sitiantes preferem deixar a laranja apodrecer no pé, do que vender para as indústrias, pois não têm bom preço no mercado. Assim, cada vez mais, estão desaparecendo os sitiantes, pois as indústrias estão comprando suas terras para a utilização.*

*Constatamos que os trabalhadores são humildes, não têm dinheiro, mal comem. A maioria não tem casa própria e vive em condições muito precárias. Também o trabalhador da usina de açúcar (Usina Santana) e os "bóias frias" que trabalham no corte da cana. Essas condições são principalmen-*

te devido ao salário que ganham.

O ambiente de trabalho, na Usina Santana de Açúcar e Alcool é muito duro. Existem lugares muito quentes. Pode acontecer acidentes como estourar uma caldeira. Podem se queimar. E ainda tem o cheiro e o pó que são muito fortes. O ar que respiram pode causar diabete, porque tem açúcar.

Observamos que as pessoas não usam roupa apropriada para o serviço. Trabalham sem capacetes, nem luvas. Se acontecer alguma explosão, as roupas grudarão no corpo do trabalhador, pois são de fio sintético. O madeiramento dos andares deixa muito a desejar e se não se tomar o cuidado qualquer um pode cair no andar inferior. As grades que rodeiam as repartições estão soltas, com perigo de cair, se as pessoas se encostarem nelas. Devem tomar cuidado senão vão chão abaixo. Ao passar pelas máquinas, cautela, pois estão em temperatura elevada e podem causar queimaduras em pessoas menos atentas.

Como vimos, os trabalhadores em geral, que moram nessa região rural, não têm segurança de trabalho e nem garantia, pois estão sujeitos a serem mandados embora, o depois de um certo tempo. O contrato de trabalho da maioria termina, quando termina a safra.

Cristina, Neide e Zeny

Esse texto foi completado com outro, escrito por Maria Emília, Ana e Ilda que reproduz a opinião de um dos operários entrevistados.

'Aqui ninguém tem proteção nenhuma; tem gente que já

teve problema de idéia.

O açúcar do ar provoca diabete; o meu chefe morreu com diabete. Consta que foi de acidente, mas a verdade é que ele já não enxergava mais por causa da doença.

O que eu mais quero na vida é poder me aposentar, por que aqui a gente morre antes.'

Sr. Alcides trabalha há 25 anos na usina.

Sua jornada de trabalho é de 16 horas diárias, inclusive sábado e domingo, na época da safra. Ganha Cr\$ 120.000,00 por mês.

Sobre política diz que vai ser difícil continuar assim.

'Salário mínimo não está nem Cr\$ 20.000,00

Um dedo sozinho quebra fácil. Tem que ter união.'

Apesar da situação diz que é bom trabalhar na usina e que para ele agora a vida é melhor.

De acordo com a proposta de se procurar compreender como os entrevistados se situam face aos problemas que enfrentam, quais suas aspirações, como explicam os fatos que vivem, vamos trabalhando, em classe, com as contradições que aparecem nos depoimentos, procurando também aproveitar os subsídios fornecidos por Química, História, Geografia para melhor compreensão do significado das diversas opiniões.

No final dessa segunda etapa, as equipes redigem textos mais complexos em que procuram trabalhar um pouco mais o uso da linguagem escrita.

A seguir, um dos textos que a classe (2ª colegial B), julgou importante pelas comparações que apresenta.



Fazenda Ibicaba, Rio Claro, São Paulo  
Sr. Nico, apanhador de café - 1982

Foto: Mônica Lima

"FAZENDA IBICABA. ENTREVISTA COM BENEDITO E SUA MÃE,  
D. MARIA APARECIDA"

autoras: Aline Deris, Cristina F. Alves, Lúcia Bello, Mônica  
B. V. Lima

2º ano do 2º grau, 1982

*Fazenda Ibicaba, manhã, 4ª feira, dia 8 de junho de  
1982.*

*Em frente à Escola Isolada da Fazenda Ibicaba, no Mu-  
cípio de Cordeirópolis, pertencente à Delegacia de Rio Claro,  
conhecemos o Benedito (Dito) de sete anos de idade que nos con-  
cedeu alguns dados sobre a vida na Fazenda Ibicaba, apresentan-  
do-nos sua mãe, D. Maria Aparecida, que nos contou sobre as  
dificuldades da vida na colônia.*

*Tinha bastante criança, mas agora só tem eu*

*Embora tendo uma vida simples, sem privilégios e com  
escola perto da colônia onde mora, Dito tem um sonho de estu-  
dar em Cordeirópolis e não gostaria de estudar na escola da Fa-  
zenda. Atualmente Dito é uma criança sozinha e para brincar só  
tem seu irmão de três anos, Fernando Jesus, de quem tem que to-  
mar conta.*

*Gostava de brincar com eles, só que eles briga muito*

*Com essa afirmação surgiu uma dúvida: por que os vizi-  
nhos de Dito foram embora? Ao que consta o patrão perdeu o re-  
lógio e o filho do coxeiro tinha um igual. O guarda disse que*

o filho do coxeiro que tinha roubado. Os dois, guarda e coxeiro foram mandados embora.

### Meu pai é muito bravo

Dito diz que o pai é quem faz as compras para sua casa e que sua mãe "não pega dinheiro na mão".

O pai de Dito não gosta que uma das suas filhas vá até a colônia por ela trabalhar em uma "pensão" que, a nosso ver, não deve ser pensão familiar. Mesmo assim sua irmã visita a família, na ausência do pai.

O pai de Dito trabalha na Fazenda Ibicaba, roçando e carpindo. Tem cinco filhos, sendo quatro mais velhos. Um deles está desempregado, o Luís de 13 anos de idade. Segundo Dito "é difícil achar serviço aqui". Embora houvesse uma chance de emprego em uma fábrica, Luís não foi aceito devido à sua pouca idade.

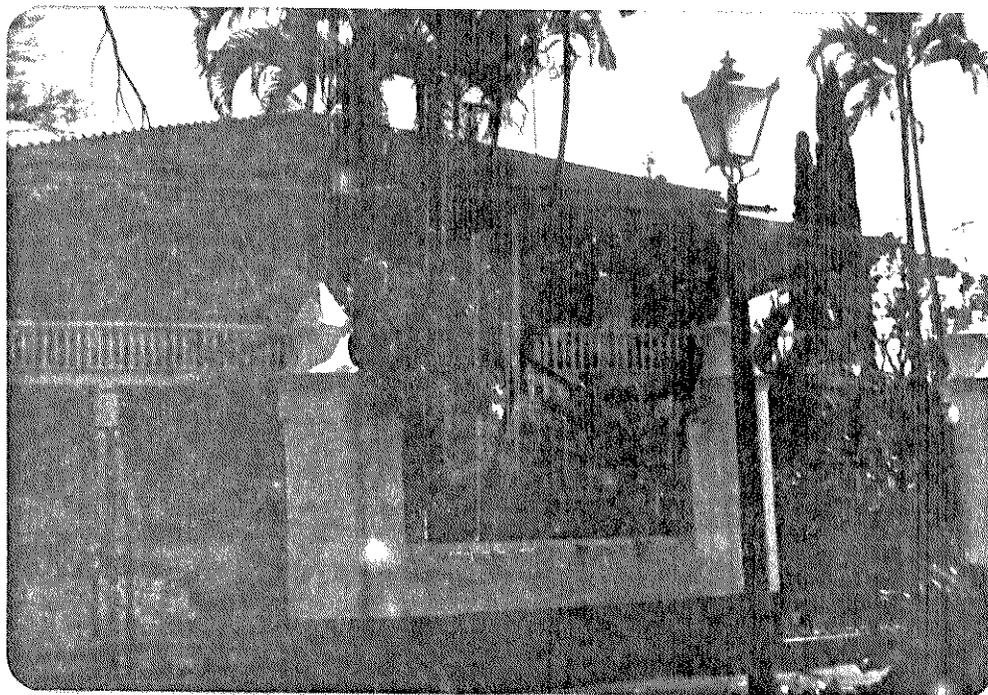
Dito nos apresentou sua mãe, D. Maria Aparecida.

### As influências do passado no futuro

De 43 anos, analfabeta. Analfabeta porque seu pai não deixou que estudasse. "Meu pai morreu e agora eu pago os pecados". Embora há quatro anos atrás estivesse morando em Araras, sempre morou em fazenda e voltou a morar, agora, na Fazenda Ibicaba, em busca de trabalho que na cidade não encontraram nem ela, nem o marido, nem os filhos.

### Chove muito dentro de casa

Sede da Fazenda Ibicaba, Rio Claro, São Paulo  
1982



Colônia da Fazenda Ibicaba, Rio Claro, São Paulo  
1982

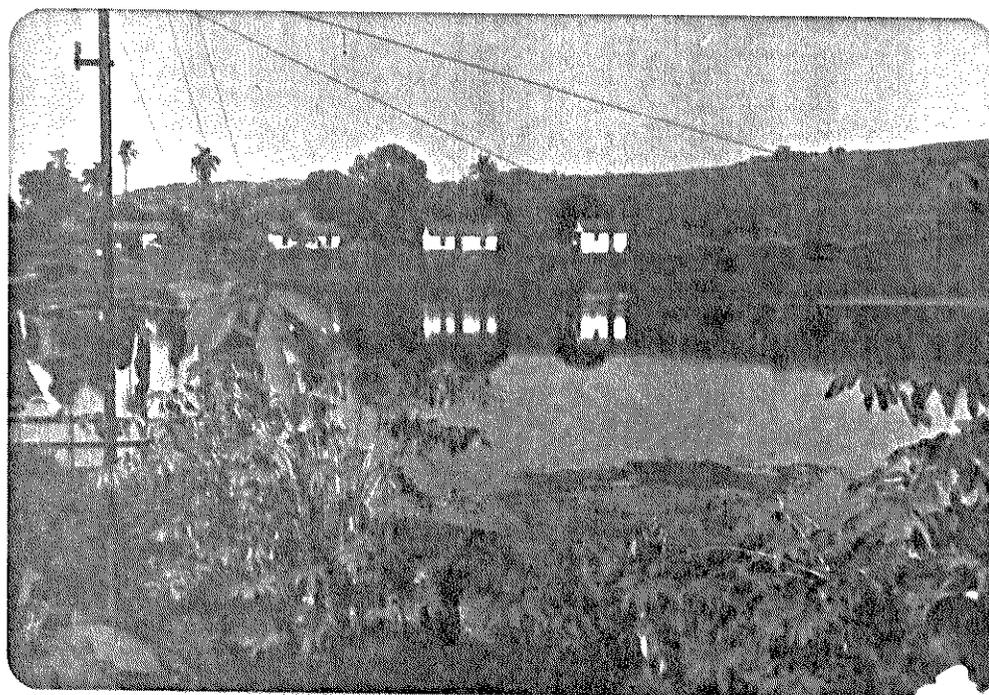


Foto: Mônica Lima

A casa, onde mora, é da fazenda e os colonos não pagam aluguel. São responsáveis pela manutenção da casa.

A casa tem quatro quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro que fica no quintal. Um dos sonhos de D. Maria é ter um banheiro dentro de casa.

O que se faz na casa para melhorá-la é obrigatório deixar, se por ventura, o colono for mandado embora. Além disso, como as coisas são muito caras, não há condições de modificá-la.

D. Maria se sente obrigada a morar naquela casa, naquela fazenda.

#### Sua vida, seus sonhos

D. Maria não tem uma vida de lazer. Fica em casa e, como já dissemos antes, não sai nem para fazer as compras.

Pareceu-nos que D. Maria não tem amigos e lhe perguntamos o que ela achava de os vizinhos terem ido embora e quanto tempo fazia. E a resposta foi: 'Foi bom eles terem ido embora, foi um sossego e faz bastante tempo, até anos'.

D. Maria tem muitos sonhos. Eis alguns: que na escola fosse formada uma turma de mais velhos, assim ela poderia estudar. Que seus filhos ganhassem melhor, que tivessem uma casa mais bem arrumada, com móveis melhores. Ir morar em Cordeiro (Cordeirópolis). Mesmo assim vai vivendo, sem muitas esperanças.

Obs.: D. Maria não falava por si própria na entrevista. Tínhamos de ficar perguntando. Demorou para que ela abrisse a porta, talvez por vergonha de sua casa, de seus móveis etc.

Uma experiência que valeu

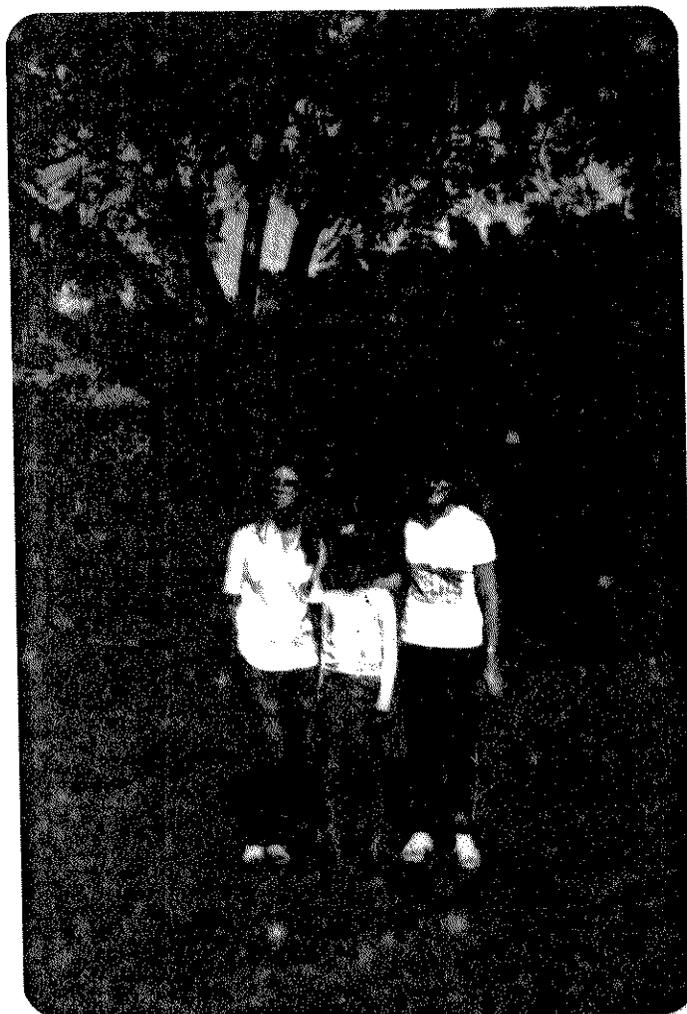
Para fazermos esse trabalho, escolhemos duas entrevistas, nas quais podemos comparar a "nossa vida" com uma vida simples, porém, cheia de complicações, cheia de sonhos e esperanças, como coisas que temos no nosso dia-a-dia. Essas pessoas entrevistadas lutam com unhas e dentes para conseguir parte do que desejam. E muitas vezes esses esforços tornam-se vão.

Essa entrevista nos mostrou a diferença entre uma criança de sete anos, em uma região rural e a vida de uma criança de classe média, na mesma idade, em uma região urbana.

A maturidade, a responsabilidade que a criança da região rural tem que adquirir desde cedo; seu modo de ver os problemas que os pais enfrentam constantemente. Já a criança da cidade pensa apenas em brincar, não assistindo assim os esforços dos pais que lutam por uma "vida melhor". Mas isso não é culpa dessas crianças e sim dos pais que omitem o que realmente acontece dentro da família.

D. Maria, uma mulher de 43 anos, aparenta no seu rosto a vida sofrida que leva. Assim como outros colonos que tivemos oportunidade de observar, teve receio de abrir a porta, medo talvez, mas por que ?

Olhando para dentro de cada um de nós, vemos, nesta hora, que o sofrimento que temos em nossa vida de classe média, às vezes não chega nem aos pés do que as pessoas do tipo de D. Maria com os mesmos sonhos e idades enfrentam.



Benedito (Dito), morador da colônia da  
Fazenda Ibicaba e as entrevistadoras,  
Aline e Cristina

Rio Claro, São Paulo - 1982

Foto: Mônica Lima

Exemplo de Texto de jornal estudado em classe para verificação de : 1) o FATO e seu desdobramento no tempo;

2) o FATO como índice de uma conjuntura histórica.

Estudo da opinião do autor e as referências por ele utilizadas

FOLHA DE S. PAULO

Segunda-feira, 6 de julho de 1981

José Silveira

## Segurança e desenvolvimento

Curiosamente, ou talvez nem tanto, quanto mais aumenta o número de pessoas envolvidas com esse rendoso negócio da segurança, maior é a insegurança dos cidadãos. E quanto mais atrasado o país, maior o aparato. A insegurança dos cidadãos, mesmo nos países atrasados, é resíduo: Da fome, da incultura, do subdesenvolvimento, enfim.

Os países adiantados mantêm, claro, sofisticados e caros organismos de detecção e intervenção para casos de "segurança nacional". Pouco visíveis, mas eficientes. E, alegam os preocupados em inflar o "sistema", nem assim se impedem atentados como os que vitimaram os irmãos Kennedy, o pastor Martin Luther King, e, mais recentemente, o presidente Reagan e até o Sumo Pontífice. Devagar, que esses personagens citados, todos eles, "enfrentam" multitudes. A exceção do Papa, que ocupa um trono — eleito por eleitos — que é a própria imagem da paz e da bondade, os demais são políticos que disputam votos. E votos não de colégios fechados, mas de povo.

Pois bem, mesmo nesses países com tradição de violência contra chefes de Estado, as medidas de segurança são menos óbvias que as que protegem os Duvalier, os Somoza, os Trujillo, os Stroessner e semelhantes. Na Alemanha o presidente chega às solenidades acompanhado apenas do motorista e do chefe do Protocolo. O primeiro-ministro da Suécia vai de casa para o trabalho dirigindo seu próprio carro. Giscard, o aristocrata, também dirige seu carro frequentemente, e inaugurou um programa de aparecer, de surpresa, numa casa de pessoas comuns para tomar café da manhã.

Compare-se: o sequestro e a tortura de um continuo do Senado, há pouco, leva a mesa a acareá-lo com o fantástico número de 244 agentes de segurança a serviço do Senado. Duzentos e quarenta e quatro "seguranças" para meia centena de senadores. Quantos terá a Câmara dos Deputados com meio milhar?

A partir das cassações de mandatos, de cátedras, de magistrados, da eleição indireta, dos senadores biônicos, das prorrogações de mandatos, das nomeações de prefeitos para cidades importantes, das demissões compulsórias do serviço público, inclusive das Forças Armadas, do banimento de cidadãos brasileiros, enfim, do conjunto de medidas tomadas para restabelecer a legalidade ameaçada pela "corrupção e a subversão nos ignominiosos tempos etc" floresceu uma indústria que atraiu até a atenção de empresas estrangeiras do setor. Quando inúmeras empresas nacionais tiveram que fechar, ou se associar ou se entregar a congêneres estrangeiras, um setor cresceu de forma surpreendente. Nem a xerox, fenômeno tecnológico ímpar da segunda metade do século, teve crescimento igual. De três ou quatro linhas nas listas telefônicas de 15 anos atrás, a várias "páginas amarelas". Agências de segurança, algumas estrangeiras, especializadas em transporte de valores, juntaram-se ou contrataram oficiais da reserva e tome faturamento. No Rio de Janeiro, chegou-se ao cúmulo de dispensar a Polícia Militar e contratar uma empresa particular especializada para policiar as agências do Banco do Estado. (Isso acaba, felizmente, em agosto.) E não são poucas as repartições públicas que mantêm contrato com tais organizações privadas.

Pairando sobre tudo e sobre todos, o "sistema". O SNI e suas agências de oficial, da ativa e da reserva, o Clex no Exército, o Cenimar na Marinha, o Cisa na Aeronáutica, os Doi nas segundas seções das grandes unidades, as próprias segundas seções nas unidades militares menores, os Dops dos Estados, as P-2 nas polícias militares, as polícias militar e civil, as divisões de segurança e informações em todos os ministérios civis, serviços de segurança em todas as empresas estatais e mais os serviços congêneres em algumas empresas privadas. Poder-se-ia pensar que num país como esse não há riscos para os cidadãos, tão policiados são, secreta e ostensivamente. Engano.

Da abertura às bombas do Riocentro, registram-se quase 100 atentados, em bancas de jornais, em jornais (a "Trinca de Imprensa", devidamente "coberta", foi pelos ares), d. Lida Monteiro, secretária da OAB, morta, o secretário de um vereador de esquerda, mutilado. Todos os casos sem esclarecimento convincente.

E os cidadãos? A polícia do Rio de Janeiro, agora, está recebendo bazucas para se igualar ao calibre dos bandidos. Continuamos na mesma.

### O trabalho com texto de jornal

Estudar o texto de jornal tem sido uma ocupação bastante aceita pelos alunos. Responde à freqüente reivindicação de se trabalhar o presente; de fazer da aula um momento ligado aos acontecimentos que os afetam, que lhes despertam interesse.

Ocorre que a experiência foi ensinando que o professor de Português deve ter um compromisso maior com o estudo do texto do que qualquer outro leitor: o compromisso de fazer do texto também um material de estudo da língua, fornecendo aos alunos os elementos necessários para perceberem as diversas formas de se expressar ou se elidir a importância dos acontecimentos.

Com essa preocupação, utilizei o texto "Du Spectacle au Meurtre de L'Événement", de Denise Maldidier e Robin<sup>10</sup>, em que as autoras, comparando os diversos comentários sobre os acontecimentos de maio de 1968, na França, demonstram como a ideologia, assumida pelos jornais da época, retrata-se pelo uso de referências, símbolos, tipo de análise ou modo como se dirigem ao público dos diversos diários da grande imprensa francesa.

A partir desse estudo comecei a trabalhar no sentido de fazer os alunos entenderem as diferenças entre notícia, reportagem, comentários assinados e editoriais; a distinção en-

---

10. Denise Maldidier e Régine Robin. "Du Spectacle au Meurtre de L'Événement", in Revista Pratiques, nº 4, março 1977

tre a estrutura dos grandes jornais, jornal alternativo, jornal popular. A importância do fato como sintoma do funcionamento de um sistema social e ao mesmo tempo desencadeador de mudanças nesse sistema. A necessidade da análise do fato para se compreender sua dimensão nessas mudanças.

Simplificando a proposta das autoras, trabalhei com as modulações da argumentação :

- a) ilustrações ( citações de opinião, referências a fatos, lembranças, símbolos );
- b) análises ( reflexões do autor sobre os desdobramentos dos fatos; aspecto generalizante das afirmações, tomadas como indiscutíveis );
- c) uso de provérbios, frases de efeito que tendem a ser aceitos sem discussão;
- d) enunciados de advertência; convocações ( operam a passagem da análise à necessidade da ação, da tomada de posição por parte do leitor ).

O texto de José Silveira, na página 40 foi escolhido por ter surgido de reflexões sobre os acontecimentos do Rio-Centro, em 30/04/81, Rio de Janeiro. É significativo porque até hoje, mais de um ano depois, ainda tem repercussões, consequências. Aparece comentado ou lembrado sob diferentes enfoques.

Neste ano. ( 1982 ), no 1º de maio, a Folha de São Paulo, publicou um comentário sob o título "Rosa e Pólvora" assinado por N.R., correspondente do Rio de Janeiro, que diz o seguinte :

Em contagem especial, poder-se-ia datar os períodos do governo de João Figueiredo, precedendo-os ARC ou PRC, que se traduziriam como antes ou pós Rio-Centro.

O texto foi estudado em classe tendo-se como ponto de partida o uso das referências utilizadas por José Silveira, por exemplo *conjunto de medidas que teria a finalidade de restaurar a legalidade ameaçada pela corrupção e a subversão nos ignominiosos tempos*. Estudamos também as possíveis razões que o levaram a optar por tais tipos de fatos, ao sustentar a argumentação. O modo como, ironicamente, leva o leitor, pela comparação, presente desde o título, a confirmar a opinião expressa inicialmente de que nos últimos 18 anos, enquanto se desenvolveu a indústria da segurança, aumentou, de modo considerável, a insegurança do cidadão comum. As relações entre lucro, segurança, necessidades coletivas, insegurança, subdesenvolvimento e fome.

O uso de referências simbólicas : *as medidas de segurança que protegem os Duvalier, os Somoza, os Trujillo, os Stroessner e assemelhados...*

As interrogações retóricas : *E os cidadãos ?*

Finalmente, verificamos a característica apresentada pelo texto de se estruturar por meio de provas irrefutáveis: De três a quatro linhas, nas listas telefônicas de 15 anos atrás, a várias páginas amarelas e o significado da sagacidade do autor em construir tal estruturação.

Depois desse trabalho, os alunos escolheram, em jornais da semana, alguma reportagem de onde pudessem extrair in

formações. Somadas às de sua própria experiência, deveriam servir como pontos de referência para comentários que, partindo do fato presente na reportagem, extrapolassem esse fato, mostrando relações fato-conjuntura.

Eis um exemplo de texto produzido pelos alunos :

## Jeans, de novo a todo vapor

Depois de atravessar os anos 70 com taxas de crescimento anual nunca inferiores a 20%, as fábricas de tecidos jeans vão fechar 1981 com produção 10% maior do que a de 1980. O resultado poderia parecer negativo, mas é saudado com alegria pelas empresas do setor, depois das perspectivas de grande queda que marcaram o primeiro semestre do ano.

Melhor alternativa do setor para o mercado interno nos últimos anos, os tecidos jeans significam 40% da produção total destinada à indústria de vestuário (exceto camisas): nada menos do que 68 milhões de calças de jeans-indigo (o legítimo) são vendidas anualmente, aproveitando os 108 milhões de metros quadrados de tecido, ao lado de outras 100 mil feitas com os demais tecidos (jeans-color, brins, acetinados, veludos, etc.).

Costurando uma calça completa em apenas 30 minutos, a indústria de confecção leva o consumidor brasileiro a uma agradável proximidade com o norte-americano: aqui já se compram 2,26 calças jeans ao ano, por habitante enquanto nos EUA a taxa é de 3,6/4 calças/ano/homem.

“Essa euforia permitia-nos trabalhar até o ano passado, apenas administrando sonhos, vendendo mais jeans do que se fabricava com grande disputa pelas quotas dos fabricantes. Depois de um 1980 em que compras especulativas engordaram estoques e paralisaram as vendas durante os dois primeiros meses de 1981, voltamos à normalidade — os pedidos em carteira indicam clara tendência de reação em todo o setor. Na área de indigo, a indústria já voltou aos 100% de produção; nos de-

mais jeans, aos 80%”. A informação é de Antônio Miguel H. Canteras, gerente de mercado das Empresas Têxteis Santista, que no próximo mês colocam em operação sua segunda fábrica desse tecido (em Americana, com capacidade para atender o mercado nos próximos 3 anos).

“Estamos com atraso de um mês nas entregas de tecido aos clientes; o estoque nas lojas (6 milhões de calças) equivale à produção de apenas 30 dias. Ora, isto comprova que o setor está reagindo — comenta Canteras.

E é grande o número de novos projetos na área: além da nova unidade da Alpargatas no Nordeste (a mais antiga, desde 1972 no mercado), Sudantex retomou a produção, iniciada em 1974 mas paralisada em 1978, e a Santista dobra a capacidade atual de produção. Estão previstas também implantação de fábricas ou adaptação de maquinário para essa produção em 4 outras empresas (Vicunha, Matarazzo, Calfat e Germano Fehr).

Causas desse aumento? A conquista do consumidor perdendo o jeans a conotação de moda para assumir uma importante parcela do mercado e ampliando também as faixas de venda, atingindo desde o consumidor de 2 anos de idade até os de 45/50, sem se restringir ao público jovem.

“O jeans nivela, de certo modo, as classes sociais, o status da roupa está agora a cargo da etiqueta mas o tecido básico é o mesmo. Já se pretende atingir também setor rural, e os maiores problemas têm sido apenas os de distribuição”, acrescenta Glória Durães, do Departamento de Promoção e Propaganda

da Santista, lembrando que até os setores automobilístico e de cigarros estão lançando produtos na área (Jeans Gol e Voyage da VW; da Fiat e da Philip Morris) para reativar o movimento de vendas de suas concessionárias ou para reafirmar sua imagem num mercado em retração.

Essas características do produto “jeans” é que o tornam uma exceção dentro do setor, afirma, cautelosamente o presidente do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo, Luis Américo Medeiros. Para ele, o setor como um todo acusará, no final do ano, uma redução de 15% na produção, na região Centro-Sul, e de até 25%, no Nordeste.

“Enfrentamos uma das mais difíceis crises setoriais desde os anos 66/67, quando muitas empresas quebraram.”

Medeiros afirma que a demanda interna continua retraída, embora os dados da Federação do Comércio (v. matéria nesta página) mostrem um quadro diferente, e, “embora ainda não tenhamos falências nem concordatas em grande escala, as fábricas trabalham com grande sacrifício de sua lucratividade. As vendas não crescem, os custos financeiros são insuportáveis e a melhor saída tem sido, por enquanto; a exportação”.

De fato, o Brasil já cumpriu 24% da quota de exportação de tecidos de algodão para os Estados Unidos (durante todo o ano de 1980, só vendeu 9% do total autorizado), 12% da quota de fios de algodão (no ano passado, só 1%) e 8% da de confecções (repetindo o ano anterior) em apenas quatro dos 12 meses de acordo.

Reportagem : Economia

Jornal " Folha de São Paulo ", 13/09/81

Comentário : O "Jeans" de cada dia

O que é debatido nessa reportagem, para mim não é novidade, pois trabalho em uma loja que revende "jeans".

O mercado de "jeans", apesar de estar abarrotado, está rendendo o triplo de lucros que qualquer outro tipo de comércio.

Desde a época dos Beatles que a "onda" das calças "jeans" desbotadas, cabelos compridos, crucifixos pendurados, óculos escuros, e filosofias de "Paz e Amor" foram pouco a pouco sendo confundidos na moda, na vida diária dos jovens e até mesmo dos "coroas".

Antigamente usava calça "jeans" quem não podia comprar outro tipo de calça. Hoje, esse quadro virou e o "jeans" é roupa cara.

Foram estipuladas marcas como Soft Machine, Lewi's, Fiorucci, Pierre Cardin, Lee, Staroup, Mac Coy, USTOP, enfim, milhões de etiquetas que acabam em um mesmo fim : o "jeans".

Não parou apenas nas calças, mas foi para camisas, "blasers" e até mesmo sapatos.

Grandes empresas cresceram muito com tudo isso, como por exemplo a Apargatas e a Santista.

A onda subiu desde as crianças, passou pelos jovens, atingindo todos.

Uma calça "jeans" que tenha nome, hoje em dia, está muito cara. Sua venda vale pela venda de 2 a 3 outros produtos. Por exemplo, uma calça Pierre Cardin custa de Cr\$ 5000,00 à

Cr\$ 8000,00, vindo a Fiorucci a Cr\$ 6000,00, chegando à USTOP que é a mais barata.

As pessoas dão muita importância às marcas, aos preços, às etiquetas, a tudo que possa significar "status" de cada um.

Toda essa "onda" veio dos Beatles e de diversos outros tipos de grupos parecidos que quiseram abalar as estruturas sociais, vestindo-se diferentemente das outras pessoas e transmitindo ideologias antes censuradas.

O que mais impressiona é que tudo foi aceito mais uma vez, como sempre. Os jovens de todas as partes do mundo aderiram tais crenças, tais vestimentas.

Surgem as empresas internacionais que, nessa acusação à sociedade, aproveitam-se da situação e fazem mais uma vez comércio.

No Brasil, todas as multi-nacionais de "jeans" são as etiquetas mais caras : Fiorucci (italiana), Levi's (americana, para variar) etc.

Apenas a USTOP e outras marcas que não têm muita fama são brasileiras. Seus preços são desprestigiados; são as mais baratas.

E o "jeans" é todo nacional. É exportado e vem do exterior com uma outra etiqueta o que o torna caro.

Hã fábricas, como a reportagem diz, em que o abarrotamento de "jeans" é tão grande que a alternativa está sendo exportar.

Na minha opinião, quem ganha com o "jeans" não irá fa

lir facilmente, a menos que não saiba adotar as medidas do sistema e não vise lucro.

Na loja que trabalho, o movimento é intenso, desde 2.<sup>a</sup> feira até o sábado. A loja vende muito bem.

Há pessoas que dizem que uma loja de "jeans" não vende tanto. Eu também pensava assim, mas trabalhando com esse produto, pude confirmar que não é nada disso. "Jeans de novo a todo vapor" é uma afirmação verdadeira que tão cedo não perderá sua veracidade.

Maria Helena Tavares de Pinho  
2.<sup>o</sup> ano do 2.<sup>o</sup> grau  
período diurno  
1982

### c.3- Organizar a ação e organizar idéias

Ao se pretender que os alunos registrem a História presente; produzam textos como resultado da reflexão que fazem sobre sua prática e como elemento auxiliar na organização da ação, parte-se das suas experiências particulares significativas para explicação da história vivida hoje por pessoas do seu grupo social. Trabalhar com o aprofundamento da análise que fazem da experiência pressupõe observar como aparece, no texto, a consciência que têm das relações presentes no mundo em que vivem. Procura-se descobrir até que ponto sua participação mais ativa, mais lúcida na vida serve como elemento organizador de suas idéias e como fator da clareza do seu texto.

É uma estratégia que foi utilizada principalmente com alunos do curso noturno.

Considera-se mais importante, nesse tipo de encaminhamento, o texto do aluno, porque :

1. é fonte de informação fecunda. Os alunos do curso noturno são trabalhadores e vivem circunstâncias caracterizadas pelo modo como se concretizam as relações de trabalho, no capitalismo monopolista. Suas experiências são verdades ocultadas que, quando registradas, transformam-se em denúncias.

2. é material de estudo da linguagem de um grupo, dentro da sociedade. Talvez tenham modos peculiares de dizer as coisas que estejam exigindo critérios de julgamento diferentes dos padrões tradicionalmente utilizados, que nunca levaram em conta a expressão popular.

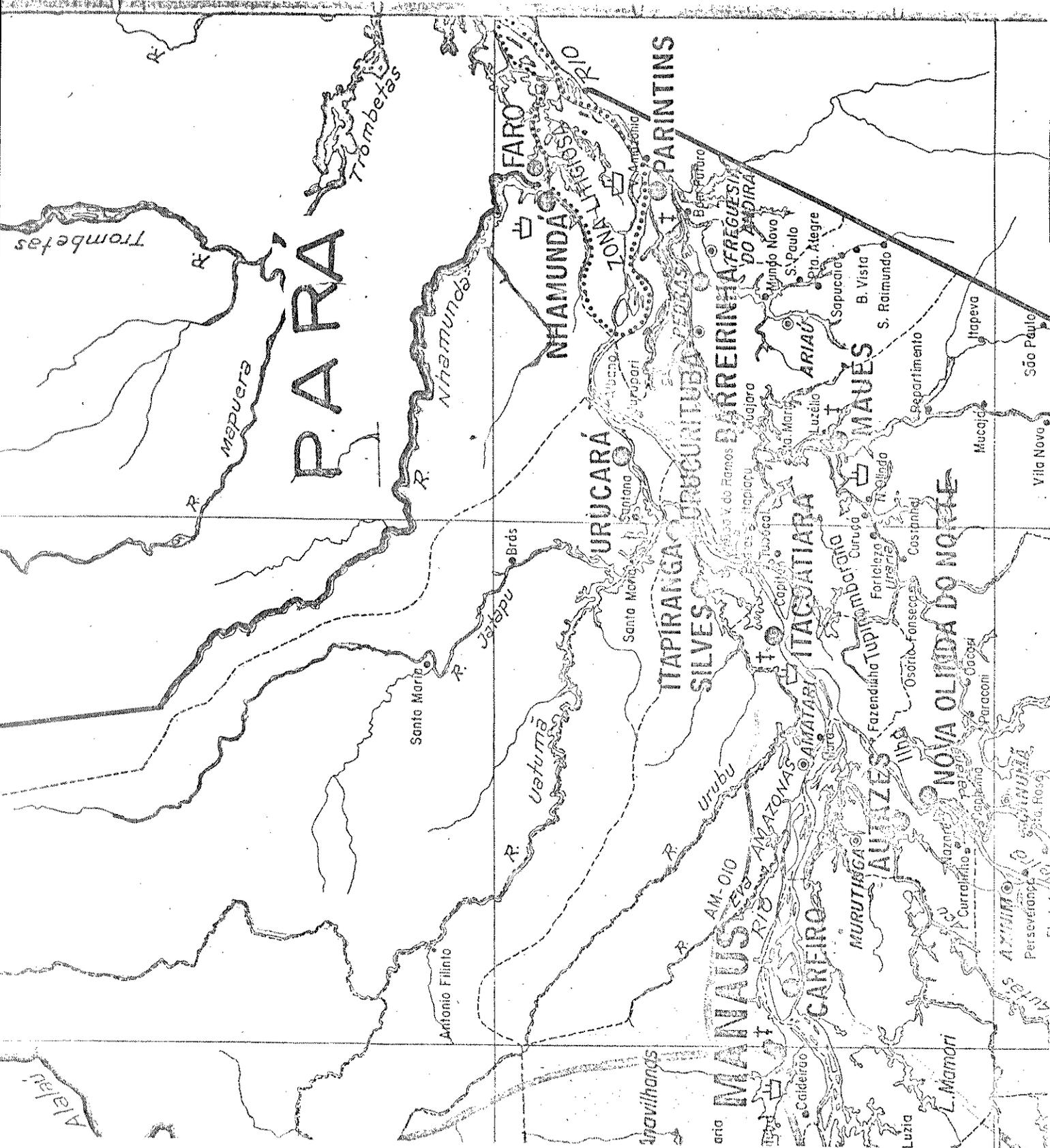
As redações resultantes de relatos de experiências são depoimentos. O que se conhece sobre as características formais do gênero depoimento ?

3. é fonte de pesquisa para se analisar a consciência histórica desses trabalhadores e como essa consciência aparece na linguagem.

Uma experiência fundamental para descoberta de passos a serem dados com esse tipo de objetivo foi a experiência de um curso para lavradores, com dois a três anos de escolaridade no Médio-Amazonas.

II - COM A DIVERSIDADE, A DESCOBERTA

Região do Médio Rio Amazonas



## 1. LÍNGUA : QUEM A ENSINA ?

*"O cacau dá bem na sombra. Se quiser plantar pevide, vá marcando. Se não marcar perde a direção. A safra é de janeiro a julho. O cacaueiro está amarelinho; até o ar está empalidecido".*

*(Aurimar de Lima, lavrador)*

Os lavradores do Médio-Amazonas plantam juta, malva, cacau, outros roçados e se alimentam principalmente de peixe. O viver desses lavradores é conhecido pelas pessoas que trabalham para a Prelazia de Itacoatiara, ligada à Arquidiocese de São Paulo.

Num determinado momento, houve o desejo de fazer as informações sobre a natureza, o trabalho, os costumes, a cultura, enfim, transformarem-se em depoimentos, em notícias que circulassem entre as comunidades.

O conhecimento de fatos ocorridos, na região, é importante, pois há as lutas por terra, pelas defesas dos lagos invadidos por grandes barcos pesqueiros que, vindos de fora, ameaçam deixar a população sem peixe; pescam nas cabeceiras e indiscriminadamente. Há ainda a necessidade de se conhecer as experiências coletivas; o puxirum ( mutirão ) e as dificuldades dos que cuidam das lavouras.

Um dos instrumentos utilizados para veiculação dessas informações é o CIPÓ ( Caderno Informativo do Povo ), de responsabilidade da Prelazia e Itacoatiara e coordenada por Sílvia A. C. Ribeiro. Era intenção da equipe redatora que o noti

ciário sobre as comunidades ligadas à Prelazia aumentasse e que certos aspectos das notícias aparecessem de modo mais profundo, em forma de comentários. Outro objetivo era que o Cipó pudesse ir sendo assumido por pessoas das comunidades e que se tornasse um caderno mais popular, pela linguagem e pela diagramação.

Assim, foi proposto um Curso de Português pelo CENTRE PI ( Centro de Treinamento de Professores de Itacoatiara ) de sessenta horas, que contribuísse para diminuir a barreira que enfrentam diante da língua escrita.

O curso constou dos depoimentos orais e escritos dos alunos, da elaboração de textos pelo professor que, partindo desses depoimentos pudessem se constituir material de estudo para a classe, para os outros lavradores e para o CIPÓ que os iria publicando, nas edições posteriores. Foram também aproveitados textos dos próprios alunos. Organizados jornais murais e jornais falados.

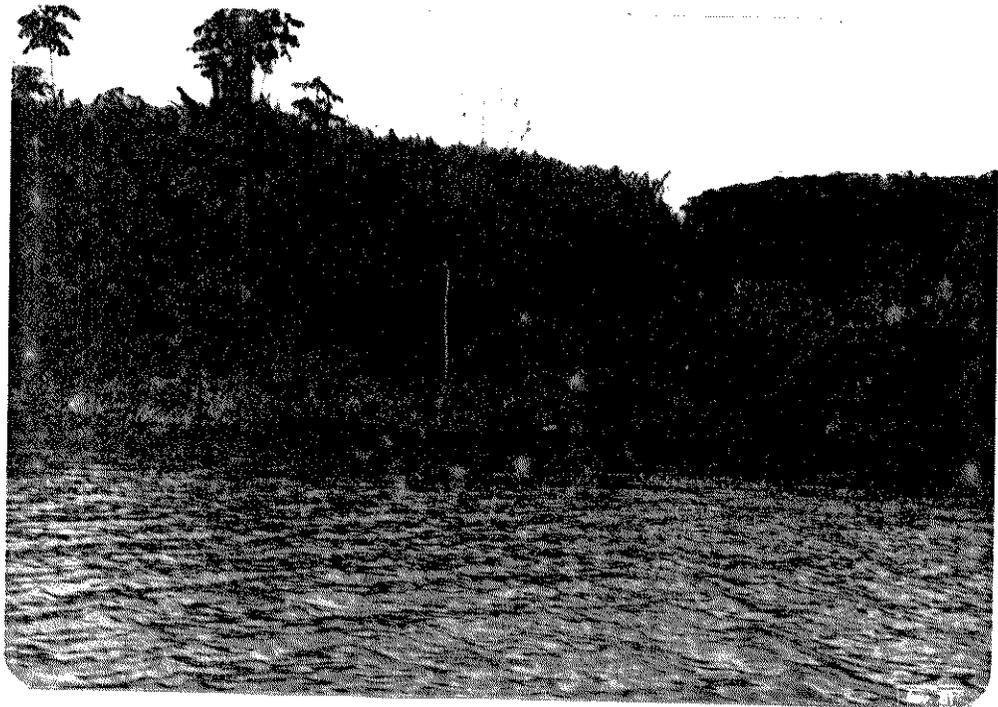
Foi a partir desses textos de alunos que começamos a tentar compreender melhor o estilo que não é o que aparece nas antologias, nem o que nós, professores, dos grandes centros urbanos utilizamos. Há diferenças. Qual o significado dessas diferenças ?

Os textos que se seguem foram escritos como parte das atividades do curso. Através desses documentos podemos conhecer alguns dados sobre a vida dos plantadores e pescadores do Médio-Amazonas, bem como ter elementos para pesquisar as diferenças entre seus textos e aqueles que, de modo geral, são es

crito pelos alunos das nossas escolas.



Várzea Ilha do Risco



Plantação de juta e malva. Ancoradouro  
de acesso a casa

## 2. SE NÃO SE PLANTAR NADA, A GENTE VAI SOFRER MUITO

Hã lavradores que conseguiram dedicar-se à policultura e ficaram livres dos empréstimos bancários. Entretanto, como acontece com a juta, o produto do seu trabalho também não fica na região. É entregue ao motor de linha. Vai para Manaus? Para o Sul ? Para onde ?

Alguns optaram pela lavoura do cacau, pois *o cacau e o guaraná dá pro pobre vestir uma blusa.*

O que contam sobre a plantação de cacau ?

*Plantei cacau em dez hectares de roçado. Plantado o roçado, depois do roçado maduro, fizeram o balizamento, as estradas pra plantação do cacau. O cacau dá bem na sombra. O ingã também dá sombreiro. Se quiser plantar a pevide, vã marcando; se não marcar, perde a direção. A safra é de janeiro a julho. O cacaueiro está amarelinho; até o ar está empalidecido. Vão todos com o paneiro pra colher. Precisa de muita gente. Vai agasalhando o cacau na garera. O povo se reune; vai quebrando com terçado. Tira só o caroço. Sô tira o talo, quando é pra fazer vinho. Vai amassar. Ele é bem caudaloso. Aí enche o tipiti e o caroço deixa secar pra vender. Depois de seco, arruma a sacaria com os comerciantes. Uma caixa de cacau tem 15 quilos, bruto, verde ou seco. Tem cacau que tem muita casca e pouco caroço; precisa até de 40 cacaus prá dar um quilo. Tem cacau até pequeno, mas sô é semente; a casaca é bem fina.*

Os plantadores de cacau encontram dificuldades relacionadas ao financiamento.

*O banco financia o plantio do cacau, mas pra mim não saiu financiamento. Tem muita exigência. Exigem que trabalhe com técnica, que seja muda de cacau da Bahia, que compre adubo. Adubo é mais prã terra-firme. Na várzea, a própria alagação faz a fertilidade, por isso dá mais e com mais facilidade.*

Muita gente abandonou, nestes últimos anos, a plantaçãõ de cacau. Quem planta cacau em terra firme, fica dependendo do nível que a água possa atingir, na época da cheia. Quem planta na várzea, fica ameaçado pelas possíveis enchentes. Antes da grande cheia de 1973, os plantadores faziam previsões mais acertadas quanto às cheias ou secas. Não explicam as razões. Alguns chegam a falar dos prejuízos causados pelos desmatamentos realizados para a plantaçãõ da juta, mas não estabelecem relações claras.

Os plantadores compreendem que a policultura seria um dos caminhos para a solução dos problemas. Porém, a política agrária brasileira sô propõe incentivos à monocultura: cacau na Bahia, juta no Amazonas, soja no Rio Grande do Sul. Quem quiser plantar fora dos planos do governo submete-se às adversidades e às exigências que não são poucas.

*Não adianta plantar uma coisa sô, mas é preciso saber lidar com a plantaçãõ. O milho, por exemplo, plantado em outubro, setembro, não se colhe por causa das ararinhas, macacos, papagaios que perseguem a plantaçãõ. Então temos que plantar em novembro. Acho que não adianta plantar uma coisa sô. Mas não se pode deixar de plantar. Se não plantar nada a gente vai sofrer muito.*

A saída apontada, em diversos depoimentos, não é deixar de ser lavrador. Pelo menos para esses lavradores do Médio-Amazonas.

### 3. NÓS, HOJE EM DIA, SÓ SABEMOS TRABALHAR É NA JUTA VELHA

*O meu trabalho teve uma grande dificuldade, porque todos os anos alagava e este ano não teve água em nosso trabalho. Ficou bom porque os poraquês não iam mexer com a gente, mas ficou ruim porque a gente carregava a juta numa distância de mais ou menos quinhentos metros pra chegar na beira do rio. Aí a gente colocava juta lá n'água. Afojava e, quando passava o motor, dava o banzeiro e escançalhava as jangadas. Tirava o pau de cima da juta; aí caía. Nós de novo afojavamos a juta até amolecer pra gente lavar.*

*Outra coisa que de primeiro, quando não existia esse trabalho de juta, as pessoas não eram doentias. Eu ainda cheguei a ver uma senhora que morreu com 115 anos de idade. Mas, hoje em dia, nós jovens com 15 ou 25 anos já estamos cheios de reumatismo, dores nas pernas, cansados. Por que? Tanto trabalho na juta, dentro d'água e, de primeiro, não. Quando não existia a juta só trabalhava em roça, cacau, feijão, milho, melancia e assim nas outras plantações e nós, hoje em dia, só sabemos trabalhar é na juta velha.*

*( texto de José Geraldo )*

Pelo original, anexo, podemos verificar erros de grafia, concordância, pontuação. Por que então, considera-se este um texto de valor em termos de expressão ?

O meu trabalho. Foi uma grande  
 dificuldade. Porque todos os anos  
 lagava e este ano não teve água em  
 nosso trabalho. fico bom porque os  
 Purague não ir macher co a gente  
 mas A fico ruim porque a gente carregava  
 a futa futa numa distancia  
 de mais ou menos 500,0 metro. Pra  
 chega na beira do Rio, ai a gente  
 colocava futa da raqua. Lagava e  
 quando passava motor dava o fongero e  
 esmagalhava as fongada. Tirava Pau de  
 Lima da futa ai ia laia nos de novo  
 a futa ate tucere. Pra gente lava  
 Outra coisa que de primeiro quando  
 não existia esse trabalho de futa  
 as pessoas não era doente  
 eu ainda cheguei a ver uma Senhora que  
 morreu com 115. anos de idade mas  
 hoje endica nos jovens com 15 ou 25  
 anos. Já esta cheio de Rematismo  
 dores nas pernas cansado. Porque?  
 tanto trabalha na futa tanto da agua

de primeiro não quando não  
 existia a futa do trabalho em  
 Ropa cacau feijão milho  
 melancia e assim mas outras  
 e plantação e nos hoje endicas  
 do sabemos trabalha e em na  
 futa

Como ficou exposto, nas páginas anteriores, buscamos outros critérios que nos ajudem a compreender as diferenças entre as expressões de grupos sociais distintos; diferenças que vão além do desrespeito às normas prescritas pelo vocabulário ortográfico ou pelas gramáticas.

José Geraldo é lavrador. Frequentou escola rural, em condições precárias, conciliando seu trabalho da roça com o horário escolar, interrompendo-o, truncando-o, conforme as exigências da plantação e da colheita.

Para chegar à apresentação final do seu texto, José levou tempo, passando-o a limpo, desenhando as letras.

Considerando-se os graves erros perceptíveis de imediato mesmo àqueles menos preocupados com a correção, essa redação seria deixada de lado e não haveria boa-vontade que justificasse seu valor.

Ocorre que, ao pretendermos inseri-lo no conjunto da História da região, como documento significativo escrito por um dos seus habitantes, vamos tentar descobrir quais elementos dessa História estão aí expressos com tais erros e como, sem o argumento paternalista da boa-vontade, pode-se utilizá-lo para estudar as transformações sofridas pela língua, no tempo, e em determinadas condições sociais.

Para compreendermos mais profundamente o tipo de exemplificação utilizado por José Geraldo; o modo como na organização do texto relaciona as mudanças, ocorridas em sua vida, com as transformações ambientais relativas à presença ou ausência da água, é preciso conhecermos um pouco mais a História do

Amazonas, especialmente o meio geográfico entre Parintins e Manaus onde vivem, espalhados por lagos, igarapês, paranás, homens-peixes que vêm, nos últimos anos, sendo atingidos em sua cultura, graças às modificações impostas pelo uso que se resolveu fazer da terra amazônica. Além dos depoimentos desses homens, há estudos como o de Meggers<sup>1</sup>, que nos dão elementos necessários à compreensão da existência daquele ecossistema, extremamente frágil.

O barco é o meio de locomoção entre as casas, às vezes, distantes quilômetros umas das outras. As crianças, ao aprenderem a andar, aprendem também a se locomover na água, brincando nos ancoradouros improvisados, onde suas mães lavam roupa. Os adultos orientam-se, mesmo no breu da noite, dentro dos rios. Conhecem os perigos. Pressentem as tempestades. Possuem segredos que permitem conduzirem suas canoas, nadar, embrenhar-se pelos igarapês, nas matas fechadas. Porém, justamente por conhecer concretamente o viver da água, sabem que as transformações como o descontrole em relação às cheias ou às estiagens, as condições geradoras das imposições do trabalho com a juta, vêm transformando a água num pesadelo, num inimigo com quem não sabem lutar porque, de repente, assume feições desconhecidas.

Por que o texto do José Geraldo testemunha essa situação ?

---

1 . B. Meggers, Amazônia : ilusão de um paraíso. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

Porque se constrói sobre a comparação entre passado e presente; vai mostrando as contradições entre benefícios e problemas do viver de ontem e de hoje. Estrutura um texto explicativo com afirmações todas justificadas.

*"grande dificuldade, porque todos os anos alagava"*

*"bom porque os poraquês não iam mexer com a gente"*

*"ruim porque a gente carregava a juta numa distância de 500 metros"*

*"ruim porque os feixes de juta colocados, nessa distância, ficam ameaçados pelas ondas formadas com a passagem dos navios. Surge outra dificuldade: arranjar e rearranjar os feixes".*

Aparecem as explicações, sem termos explícitos na introdução: *as pessoas não eram doentias. Eu cheguei a conhecer.. somos doentes. Tanto trabalho dentro... Só sabemos trabalhar é na juta velha.*

Passado	Presente
<ul style="list-style-type: none"> <li>. havia mais água</li> <li>. existia policultura</li> <li>. pessoas eram saudáveis</li> <li>. viviam mais tempo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. há mais seca</li> <li>. imposição da monocultura da juta</li> <li>. pessoas doentias</li> </ul>
Passado mais recente	
<ul style="list-style-type: none"> <li>. no trabalho com a juta,</li> <li>. a água facilitava o mergulho, para tirar a fibra</li> <li>. ficam sujeitos aos ataques dos bichos submersos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. falta d'água obriga a carregar a juta numa longa distância</li> <li>. trabalho de cuidar dos feixes que estão mergulhados</li> </ul>

O fato de ser um texto explicativo exige o uso de referências. Como aparecem as referências ? São tiradas dos fatos concretos da experiência. Vão constituindo a riqueza de informações do texto. Vejamos.

- 1 . é região que alaga;
- 2 . existência de peixe elétrico;
- 3 . é região que sofre estiagem;
- 4 . a cheia dificulta o trabalho;
- 5 . a estiagem também dificulta o trabalho;
- 6 . o trabalho exige água para mergulho da juta que deve ser amolecida;
- 7 . os feixes de juta exigem cuidados especiais quando colocados mais para dentro dos rios;
- 8 . que esses cuidados são devidos às ondas provocadas pela passagem dos navios (ondulação = banzeiro);
- 9 . existência de doenças profissionais: reumatismo;
- 10 . substituição da policultura pela monocultura;
- 11 . produtos da região: roça (antonomãsia referente à mandioca), cacau, feijão, melancia.

Além da abundância das informações, para um texto tão reduzido, há o fato de não estarem jogadas, dispersas ao acaso. Também não se trata de enumeração. Estão encaixadas. Fazem parte das justificativas, das explicações. O uso dos verbos de ação auxiliam na concretização dos exemplos. Porém, apesar da particularidade com que inicia o texto ( "o meu trabalho..." ) generaliza o fato comum aos lavradores de juta da região. Amplia o acontecimento com a indeterminação *a gente colocava ...*

e utilizando o pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural *nós, jovens, estamos...* e *nós só sabemos trabalhar...* termina por se situar dentro do grupo.

Por fim depreende-se do texto o posicionamento do autor face à situação. A insatisfação diante das mudanças, diante da presença massacrante da juta que usa adjetivada *juta velha*, diante das mudanças que lhes limita o conhecimento como a vida. *Nós, hoje em dia, só sabemos trabalhar é na juta velha.*

#### 4. O SABER DOS PLANTADORES DE JUTA E MALVA

Por que os lavradores do Médio-Amazonas plantam juta e malva ?

A essa interrogação respondem que é por causa do crescimento rápido : plantam em novembro e colhem em fevereiro; mas, principalmente, por causa do preço. Quando têm dívidas grandes fazem empréstimos no Banco e se empenham no cultivo da juta ou malva, pois a venda é garantida.

Há inúmeras dificuldades enfrentadas pelos plantadores. A semente é cara e existe o perigo das doenças : reumatismo, pneumonia, resfriados. Trabalham sob o sol quente e com água fria até a cintura. Há também os problemas do transporte. Se o barco ameaça afundar, fazem tudo para salvar o carregamento e quase sempre acabam perdendo a vida. Depois de tanto sacrifício, o comprador ainda rouba na pesagem do produto.

Todos dizem que a vida do trabalhador da juta precisa mudar. É uma luta trabalhar em baixo da água sob a constante ameaça dos bichos. As cobras ficam enroladas nos tocos dos paus. Quando chega o tempo da colheita é o tempo que chega a água e cobre tudo. Não podemos ver as cobras, arraias, sanguessugas, poraquês, pirarucu-bóia, formigas. Quando a cheia é grande, temos que trabalhar assim mergulhados em baixo d'água. Não se enxerga nada e o perigo de ser atacado é muito maior. Mas não tem outro jeito. A juta tem que ser lavada em tempo certo senão apodrece.

Mulheres e crianças trabalham na plantação da juta e da malva. Dizem : o que a gente tem que fazer é largar o serviço da juta e trabalhar em terra-firme. Fazer quadras de roçado e plantar guaraná; nos espaços, plantar maniva.

Todos concordam que temos que plantar em conjunto com os nossos companheiros. Fazer aumentar o preço da fibra. Neste ano, um quilo de fibra deu prá pagar um quilo de açúcar, o que nunca tinha acontecido, mas isso é nada perto das despesas que temos. Os trabalhadores sentimos o peso que carregamos.

III - CONHECER, LIDANDO COM AS MARCAS DO NOSSO TEMPO

## 1. CURSO NOTURNO : NOSSO DIA-A-DIA

Com o trabalho em Itacoatiara, foi possível verificar que, em relação a nossos alunos do curso noturno, havia muito a conhecer. Não estávamos obtendo quase nada em termos de conhecer-lhes a visão de mundo, em termos do aproveitamento dos textos que redigem, como fonte de estudo.

Apesar dos esforços dos anos anteriores, ainda estávamos, de certo modo, fugindo à situação de trabalhar com os dados da condição de trabalhador vivida pelos alunos.

Tomamos a decisão de, a partir de seus próprios textos, registrar ao menos parte da sua História.

### a. QUEM SÃO OS ALUNOS DO NOTURNO ?

*Trabalho numa estação de trens. Controlo a chegada de trens. Tenho que ter muita atenção, muito cuidado, porque lido com centenas de vidas humanas. Mas, quando chego à escola, eu sou apenas um aluno. 1*

Os alunos do curso noturno são trabalhadores que, durante o dia, são considerados plenamente responsáveis por documentos, dinheiro, pessoas. Temos que faturar toda a produção da fábrica. No fim do mês é aquela correria, porque tem que faturar tudo o que não foi faturado, durante o mês.<sup>2</sup>

---

1 . Maurílio Camargo - (aluno do 2º ano do 2º grau, período noturno. Os textos registrados a seguir, nesta 3ª parte, são todos de alunos do 2º ano do 2º grau, noturno).

2 . Adriano J. V. Boas. aluno do 2º colegial.

Maurício Camargo, 17 anos é quem nos conta : *estagio duas semanas em cada estação, desde Júlio Prestes ( capital ) até Carapicuíba... Trabalho com circulação de trens. É um serviço onde tenho que prestar muita atenção no que faço. Não posso esquecer nada, não deixando nada sem fazer, porque nessa parte do subúrbio mexo com vidas humanas e qualquer esquecimento ou qualquer erro podem acarretar acidentes.*

São responsabilizados pelo sucesso ou insucesso da firma onde trabalham, principalmente pelo insucesso que lhes é cobrado constantemente. *No começo pensei que não iria aguentar muito tempo, pois o trabalho é muito cansativo, muito volumoso. Tenho que decorar muitos códigos e também ter muita prãtica em soma, porque é o dia todo somando. Nessa correria o dia inteiro saem coisas erradas(...).O chefe não dá chance nem prã gente se justificar(...). Não quer escutar seu funcionário, porque chefe nunca se engana. Às vezes temos que assumir seus erros, porque dependemos do emprego para viver e emprego não tá fácil.<sup>2</sup>*

A vida lhes exige amadurecimento precoce. Têm que entrar cedo na luta para a sobrevivência.

Marli do Rosário vem enfrentando o desemprego que tem aumentado a partir de 1980, conseqüência dos fatos econômicos e políticos cerceadores das pressões criadoras de possíveis barganhas entre patrões e empregados. *O desemprego gera muitos problemas, como exemplo: no dinheiro; a gente está acostumada*

---

2 . Adilson de Sousa.

*a comprar coisas, a ter nosso dinheiro e com o desemprego isso não é possível. Outra coisa : falta de contato com outras pessoas; a carência de conversa. (...) Quando a gente fica em casa, perde o contato com o mundo, até mesmo a ação de fazer as coisas (...) O trabalho me valorizava; até dá uma razão pra gente continuar com a vida, abrir novos caminhos na vida.*

Marli testemunha-nos não só sua privação econômica aumentada, já que esse *comprar coisas* é reduzido como reduzido é o salário mínimo que em geral recebem, mas também a *carência de conversa* que força seu isolamento em relação à vida. Marli é mais um caso de aluno que não se desequilibra, enquanto suas notas bimestrais ainda a prenderem à escola. Pelo menos, nos primeiros meses de aula, é possível, entre os colegas, pequenos momentos para expressar-se, parar conviver.

São esses trabalhadores que, ao chegarem à escola são infantilizados no recebimento de ordens, punições, repreensões e na maneira como lhes são ministrados os conteúdos das matérias que jamais levam em conta sua experiência profissional ou as outras experiências de vida. Marco Antonio Cruz é um dos muitos alunos que nos obriga a refletir sobre o distanciamento entre a importância do conhecimento das pessoas e o respeito de que deveriam ser merecedoras, caso nossa sociedade estivesse construída sobre outros valores. *Sou desenhista e a firma onde estou faz projetos de saneamento(...)* Tomamos como exemplo Goiânia, em Goiás. Talvez eu nunca chegue a vê-la de perto, mas sei como são distribuídas as redes de água, esgoto e águas pluviais; onde estão seus reservatórios e estações de tratamento

*de águas, esgotos etc...*

É preciso distinguir a condição histórica do aluno dos cursos diurno e do noturno, considerando-se a maioria. O aluno do diurno não é mão-de-obra. Pelo menos, por enquanto, não faz parte do mundo do trabalho diretamente. É ainda um observador de muitos fatos da vida. Lógico que ele também vive, mas seus valores são, de certo modo, os valores dos pais. Por todas as suas contingências, esse aluno não fez ainda muitas opções. Mesmo depois de formado, provavelmente terá uma profissão liberal ou ligada ao setor de serviços. Sua interferência no processo histórico será sempre mais indireta, em termos de mudanças sociais. Seu trabalho, como profissional consciente, ficará, provavelmente, mais no plano das denúncias.

O aluno do noturno já é mão-de-obra de determinado setor social. Dentro do processo de mudança, sua presença é decisiva ou por causa da profissão ou por causa da classe social a que pertence, de modo geral. Sua classe social, seu salário, sua profissão marcam o papel fundamental que tem nos processos de mudança. Por essas razões, o trabalho com o aluno do noturno tem que seguir um caminho que leve em conta essa sua posição dentro da sociedade.

Nós, professores do curso noturno, nos sentimos agr<sup>u</sup>eados com as brincadeiras dos alunos. Tomamos como desrespeito o fato de jogarem futebol, na classe, nos corredores e nem se darem conta à nossa aproximação. Esquecemos que com 12, 13 anos entram para o mercado de trabalho, sendo-lhes negados o brincar, a prática de esportes, a possibilidade de desenvolver con

tinuadamente atividades artísticas.

*Trabalho no setor de contabilidade e as regras de trabalho são muito rígidas. Não podemos conversar tranquilamente entre nós sobre assuntos que não tratem do serviço. Ali todos fazem o serviço às pressas, porque há urgência. Em meu setor, conheço muito pouco a vida de cada pessoa, exatamente por falta de diálogo entre nós. (Paulo Ono, 17 anos) Você tem que ser como uma máquina; tem que produzir o máximo, não tendo tempo nem para conversar com os companheiros de trabalho. (Adilson de Sousa).*

São, de certo modo, crianças de 17 anos. Depois do massacre do dia, fazem a vida de seus corpos jovens manifestar-se, apesar das normas da escola noturna que, aliada às outras instituições disciplinadoras, às firmas onde trabalham, insistem em torná-los corpos submissos e dóceis pela disciplina. A disciplina aumenta as forças do corpo ( em termos econômicos de utilidade ) e diminui essas mesmas forças ( em termos políticos de obediência ). Em uma palavra : ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece, no corpo, o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada... O corpo só se torna força útil se é, ao mesmo tempo, corpo produtivo e corpo submisso... Sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está

preso num sistema de sujeição<sup>3</sup>.

Ao desconhecer a realidade enfrentada pelo aluno, o professor vai propiciando o crescimento da desconfiança entre eles. Muitos diretores e professores são barreiras para a atuação e conhecimento recíprocos entre professores e alunos. É comum ouvirmos expressões como :

*Esses alunos do noturno têm que ser tratados com muita autoridade, senão, depois, ninguém conseguirá controlá-los.*

*O aluno do noturno não é como o do diurno. São de famílias desagregadas, gente perigosa que põe em risco a segurança da escola.*

Entendemos que qualquer proposta pedagógica transformadora deve ter como objetivo destruir essas barreiras que impedem o verdadeiro conhecimento entre professor e aluno.

#### b. CURSO NOTURNO, DÉCADA DE 70. O QUE VEM ENFRENTANDO O TRABALHADOR ALUNO ?

A partir de 1970, o curso noturno expandiu-se, em São Paulo. Foi a tentativa de se baratear a mão-de-obra, já que especialistas constituíam-se em maiores despesas para o mercado de trabalho. Resolveram colocar, nesse mercado, técnicos, pessoas capazes de reproduzir esquemas, ler quadros, assumir efi

---

3 . Michel Foucault. Vigiar e Punir. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 127 e 28.

cientemente certas determinações, para as quais não é necessário aprofundar nenhum conhecimento.

Os fatos educacionais vivenciados, hoje, relativos à expansão do ensino, são conseqüências do contexto político, no qual o acordo MEC-USAID foi realizado. Caracterizava-se pela doutrina da interdependência elaborada no seio da Escola Superior de Guerra. Após 1964, são agravados os problemas em decorrência da adaptação do modelo econômico que, com o esgotamento do processo de substituição de importações, assume progressivamente as características de capitalismo de mercado-associado-dependente<sup>4</sup>.

Na sociedade capitalista, a educação tem papel importante. Representa uma das atuações do Estado na manutenção de condições favoráveis a essa sociedade. O requisito mínimo para "funcionar" num ambiente urbano moderno — tanto trabalhadores quanto consumidores — é comunicado às crianças num aparelho institucional mais que na família ou na comunidade<sup>5</sup>.

Na escola, a criança e o adolescente praticam aquilo que mais tarde serão chamados a fazer como adultos. No caso do aluno do noturno, apenas reforça a conformidade com a rotina, a maneira pela qual arrancam das máquinas resultados, bem como sua rápida e passiva manipulação.

---

4 . Demerval Saviani. Análise Crítica da Organização Escolar Brasileira, Através das Leis 5540/68 e 5692/71, in Educação Brasileira Contemporânea: Organização e Funcionamento, R.J., McGraw-Hill do Brasil, 1976.

5 . H. Braverman. Trabalho e Capital Monopolista. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

Na medida em que a escola assume essa filosofia de fazer do homem um ser produtivo, valores do tipo "eficiência", vencer na vida pelo próprio esforço e pela dedicação", associados a noções de ordem, disciplina, hierarquia etc., fazem do aluno melhor empregado de que qualquer firma ou organização<sup>6</sup>.

Entre os alunos do noturno, grande porcentagem trabalha em escritório.

O trabalho em escritório é produto da fase do capitalismo monopolista. Foi, em seu início, ligado a uma profissão e reunia pessoas que, dentro da empresa, gozavam de certos privilégios.

Com o tempo, houve mudanças significativas em relação ao tipo de atividade e ao salário.

Em 1971, a publicação de um relatório nos Estados Unidos mostra que o salário semanal médio para funções de escritório, em tempo integral era mais baixo que a média em todas as classificações ocupacionais urbanas, exceto nos serviços domésticos privados<sup>7</sup>.

Outra modificação foi-se processando com o desenvolvimento do capitalismo monopolista: a ampliação dos tipos de empresa que fizeram do trabalho de escritório um mundo separado dos processos de produção. Vão surgindo empresas cuja atividade é contabilizar e transferir valores. Vão surgindo também meios para controlar essas atividades e padronizá-las.

---

6 . M. Nilde Mascellani. "A Universidade Ainda Nem Existe" in Folha de São Paulo, 25/05/78.

7 . H. Braverman, op. cit.

Enquanto as atividades de planejamento são reservadas a grupos cada vez menores, aos outros cabe apenas executar. Estava assim separada a função de concepção da função de execução. Os processos mentais tornam-se cada vez mais repetitivos e rotineiros ou são reduzidos a um fator tão pequeno no processo de trabalho que a rapidez e a destreza com a qual a parcela manual da operação pode ser efetuada domina todo o trabalho<sup>8</sup>.

*Algumas peças exigiam demais dos operadores que, mesmo aplicando todas as horas de trabalho disponíveis, não conseguimos atingir o nível especificado pelo pessoal do Estudo do Tempo ( Seção que estipula o tempo que o departamento de produção deve gastar para fazer cada peça ). (Celso Vieira da Silva)*

Nossos alunos, além de enfrentarem as relações de trabalho marcadas por controle de tempo; impossibilidade de diálogo; impossibilidade de errar; impossibilidade de expressão; submissão à rotina imposta aos que executam, nessa divisão alienante ( concepção-execução ) ainda sofrem todas as consequências do salário indigno que recebem; condição que lhes rouba até o direito de um lazer modesto, no fim de semana.

Vivem diariamente o conflito entre as forças que lhes sufocam e a rebeldia latente de sua juventude. O controle sobre o corpo a que se refere Michel Foucault e o desejo de se libertarem de tal opressão vão criando condições agudas para explosões de loucura. *Todo começo de mês é motivo de preocupa*

---

8 . H. Braverman, op. cit.

ção, pois é a época mais agitada no escritório. Deve ser entregue todo tipo de informação dos funcionários. No mês que passou havia diversas informações a serem dadas. Não havia mais cabeça para se pensar, então um amigo de trabalho muito carregado pegou a listagem que era dada ao nosso departamento, apoderou-se dela e rasgou-a em milhares de pedacinhos. O pessoal da seção ficou inteirinho cheio de curiosidade e foi motivo de grandes risos. Somente não foi para o funcionário que estava nervoso e rasgou a listagem, pois levou junto com o nervoso a carta de demissão. (Marly Vituri)<sup>9</sup>.

Como afirma Basaglia<sup>10</sup>, em seus depoimentos, relacionando condições de trabalho e loucura. A pessoa marginalizada, excluída por sua loucura, representa a lógica pela qual a organização social tem a gestão do poder e, através do exemplo da pessoa, podemos encontrar elementos muito importantes para que a comunidade tome consciência da sua própria opressão, como parece claro pelos muitos exemplos encontrados nos textos dos alunos.

#### c. A ESCOLA PÚBLICA NO PERÍODO NOTURNO : UMA OUTRA ESCOLA

Luís Antonio Cunha<sup>11</sup> comenta que a classe trabalhado

9 . Marly Vituri, aluna do 2º colegial.

10. Franco Basaglia, in A Psiquiatria Alternativa, S.P., Ed. Brasil, 1979, p. 31.

11. Luís Antonio Cunha. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil, R.J., 1975, Ed. Francisco Alves, pag. 31.

ra é prejudicada em relação à escolaridade por :

- a) insuficiência de escolas;
- b) diferença entre seu padrão cultural e aquele imposto pela classe dominante, através da escola;
- c) pelo ingresso tardio na vida escolar. A experiência escolar para os filhos de trabalhadores é violenta. Disciplina, vocabulário, postura, modo de se expressar são barreiras enormes. Porém, os trabalhadores enviam seus filhos à escola, embora possam prever o insucesso. Compreendem que o diploma representa uma possibilidade de se colocarem num degrau um pouco mais favorável em relação à classe dominante;
- d) qualidade inferior do ensino que recebem;
- e) desnutrição ( fome crônica ).

As condições em que tem funcionado a escola pública noturna, na cidade de São Paulo, e o contexto em que se vem inserindo a vida dos alunos frequentadores dessa escola têm-se constituído num constante desafio para o professor que optou fazer trabalho pedagógico libertador.

Com a expansão do ensino, na verdade, só se expandiu a burocracia. Hoje, as obrigações burocráticas na escola são tantas que desde Diretor até funcionários pouco comprometidos com o processo educativo vêm-se forçados, inúmeras vezes, a preenchimento de papéis. Planejamentos, relatórios, fichas, requerimentos, justificativas ocupam espaço e tempo, reforçando a prestação de contas e roubando o pouco tempo que ainda sobrava para uma convivência no mundo da escola.

Entrar numa classe noturna de olhos abertos é presen-

ciar todos os tipos de resposta que os alunos dão às imposições. Sono, ausências às aulas, fugas da escola, desinteresse pela aula, mutismo, manifestações agressivas, destruição do material escolar são as respostas mais freqüentes.

Como decorrência da expansão desordenada da escola pública e do arrocho salarial a que todos os trabalhadores viram-se submetidos, surgiu o aumento da jornada de trabalho na escola. Surgiram os períodos intermediários das 15 às 19 horas, das 11 às 15 horas, que contribuíram até para o comprometimento da alimentação do professor e dos alunos. ganhando mal; alimentando-se mal; enfrentando toda sorte de obstáculos a seu trabalho; não tendo condições de estudar, o professor vai sofrendo a descaracterização profissional.

O corpo docente dos cursos noturnos é formado de :

1. professores que precisam completar a jornada do trabalho docente ou trabalho não docente;
2. professores submetidos ao diretor ou a professores efetivos, por insegurança profissional ou falta de consciência profissional;
3. professores autoritários, mais velhos de casa ou de profissão e que disputam a liderança na escola, assumindo a autoridade no curso noturno.

Esses professores têm três tipos de atitudes mais freqüentes :

1. Os mais novos são inseguros em relação à formação profissional ( muitos terminaram licenciatura curta em Faculdades desprestigiadas ). Tentam alguma saída que não seja vi

ver apenas do magistério. Desiludidos com a escola, já que nem a eles forneceu subsídios para o trabalho, não acreditam que seus alunos possam aprender. Não pretendem ensinar nada e não exigem nada;

2. professores mais antigos, habituados ao estudo, são rios em sua posição profissional. Humilhados, desgastados, voltam-se contra a *incapacidade dos alunos*. Lembram com saudade o tempo em que a escola, sendo para poucos, apresentava alunos com melhor escolaridade. Esses professores encontram, na re-provação, a saída para mostrar que não capitularam diante das imposições do sistema educacional. Não compreendem o significado político da expansão do ensino; não conseguem desvencilhar-se do arcabouço constituído pelo modo como adquiriram escolaridade. Não conseguem enxergar a realidade presente dos alunos. Ouvem-se desses professores opiniões como : *Dei o mínimo exigido pelo programa, mas não posso deixar de exigir esse programa. Esses alunos chegam ao segundo grau semi-analfabetos. Não sabem tabuada. Não sabem fazer contas. Escrevem erradamente. Não usam um acento. Não entendem o que lêem. Não tenho o que fazer e não posso aprová-los. Já dei a mesma prova três vezes para ver o que acertam e tem gente que ainda erra. Como esses alunos podem julgar o trabalho do professor ?*

3. professores mais conscientes do papel político da educação e que vêm lutando, a nível da categoria profissional, a nível da escola, onde as contradições do sistema abram brechas à sua atuação.

Em todo esse quadro, o mais chocante é o desestímulo

oferecido pelo salário, conforme demonstra o *hollerith* anexo, comparado ao salário mínimo que era, na época de Cr\$ 11.928,00

A ansiedade, a frustração ou aos pequenos sucessos dos professores, juntam-se as reivindicações dos alunos que, de vários modos, cobram propostas diferentes daquelas impostas pelos que, dentro do sistema, cuidam de colocar os entraves necessários à não realização de trabalho transformador, nesses cursos noturnos. Através de sugestões de currículos, programas e do poder burocrático incumbem-se de cuidar do não funcionamento da escola na direção desse trabalho.

A visão da escola é sempre reafirmada, quando os alunos são chamados a opinar. Embora exista grande número de alunos sem clareza quanto ao papel da educação institucional em suas vidas, há os que demonstram não ter assumido passivamente a marginalidade a que o sistema escolar pretende submetê-los. Em 1977, o jornal *Folha de São Paulo* publicara entrevista com estudantes do curso médio. Comparamos essas respostas aos resultados dos questionários apresentados a classes de 2º e 3º anos, segundo grau, noturno, em 1979 e aos depoimentos colhidos em reunião de alunos de 7.ª, 8.ª séries do 1º grau e 1º, 2º, 3º anos do segundo grau, 1981, período noturno, E.E.P.S.G. "Prof. Architiclino Santos", trabalho realizado com a Professora Maria da Penha Cetira.

1. a escola é desorganizada;
2. os currículos apresentam matérias desnecessárias ao vestibular. Não se compreende a utilidade de matérias como: Contabilidade, Organização e Normas, Re

lações Humanas no Trabalho;

3. os currículos, compreendendo as áreas primária, secundária e terciária ( chamadas grades curriculares ) são ambíguos. Ninguém consegue, na escola, explicá-los com clareza para que o aluno possa fazer opções;
4. as atividades não propiciam participação do aluno. São monótonas, criando acomodação e desânimo;
5. os professores mudam muito, durante o ano. Além disso, estão cansados, desanimados. Há professores problemáticos. Há os que não levam em conta que, para o aluno, só existe a expectativa de conseguir o diploma; que não jantam e muitas vezes não estão bem de saúde; que têm falhas de aprendizagem dos anos anteriores;
6. há ausências de professores às aulas e falta de professor em diversas matérias, durante o ano;
7. não há participação do aluno na vida escolar. Não é chamado a colaborar com atividades extra-classe, como atividades artísticas, jogos, passeios;
8. há falta de liberdade e proibições humilhantes : não entrar sem avental, não fumar, não receber as notas se não pagar a caderneta;
9. não há iluminação em volta da escola. Não há condução ligando o Parque Continental ao Jaguaré. Não há outro curso colegial na região. Os alunos são obrigados a andarem de dois a três quilômetros no

percurso da escola a casa. A dificuldade aumenta para o curso noturno que termina depois das 23 horas;

10. apesar de terem reivindicado insistentemente, nunca conseguiram reunir-se com os professores bimestralmente para impedir que problemas se fossem acumulando.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
SISTEMA DE ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL



DEMONSTRATIVO DE PAGAMENTO

MES: 11 / ANO: 2011 / MUN: 01 / OP: 01 / Nº: 1

NOME: MARIA EMILIA SOANCO ALMEIDA REGISTRO GERAL: 001104002

AULAS MIN: 4 FALTAS: 0 ATRASOS: 0 JORN: 2 CARGO: 6448 - PROFESSOR

VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR
001	15	24.153,44	669	11	1.247,14	336	11	1.247,14	336	11	1.247,14	336	11	1.247,14	336
303	15	481,77	226	10	447,73	328	11	447,73	328	11	447,73	328	11	447,73	328
OBSERVAÇÕES															
TOTAL DE DEBITOS															
TOTAL DE CREDITOS															
VALOR LÍQUIDO															

Valor Aula = Cr\$ 241,58

Tempo de Serviço = 4 anos

IV - COM EMOÇÃO, CRIANDO E EXPLICANDO A VIDA

## ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS

" PROF. ARCHITICLINO SANTOS "

Parque Continental, São Paulo, Capital, 1981



Célia, Marli, José Roberto, Douglas, Regina, Paulo,  
Carlos, Alberto, Maurício, Pedro, Bôris

1. CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DO ALUNO TRABALHADOR E  
EXPRESSÃO ESCRITA

*Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas "originais"; significa também e sobretudo, "socializá-las" por assim dizer; transformá-las em bases de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.<sup>1</sup>*

Desde 1980, um grupo de professores de escola pública reúne-se mensalmente, para analisar as experiências que realizam em sala de aula. O distanciamento das universidades em relação ao trabalho do professor secundário foi questionado e diante de certas constatações, concluíram ser necessário buscar, com interessados em Educação, a fundamentação teórica relativa à prática docente, independentemente de cursos regulares. Iniciaram a reflexão sobre as incoerências, as soluções ingênuas, as propostas transformadoras. O grupo de umas trinta pessoas, professores, educadores de todas as áreas, de todos os graus, de vários bairros de São Paulo, tentou, já para o planejamento do início de 1981, aproveitar as experiências trocadas, as análises.

Foi assim que, com a professora de português Lucila Márcia Turri, da E.E.P.S.G. "Prof. Benedito Tolosa", Casa Verde, escolhi dar aulas de Técnica de Redação para os segundos

---

1 . Antonio Gramsci, Concepção Dialética da História, R.J., Civilização Brasileira, 1978, p. 14.

anos do segundo grau, período noturno.

Durante todo o ano de 1981, trocamos material, discutimos sobre as etapas do curso, analisamos as opiniões dos alunos e suas redações. Decidimos encontrar, com os alunos, formas de fazê-los documentar suas experiências de trabalhador. Procuramos material : textos de ficção, textos de jornal, textos científicos que pudessem nos dar elementos para aprofundarmos os debates de sala de aula. Esses textos versavam sobre as relações de trabalho no capitalismo; conflitos culturais que ocorrem nos grandes centros urbanos; ideologia; consciência social.

As experiências com trabalho no curso noturno forneciam-nos elementos para tentarmos levar aos alunos proposta de instrumentalizá-los a escreverem sobre temas referentes à condição de trabalhador. Precisávamos, entretanto, encontrar junto com esses alunos os procedimentos necessários para concretizar tal proposta, caso fosse do interesse deles, fosse opção deles.

Entre os empecilhos à realização de proposta como essa, está a imposição do calendário escolar. Desde logo, tomamos importante decisão : acompanharmos pacientemente o processo. Substituímos o tempo imposto do calendário escolar pelo tempo necessário ao processo vivenciado em cada classe.

De início, fomos tranquilamente ouvindo os alunos; incentivando o relato de casos; tomando conhecimento das críticas a cursos de português; anotando sugestões.

Conseguimos que as únicas duas aulas, por semana, pa

ra cada classe, fossem colocadas, no horário, como aulas duplas ( 80 minutos ).

De 15 de maio ( quando começamos o trabalho ) até o final de novembro, contamos 44 aulas, correspondentes mais ou menos a um curso de três dias e meio com oito horas por dia ou 27 horas de aula.

A distribuição foi a seguinte :

Distribuição Mensal das Aulas de Técnica de Redação

Escola Estadual Professor Architiclino Santos

Bairro : Parque Continental, S.P.

Período Noturno, segundo grau, 1981

Meses	Classes nº de aulas	2º E	2º F
maio		3	4
junho		6	6
julho		2	2
agosto		5	4
setembro		8	8
outubro		8	8
novembro		8	8
dezembro		4	4
Total		44	44

Descontadas aulas para avaliação do curso e auto-avaliação, total 40 aulas

Os alunos do 2º E e 2º F fizeram opção por ciências biológicas, conforme determinação das grades curriculares. Tiveram quatro aulas de português por semana : duas de técnica de redação, duas de língua e literatura. Tiveram duas professoras de português. Este trabalho foi realizado por mim, professora apenas de técnica de redação, nessas classes.

São alunos de 16 a 25 anos. Quase todos moradores no Bairro do Jaguaré, situado entre Butantã e Parque Continental.

O bairro de Jaguaré é principalmente caracterizado por seu distrito industrial.

O Parque Continental, onde se localiza a escola é um bairro de urbanização planejada.

A renda familiar dos alunos, era, no final de 1981, em torno de Cr\$ 50.000,00 ( conforme resposta a questionário anexo 1 ) para famílias de seis pessoas, em média.

No final do ano, foi possível, ao refazermos ( alunos e professor ) a trajetória do trabalho, elaborar o quadro seguinte :

O Processo da Experiência : quadro montado a cada bimestre	
Etapas : período de maio a novembro - 1981	
A s s u n t o s      d a s      R e d a ç õ e s	
maio junho julho nº de aulas= 12	<p>1. Trabalho :</p> <p>a) como castigo, alienação ou realização do homem; b) trabalho escravo e trabalho livre;</p> <p>2. Desemprego, Subemprego e as condições para a marginalização;</p> <p>3. Marginalização e atuação.</p> <p>-----</p> <p>Fontes de Informação: 1. Relatos de Experiências dos alunos; 2. Peça de Teatro: Arena Conta Zumbi, Guarnieri; 3. "O uso que se faz do menor abandonado: a FEBEM", Palestra</p>
agosto nº de aulas= 4	<p>1. As relações de trabalho vivenciadas pelos alunos a) controle do tempo; b) impossibilidade de errar; c) competição; d) aumento de produção;</p> <p>2. Os problemas pessoais inseridos nos problemas sociais;</p> <p>3. Tentativas para conseguir espaço social mais humano no trabalho;</p> <p>4. Lutas por salários mais justos.</p> <p>-----</p> <p>Fontes de Informação: 1. Relatos de Experiências dos alunos; 2. Texto de Jornal: "De Louco Todo Bancário Tem um Pouco", de Murilo de Carvalho.</p>
setembro outubro nº de aulas= 16	<p>1. Os interesses antagônicos entre patrão e empregado</p> <p>2. As regras que garantem os interesses do patrão;</p> <p>3. A atuação dos empregados; tentativas de se fazer respeitado como pessoa e como grupo;</p> <p>4. O casuísmo das leis e o poder do grupo economicamente melhor situado;</p> <p>5. A consciência do trabalhador.</p> <p>-----</p> <p>Fontes de Informação:</p> <p>1. Relatos de Experiências dos alunos;</p> <p>2. Texto da peça: A Exceção a Regra, de Bertold Brecht</p>
novembro dezembro nº de aulas= 12	<p>1. As alternativas para modificação das situações relatadas;</p> <p>a) Grupos de amigos descompromissados b) Grupos de rua, do colégio, do trabalho e os compromissos assumidos pelos membros do grupo c) Times de futebol: compromisso e amizade d) Grupos de comunidades (o trabalho da igreja) e) Grupos de trabalho em associações.</p> <p>2. Análise da importância desses grupos, no momento histórico presente no Brasil. A reação coletiva contra as relações de poder estabelecidas.</p> <p>-----</p> <p>Fontes de Informação: 1. Relatos de Experiências dos alunos; 2. Textos: a) Expropriação e Violência, José Martins, b) A Expoliação Urbana, Lucio Kowarik</p>

MAIO

*Queremos que o professor  
avalie as redações e que  
sejam claras as observações.*

Elaboramos um roteiro inicial para o trabalho : discutir, durante as aulas as experiências com cursos de português, nos anos anteriores. O critério estabelecido foi a comparação entre o que ficou de proveitoso e o que se rejeita. No final da discussão, os alunos montaram, na lousa, um quadro, tomando por base a seguinte distribuição :

- a) o que NÃO valeu à pena;
- b) o que NÃO queremos;
- c) o que queremos com o curso de redação.

Reorganizamos o quadro, em conjunto. Ficou assim :

O que NÃO valeu à pena, nos cursos anteriores:

1. aulas repetitivas de alguns assuntos referentes à gramática normativa e que não foram compreendidos, nem memorizados. Ex.: muitas aulas de análise sintática, baseadas em esquemas de que não conseguimos lembrar;
2. aulas de redação sem orientação, com temas desligados do interesse dos alunos. Falta de avaliação das redações ou avaliações incompreensíveis;
3. falta de opção dos alunos em relação a leituras. Imposição de textos e do tempo para cumprir determinada programação;
4. imposição do estilo formal para todos os tipos de texto e censura rigorosa a redações em que simultaneamente apareciam descrições, narrações, dissertações.

O que NÃO queremos:

1. curso redundante, monótono;
2. leituras e temas de redação impostos;
3. fazer resumos de textos;
4. seguir, em classe, somente o livro didático.

O que queremos:

1. discutir, em classe, o que está acontecendo, hoje; os fatos da atualidade;
2. relacionar assuntos de jornal que sejam importantes e escolher alguns para escrever sobre eles;
3. escrever sobre os assuntos: custo de vida, questões ecológicas, ensino (escola), situação dos Índios, desemprego greves, situação dos posseiros, tóxicos, aborto, sexo, adolescência, amor (vida afetiva), profissão, trabalho e lazer;
4. escrever sobre assuntos discutidos em outras matérias, escolhidos pelos alunos;
5. curso organizado;
6. fazer redações de temas livres;
7. que o professor avalie as redações. Que sejam claras as observações e correções.

Quanto à questão da redação surgiram observações do tipo :

- a) as redações eram feitas para satisfazer o gosto do professor. Escrevemos o que o professor gosta de ler;
- b) havia limitações do tipo: *escrevam quinze linhas ou entreguem até o fim da aula.*

A classe discutiu ainda uma vez o quadro. Começamos nosso trabalho com o estudo do assunto TRABALHO/LAZER, pois tinha sido escolhido pela maioria e era também um estudo que me interessava.

Os alunos decidiram escrever sobre : suas condições de trabalho; situação do desempregado; impossibilidade e necessidade de divertimento. Apresentaram o trabalho como oposto ao prazer, como sinônimo de castigo, como empecilho a viver experiências de vida justas para a idade que têm. Embora admitissem que o trabalho, de certa forma, os valorizasse e possibilitasse, em alguns casos, ter amigos.

Nessas aulas, foi possível ir conhecendo quais situações eram consideradas como difíceis, quais dificuldades não se julgavam capazes de enfrentar. *Aborto é um problema que está aí e não é só das mulheres*<sup>2</sup>. Mais que tudo foram revelando os níveis de compreensão desses problemas: se os viam mais ingenuamente como problemas causados por contingências muito específicas ou se criticamente como índices da situação histórica.

---

2 . Regina, aluna do 2º colegial.

JUNHO

*Se a mão livre do negro  
tocar na palmeira  
o que é que vai nascer?  
Nasce choupana prá gente morar  
e nasce as redes prá gente se embalar...<sup>3</sup>*

Decidimos inicialmente discutir a distinção entre trabalho livre e trabalho escravo; desemprego e subemprego ( a tentativa de impor a marginalidade a quem favorece ? ).

Utilizamos como fonte de informação, principalmente a peça de teatro Arena Conta Zumbi e uma palestra da professora Flora Xue, sobre a FEBEM.

Texto tirado da capa do disco resultante da gravação da peça, utilizado durante as aulas.

Produções Fermata do Brasil - Selo "Premier" 1968

Texto: Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri

Música: Edu Lobo e Vinícius de Moraes

Vozes: Guarnieri, Lima Duarte, David José, Dina Sfat, Marília Medalha, Dessian, Antero de Oliveira, Vânia Santana.

Acompanhamento: Carlos Castilho, Nenem, Anunciação

*"Zumbi, afamado guerreiro, cai prisioneiro de seus inimigos, os Banguelas. Vendido como escravo, chega ao Brasil e surge, um dia, ao Quilombo de Palmares. É reconhecido rei dos Palmares e proclama que a liberda*

---

3 . Edu Lobo, in Arena Conta Zumbi

de só se conquista na luta e no trabalho organizado.

Os brancos comerciantes estimularam o crescimento de Palmares. Os brancos, donos da terra, exigem sua destruição. Um novo governador é nomeado, D. Aires e rompe com todos os acordos de coexistência pacífica e comércio, anteriormente celebrados com Palmares.

Zambi, neto de Zumbi, é o novo rei e promete que a luta pela liberdade não terminará.

Domingos Jorge Velho, "o maior assassino do Brasil" do final do século XVII, segundo declarações do então bispo de Pernambuco, é nomeado Capitão-Mor, na guerra decisiva contra Palmares. Em suas fileiras, incorpora índios (aos quais ministra potentes doses de entorpecentes naturais), assassinos, mercenários, e também soldados.

Palmares foi destruído, mas a liberdade nunca se perde para sempre e pode ser reconquistada. Enquanto houver um escravo, essa luta não terminará jamais".

a. A peça mostra o espírito de luta do negro (questiona a visão de passividade do negro, em relação ao cativo) e sua capacidade organizativa (Palmares teve por volta de 65 anos de existência : em torno de 1630 a 1695 ).

Apresenta a viagem dos negros cativos ao Brasil e seus sonhos de liberdade; as formas de vida e trabalho, em sistema de cooperação; a policultura dos Palmares (diferenciada da monocultura dos engenhos); as alianças entre senhores de engenho, capitães-mores, comerciantes para destruição de Palmares.

E o que marca especialmente os alunos : o valor da mulher, o amor à natureza, a alegria do trabalho livre, na construção de uma nova terra.

A peça estava em cartaz, apresentada por grupo amador. Com a professora Circe Bittencourt levamos os alunos e posteriormente, em classe, ouvimos a gravação das partes principais.

Orientada pela professora Circe, deu-se o debate em torno de questões como : Qual tem sido a versão oficial sobre a rebeldia do escravo ? O que a peça nos revela sobre a alegria e a luta nos quilombos ? O que se espalhava, pelas cidades, sobre os quilombos ? Como Domingos Jorge Velho tratou a verdade oficial e a verdade popular para destruir Palmares ?

Entre os escravos havia os que não lutavam. Preferiam o cativeiro conhecido a enfrentar a liberdade desconhecida. Que comparações podemos estabelecer em relação aos povos que hoje lutam pela libertação ? El Salvador é um exemplo atual.

O trabalho escravo era castigo, morte, mas o trabalho livre era a possibilidade de constituir o mundo que queriam; de não aceitar o mundo estabelecido; de ter fé na capacidade criadora do homem.

Foram feitos comentários sobre a importância da peça como forma de expressão da única vida possível para o negro :

a luta

*Num tempo de guerra,*

*Um tempo sem sol,*

*Sem sol, sem sol, sem sol.<sup>4</sup>*

b. Debate com a professora Flora sobre a FEBEM

Com o objetivo de continuar apresentando aos alunos

---

4 . Edu Lobo, in Arena Conta Zumbi

diferentes enfoques sobre assuntos difundidos com a marca da ideologia da classe dominante, convidamos a professora Flora Yue para nos fornecer dados sobre sua experiência de trabalho numa Unidade de Recuperação de Menores.

O debate foi encaminhado para que se compreendesse a utilização que a sociedade faz dos menores e internos nessas instituições. Que papel lhes cabe no jogo vultoso dos tóxicos. Como são tratados os mais inteligentes, os mais rebeldes. A formação de grupos exterminadores dos que não se submetem à aceitação de papéis que lhes são impostos.

A FEBEM recebe meninos de zero a 16 anos para *recuperá-los*. É o lugar para onde vão os menores considerados *infratores* que não possuem ninguém para lhes pagar fiança.

Por que recuperá-los ?

Depois de três meses numa Unidade de Triagem, bem fechada, onde são submetidos a testes psicológicos e disciplina militar, os orientadores decidem para onde o menor será *enviado*, de acordo com a faixa etária e o grau de periculosidade. Nessa nova etapa, juntam-se todos; desde o que roubou uma laranja até o que tem sete, oito homicídios nas costas. Hierarquicamente, os mais fortes são os traficantes de tóxicos. Existem os pequenos grupos fechados. Ao chegarem, recebem o rol de proibições e penalidades. Não têm nenhuma esperança de que as coisas melhorem, por isso tentam fugas.

Para os adultos é possível perceber facilmente as diferenças entre *menor institucionalizado* ( que vem de orfanatos ou instituições afins ) e *menor infrator*. Enquanto o primeiro

é apático, desinteressado, incapaz de planejar qualquer situação para si, marcado pelo medo de sair da instituição, o menor infrator tem sonhos como os nossos, sabe o que quer, é crítico, questionador.

Uma das características que orienta o trabalho dentro da instituição é o desestímulo a qualquer ato de solidariedade. Os grupos, ao serem detectados, são imediatamente dissolvidos.

O menor infrator não acredita no trabalho como meio de realização ou de riqueza. Os pais são pobres, mesmo os que trabalharam a vida toda. Assim, costumam retrucar às expressões como *trabalho enobrece*. Não querem estudar. São agressivos. Descarregam a agressividade nos companheiros.

O roubo é uma indústria, onde quem menos ganha é o ladrão. Quando o menor percebe que está sendo usado, que sempre foi usado, assume definitivamente um papel dentro do grupo. A partir daí, não consegue desvencilhar-se mais dos compromissos assumidos.

Após o debate foram redigidos textos. A sugestão foi que escrevessem sobre os pontos que constituíam um outro modo de analisar o menor considerado marginal.

As redações mostraram a surpresa que os alunos experimentaram diante do enfoque dado à exploração do menor. A leitura dessas redações forneceu-me dados sobre a consciência que os alunos possuíam sobre violência, instituição, polícia, prisões, penalidades.

*Acho que este problema do menor não vai ser resolvido*

enquanto houver uma sociedade como a nossa, em que uns tem de sobra e para outros falta(..)Segundo a moça, os que vão para lá já como marginais, já têm um plano para o futuro, ao contrário daqueles que não puderam ser criados pela família. Isto é uma coisa que eu não sabia e achei muito interessante. Por essas coisas que eu não sabia que eu achei a palestra legal, pois a gente sempre aprende mais. ( Douglas Caniza ).

A polícia pega os menores somente para que eles entreguem os chefões. Mas a polícia esquece que quem delata uma quadrilha fica marcado para o resto da vida, pois, mesmo nas quadrilhas, eles têm suas regras; ou obedecem ou morrem. ( Marli do Rosário )

## JULHO

*Sei que não será trancada  
naquele escritório que eu  
vou conseguir dias melhores<sup>5</sup>*

Como no calendário escolar estavam previstas duas aulas em julho, aproveitamos para marcar uma etapa do trabalho. Propusemos a elaboração de um segundo texto escrito. Formaram-se grupos espontâneos para a discussão de : *um caso acontecido no meu emprego e que considero importante para explicar a situação em que trabalho.*

Terminados os primeiros quarenta minutos (correspon

---

5. . Ana Regina, aluna do 2º colegial.

dentes à primeira aula ), cada aluno redigiu seu próprio texto. Foram colocadas na lousa as questões abaixo para os que estivessem sentindo dificuldade para escrever.

1. Meu trabalho é para mim fator de crescimento pessoal ou de embrutecimento.
2. Através do meu trabalho sinto-me ( ou não ) ligado à vida dos outros homens.

Avaliação - O critério para avaliação constou do seguinte :

- A - o aluno conta um caso particular, sem grande significado para explicar a situação do trabalhador;
- B - relaciona esse caso ou não com a situação do trabalhador;
- C - o aluno conta um caso significativo para explicar a situação do trabalhador;
- D - Estabelece ou não relação com a situação do conjunto dos trabalhadores
- E - Como relata o caso ? Que relações estabelece ? De que maneira organiza o texto ou estabelecimento dessas relações.

Como já acontecera com a redação anterior sobre a questão do menor e a FEBEM, também esses textos puderam fornecer dados importantes sobre como os alunos se situam no mundo. A que aspiram. A ilusão de ascender socialmente; ocupar cargos valorizados dentro da empresa ou, ao contrário, a certeza de que apenas dedicação pessoal não possibilitará verdadeiras mudanças de vida.

*Se a pessoa pegar firme ele pode virar de um "office-*

boy" para um gerente, um técnico em contabilidade e ainda tem a chance de ser um programador de computadores e por sinal ganha muito bem lá.

Todos têm capacidade... O que existe atualmente é muita falta de vontade. Existe chance para todos. Nós é que não a queremos. Será que um gerente foi colocado no seu posto sem base alguma? Será que ele não passou por tudo que passamos? Será que ele não se esforçou? Será que o jogaram nesse posto? Eu garanto que não. Ninguém subirá 12 andares pela escada se existe elevador. Eu mesma comecei por baixo; posso não atingir o máximo, mas vou sempre conseguir mais... Hoje eu posso ser empregado, mas amanhã também poderei ser empregador... Funcionário deve se por no seu lugar.

( Célia )

A gente trabalha sempre na esperança de que dias melhores virão. Mas sei que não será trancada naquele escritório que eu vou conseguir dias melhores.

( Regina )

Você está em contato com diretores, gerentes e até com o dono da firma. É bom ter contato com pessoas altas na empresa. Logicamente o seu crescimento será mais rápido.

A firma onde trabalho tende a eliminar os funcionários de acordo com o término da Itaipu... Então sabemos que qualquer esforço profissional é em vão... Trabalhamos sob constante ameaça de sermos mandados embora...

Todas essas contradições entre realidade e fantasia, entre o concreto do dia-a-dia e as palavras dos dirigentes que nos tentam convencer sobre a natural existência de hierarquia entre pessoas, bem como dos modos como galgar as posições do

alto da escala, as verdades que interessam e as que vivem foram analisadas pelos alunos a partir dos diversos trabalhos.

Apareceram também, nos textos, características relativas às funções que exercem. O conhecimento que adquirem, a importância social do tipo de trabalho que realizam, as injustiças que sofrem quanto ao salário e quanto às condições de trabalho.

Foi a partir da discussão dessas redações que nasceu o texto presente nas páginas 98 e 99 deste trabalho, pois são realizações concretas do atual estágio do capitalismo monopolista, em São Paulo.

#### AGOSTO

*Às vezes, na hora do almoço,  
levamos um sambinha.*

Foram discutidos os textos produzidos em julho. Nesta altura a análise dos textos procurou fundar-se sobre critérios mais específicos. Escolhidos trechos de várias redações ou redações inteiras; distribuídos para a classe toda, procuramos distinguir o simples relato do relato com análise. Tipos de análise.

Em grupos, os alunos deveriam verificar :

- A - o que diz o texto;
- B - informações que faltaram;
- C - aspecto que precisaria ser aprofundado;
- D - presença ou ausência de considerações do autor

sobre o que está relatando.

Procuramos identificar, a partir do que iam expondo, os elementos constantes das análises presentes nos textos. Principalmente, realçar o modo como o aluno conseguia relacionar o caso particular com o contexto mais amplo. Como aparecia a ligação entre o caso e a vida das outras pessoas da mesma profissão ou da mesma situação econômica. Que motivos o levavam a considerar o fato narrado como importante e se essa importância poderia ser contestada pelo grupo. A construção de textos baseados na comparação de situações contraditórias, o que apareceu com bastante frequência. A riqueza de informações de cada texto. Se essas informações eram verossímeis.

No final do estudo, destacamos os pontos que mais haviam chamado a atenção dos alunos. Foram :

A - casos de pessoas submetidas a um isolamento no trabalho. Esse isolamento foi considerado como um sofrimento bastante grande, porque ficava claro que haviam esperado, no serviço, oportunidade para fazer novas amizades, relacionar-se com maior número de pessoas.

B - casos de pessoas que, sem maiores explicações, tinham atitudes desvairadas como *fazer aleluia* de faturas, *picar em pedacinhos* documentos importantes que lhes haviam confiado.

A partir desse estudo, decidimos encaminhar o curso, no sentido de fornecer mais elementos para que compreendessem as razões históricas dos fatos narrados.

Ficou determinada a seguinte seqüência :

A - elaboração de nova redação; decorrente das discus

sões;

B - estudo do texto *De Louco Todo Bancário Tem Um Pouco*, de Murilo de Carvalho. (Ver Anexo II)

O assunto da redação foi : *As condições em que trabalho impedem-me (não) de aprofundar o relacionamento com colegas de trabalho ou de profissão.*

O novo texto também foi em seguida analisado pela classe. Os fatos destacados foram : controle do tempo a que são submetidos; a importância atribuída à produção; a situação de terem de executar várias tarefas simultaneamente, por exemplo, atender público, telefone e datilografar. A discrepância entre a função para a qual foram contratados e aquelas que, na verdade, são obrigados a exercer. As horas extras que lhes são exigidas e o número de tarefas que não cabem dentro do horário normal de trabalho, obrigando-os a, por conta própria, prolongar a jornada para terminá-las. Como inventam saídas a tantas imposições.

*O único problema de lá era quando uma petição era datilografada muito tarde e eu tinha que levar para o "Forum" para protocolar. Cheguei a perder aula por causa disto.*

*Todo tempo que fico na firma é tomado pelos afazeres. Incrível, mas não convivo com o pessoal exatamente por me faltar tempo (24 horas são poucas para um dia). A maneira como nos foram impostos deveres impossibilita o conhecimento mútuo a não ser profissionalmente e comercialmente. ( Gelson Kakimoto )*

*Minha função é auxiliar de montagens... Todos temos que encarar o nosso serviço como uma coisa de si pró-*

prio. Montar, produzir micros, montar painéis como se fossem nossos. Assim temos uma coisa que o governo tanto quer: "produtividade". Esse programa que a Honeywell implanta chama-se "You are the winning Edge" isso quer dizer mais ou menos "somos a margem (o lado) vencedora.

Apesar das condições adversas, muitos alunos relataram como buscam relacionar-se com os colegas, inventando situações em que possam estar unidos, distrair-se, conversando, brincando ou até levando um sambinha.

Somos um grupo bastante unido, não é de estranhar portanto, que, quando queremos reivindicar algo, não o fazemos sem antes debatermos o que é bom ou não para todos. Nada é feito se isto vier a prejudicar este ou aquele colega de trabalho.

Na firma, como na sociedade há divisões. Cada sala é um grupo e cada grupo um modo de relacionamento... Na nossa sala todos discutimos com igualdade. Agora vou dizer a principal razão dessa união. Minha sala é um time de futebol de salão; creio que levamos o entrosamento de dentro para fora da quadra... O outro motivo é aquele encontro no bar depois de cada jogo.

O pessoal que trabalha comigo são pessoas muito legais. São jovens como eu, então nos damos muito bem. Tem um deles que é fanático em samba e eu também gosto muito. Às vezes, na hora do almoço, levamos um sambinha para distrair. Eu acho que isso aproxima mais a gente. ( Adilson )

SETEMBRO

Não dê amendoim aos macacos

(colocado no caixa por  
Sérgio Porto, Banco do Brasil)

O trabalho com o texto *De Louco Todo Bancário Tem Um Pouco*<sup>6</sup> foi realizado na seguinte seqüência :

A - leitura e comentário do texto para entendimento;

Os comentários foram feitos pelos alunos que procuravam relacionar as situações presentes no texto com a que experimentam no dia-a-dia.

B - realização de desenhos que, como os que ilustram o texto, pudessem expressar fatos da vida do trabalhador.

Murilo de Carvalho, em seu texto, registra depoimentos de bancários e psicólogos. Analisam casos de loucuras provocadas pelas condições em que exercem a profissão.

Os comentários dos alunos trouxeram à tona os problemas que lhes são criados pela exigência de perfeição, no trabalho. Vivem angústias, medos provocados pelo fantasma da possibilidade de errar. As cobranças em relação aos erros são rigorosas, mas vêm-se obrigados a admitir falhas não só próprias como de outros colegas e até dos chefes, pois o querer justificar-se é considerado rebeldia e, portanto, inadmissível.

Os desenhos foram feitos em classe e distribuídos entre os alunos. A classe avaliou os mais expressivos e com eles montamos um mural. (Ver desenhos anexos, na página seguinte)

Porém, o debate em torno do relacionamento *Chefe, Pa*

---

6 . Ver texto anexo.



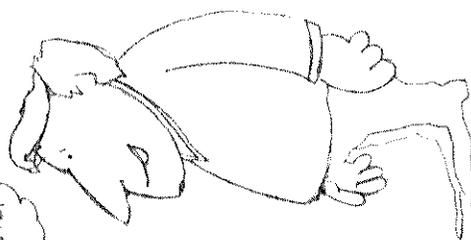
CONTADOR APÓS O SERVIÇO.

Carlos Alberto de Roseimento  
no 470 SP F.

SE A GENTE  
NÃO CONCORDAR  
NÃO DÁ PRA  
AQUELTA



SEM DÚVIDA ESSO  
É O AMBIENTE  
DE TRABALHO MAIS  
ALEGRE QUE EXISTE.



*trão e Empregado*, surgido com a questão da exigência do trabalho perfeito, fez aparecer o problema dos interesses que envolvem as figuras desse relacionamento. Alunos confundiam-se, na análise, pela amizade que sentem pelo chefe. Outros, trabalhando em firmas pequenas, diretamente ligados ao dono da empresa, não conseguiam perceber os antagonismos mais amplos criados pelo sistema. As injustiças eram vistas como animosidades pessoais corriqueiras, como incompatibilidade de gênios ou maldades individuais. Havia também o caso daqueles que já estão com a cabeça povoada de frases feitas referentes a críticas ao sistema capitalista e que, simplesmente as repetiam sem entendê-las, sem aprofundá-las.

Percebi que tinha que trabalhar com a caracterização do sistema capitalista para poder fornecer-lhes informações sobre as contradições existentes entre as classes sociais. O objetivo era possibilitar o aparecimento de argumentos mais claros nas redações, como resultado do alargamento da compreensão referente ao tipo de sociedade em que vivemos.

De início, pensei em utilizar um texto de sociologia, mas nessa altura do curso, via como importante a ficção, meio mais acessível para revelar a complexidade das relações sociais decorrentes da economia capitalista. Aceitando a sugestão da professora Lucila Turri, que já utilizara a peça *A Exceção e a Regra*, Bertold Brecht, no curso que preparara aos alunos da Escola Estadual "Benedito Tolosa", organizei a distribuição do texto para todos os alunos e a seqüência das aulas para o mês de outubro.

## OUTUBRO

*Sintam-se perplexos diante do cotidiano,  
procurem uma saída para o abuso,  
mas não esqueçam que a regra é o abuso. (Brecht)*

A - leitura dramatizada pelos alunos, dispostos num grande círculo. Após breves explicações sobre a peça, alguns alunos escolheram ler a fala de personagens que gostariam de representar;

B - leitura com interrupções para que, a cada etapa, os alunos pudessem manifestar-se, expondo dúvidas e opiniões;

C - elaboração de textos escritos, contendo comparações entre problemas apresentados por Brecht e os que os alunos vivenciam hoje.

A Exceção e a Regra pertence à série de peças didáticas de Brecht, destinadas, em princípio, aos estudantes. A peça foi escrita em 1930 e sua primeira apresentação teve lugar na França, em outubro de 1949, no Teatro de Bolso<sup>7</sup>. Inicia-se e termina com a fala dos atores ao público.

Início

*Agora vamos contar  
a história de uma viagem  
feita por dois explorados e por um explorador.  
Vejam bem o procedimento desta gente;  
estranhável, conquanto não pareça estranho;  
difícil de explicar, embora tão comum;*

---

7 . Teatro Completo, Bertold Brecht. Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1977.

*difícil de entender, embora seja a regra.  
Até o mínimo gesto, simples na aparência,  
olhem desconfiados e perguntem  
se é necessário, a começar do mais comum.  
E, por favor, não achem natural  
o que acontece e torna a acontecer.  
Não se deve dizer que é natural  
numa época de confusão e sangue,  
desordem ordenada, arbítrio de propósito,  
humanidade desumanizada  
para que imutável não se considere  
nada!*

### Final

*Assim termina a história de uma viagem  
que vocês ouviram e presenciaram.  
Viram o que é comum,  
entretanto, fazemos a vocês um pedido:  
considerem estranho o que é comum,  
julguem inexplicável o que é habitual,  
sintam-se perplexos diante do cotidiano,  
procurem uma saída contra o abuso,  
mas não se esqueçam que a regra é o abuso.*

Contei aos alunos o propósito de trabalharmos com a peça de Brecht. Comentei sobre a experiência vivida pela professora Lucila com seus alunos que, como eles, conhecem as mesmas alegrias e lutas na vida. Apresentei alguns aspectos do teatro de Brecht comentados por Décio de Almeida Prado, no livro A Personagem de Ficção. A importância do teatro alemão em 1920, as reformulações de Brecht na relação autor-personagem, o seu intuito de instituir um teatro político, atuante que não permanecesse neutro perante uma realidade econômica e so-

*cial que se deve transformar e não descrever. Um teatro que incite à ação e não a contemplação.* Analisadas a presença dos personagens que falam ao público, personagens que lembram o real mitificado pela presença dos outros personagens, mas todas criadas pela consciência do autor. A necessidade de o autor, em seu trabalho criador, utilizar a experiência, a memória, a observação, a imaginação para nos fazer viver intensamente, através de poucas cenas, de poucos diálogos, as realidades profundas que marcam nossa existência como trabalhadores.

Terminada a primeira leitura, fizemos várias discussões e relemos certos trechos.

Primeira discussão :

*Como personagens com concepções de vida antagônicas, através da atuação, tinham dito com clareza o modo como esses antagonismos ocorrem na vida real.*

Relembramos, com os alunos, os fatos injustos que haviam aparecido nas redações. As condições de trabalho, em pé, assumindo-se várias funções; a rotina; o fato de não se poder errar; o isolamento; o ritmo intenso; o barulho; as ameaças. O salário que impossibilita alimentação sadia, variada, o lazer, o morar num lugar mais confortável, de fácil acesso à cidade; os meios de locomoção; a falta de condições para o estudo. São considerados fatos naturais. É considerado natural que uns tenham bens supérfluos e outros não tenham bens necessários.

Segunda discussão :

*Os interesses do grupo economicamente melhor si*

*tuado são garantidos por leis. Quem faz as leis?*

Relida a parte referente ao julgamento, processou-se o próprio julgamento entre alunos, num grande círculo, ocasião em que realidade e ficção mais uma vez se cruzaram. O aluno-personagem juiz era ora visto apenas como personagem e severamente criticado, antipatizado pela classe, ora visto como o colega que havia escolhido o papel mais árduo e, portanto, merecedor do maior carinho.

Em determinada parte do debate, foi proposta à classe a seguinte afirmação para ser discutida e comentada por escrito :

O julgamento foi baseado no modo de ver as relações entre comerciante e carregador, isto é, duas classes de pessoas ( proprietário, chefes, gerentes ) (sombras dos proprietários); pessoas que possuem capital e as que produzem esse capital;

Nessas relações o individualismo, a desconfiança, a competição, a aparência falsa de convivência, como regra, substituem a solidariedade, os atos espontâneos de amizade, a busca da verdade, a busca do conhecimento, por meio do trabalho . É possível associar o confronto entre as *pessoas de bem* e aquelas vistas com desconfiança, presente na peça, com esse mesmo confronto nas condições de trabalho hoje ? Por que ?

Eis algumas opiniões sobre a peça, escritas depois desse questionamento, com o estabelecimento de comparações.

*Se encararmos a peça como um reflexo da sociedade atual, teremos: o governo como juiz, as multinacionais como co*

merciante, os operários como o guia e o carregador seria os empregados de modo geral ( subempregos ).

Está bastante evidente para mim a ligação que há entre governo e as multas. Quando firmas demitem, o governo fica passivo, alegando não ser de sua competência, mas quando operários reagem sob forma de manifestações, protestos e greves aí sim eles aparecem oprimindo, prendendo e chamando de esquerdistas aqueles que apenas lutam por seus direitos... ( Marco A. Cruz ).

Gostei da peça. O carregador possuía um cantil de água escondido do patrão. Mas ele estava com receio de o patrão ficar com sede e ele com o cantil ali. Pensou e chegou a uma conclusão que, se o seu patrão morresse de sede, os outros nunca o perdoariam e nem ele a si mesmo. Foi um ato de humanidade e ao mesmo tempo de medo, porque poderia perder o emprego se o patrão o encontrasse com o cantil. E o emprego era uma coisa valiosa para ele, porque pensava em sua família, pensava em condições melhores de vida para eles. Durante a viagem fazia alguns planos porque ganharia um dinheirinho. ( Adilson de Sousa ).

... nos dias de hoje, o guia seria aquela classe de trabalhadores que é a favor do direito de greve e que luta por condições melhores de vida. Já o escravo representa aquela classe que tudo o que lhe impõem aceita sem reclamar, tipo "vaca de presépio", que só sabe dizer sim... Na verdade eu não gostei de nada nesta peça, mas a parte eu gostei menos ainda foi o fim por ele não ter sido condenado. Eu, pelo menos esperava

que o comerciante fosse condenado. ( Zuleide ).

Na minha opinião, essa relação que existe entre o comerciante e os carregadores é a mesma relação que existe entre patrão e empregado atualmente.

O empregado de hoje, e acho que sempre, tem a obrigação de se conformar com o salário que ganha, que não é muita coisa; de ficar quieto, no seu canto e não reclamar das condições de trabalho que lhes são impostas pelo patrão, que aliás sempre acaba tendo razão em todas as circunstâncias, quer sejam jurídicas ou morais. Mas eu, não aceito essa idéia de calar-se, para não mostrar aos outros e principalmente de se submeter a condições de trabalho como: salário baixo, falta de segurança no ambiente de trabalho, falta de garantias como: direito hospitalar, jurídico, sindical etc. que são coisas de que eu e acho que ninguém abrimos mão.

Na peça, os homens, os carregadores, são forçados a trabalhar. Como se já não bastasse, eram mal remunerados, passavam necessidades, estavam sedentos e cansados.

O comerciante, como todo patrão, não se colocava no lugar dos carregadores. Acho eu, nunca na vida, ele trocava a sua posição, nem em pensamento, de maneira alguma e por nada desse mundo.

O comerciante usou de uma arma para forçar o cule<sup>8</sup> a continuar a marcha da caravana e, como todo patrão, não admittia a idéia de ficar para trás e ser passado pra trás pela ou

---

8 . cule - operário não especializado na Índia e China.

tra caravana que vinha a seu encalço.

O que eu quero dizer é que é por causa da concorrência gananciosa que existe entre as empresas atualmente, que os empregados são forçados a trabalhar dobrado e o que é mais revoltante, não ganhando aquilo que deveriam ganhar.

Os carregadores não deixavam tudo, porque precisavam do dinheiro oferecido pelo comerciante e esse fato ocorre atualmente. Ninguém, em sã consciência, trabalharia de graça, acho eu, ou melhor, tenho certeza de que todos trabalham porque precisam daquele dinheirinho minguado que recebem todo fim do mês.

No julgamento da história, percebi a imagem que não me sai da cabeça. A intenção do juiz de favorecer a classe, ou melhor o comerciante, que era da mais alta classe. Coisa que acontece atualmente. Os pobres não têm chance, juridicamente, ao enfrentar os ricos.

As relações que existem entre patrão e empregado, na história, me parecem normais. A história vem mostrar que, como sempre, o empregado, às vezes é usado como cule. Novidade isso não é, mas não custa lembrar.

A minha vida profissional diária e a história têm algo em comum.

Explicando e comparando : às vezes me sinto como um cule, porque penso que estou trabalhando demais e ganhando um salário que não compensa aquilo que faço que é a realidade nua e crua de quem trabalha.

Eu me sinto, um ponto, um pequenino ponto : comparado

com as coisas, digo, pessoas, importantes que me cercam onde eu trabalho. Será que eu estou me diminuindo? Não, não estou. É assim que eles me vêem e é assim que eu sou, embora não goste de admitir isso.

Que adianta eu gritar, falar mal das condições em que trabalho, do baixo salário que eu ganho, se eu nunca sou escutado por quem devia me escutar?

Eu pretendo dizer, com isso que a peça traz consigo uma temática que eu interpretei assim: seja moral, financeira ou juridicamente a classe alta ainda continua levando a melhor. ( Carlos Alberto ).

Depois de lidos trechos de redações, bem como a redação do Carlos Alberto e os grupos os terem analisado, ficaram as seguintes interrogações, como pontos importantes da discussão :

- A - Até que ponto somos também o cule (carregador) ?
- B - Em que ocasiões somos o guia ?
- C - A peça termina mal ? E a vida ?
- D - O que têm sido feito pelos trabalhadores para mudar essa situação de injustiça ?
- E - Que saídas estamos vendo hoje para os casos vividos por nós, no serviço, na escola etc. ( casos relatados nas redações anteriores ).

Como encerramento dessa etapa do trabalho, colocamos, na lousa o quadro seguinte :

1. O JUIZ - procura analisar o relacionamento entre o comerciante e carregador para justificar a atitude do carregador. Se ficar provado que o relacionamento entre ambos era de ódio e desconfiança, ficará provado também que o carregador teria agredido o comerciante.
2. O GUIA - trabalhador com condição de compreender a situação do carregador. Tem preocupação com a verdade. Assume a demonstração da verdade, em troca de sua acomodação, sossego, interesses particulares.
3. MULHER - o que mais desejaria, se fosse possível, seria a vida do marido. Quer indenização. Quer justiça.
4. COMERCIANTE - no início do julgamento quer ser considerado inocente. Oculta seu verdadeiro objetivo da viagem ( queria chegar logo e apossar-se de uma concessão, antes que outros com o mesmo direito chegassem ). Oculta os maus tratos impingidos ao carregador.
5. CARREGADOR - submisso, havia interiorizado a condição de escravo ( ausência de direitos ); a culpabilidade, a incompetência, a responsabilidade pelos prejuízos sofridos pelo patrão.

A água, bem imprescindível no deserto, representa a possibilidade da continuação da vida. Na peça, aparece como um bem possível para o patrão e para o empregado. Aparece como um direito dos dois que, como seres humanos, necessitam igualmente da água para viver. Um bem cujo desfrutar não foi admitido como possível para as duas classes de pessoas : patrão e empregado, Por essa razão, o cule pagou essa possibilidade de partilha com a vida.

## NOVEMBRO

*Para mim os grupos são importantes, porque, nesses grupos, certas horas falamos sobre nossos problemas; em outras esquecemos, mesmo sabendo que esse esquecimento, esse divertimento é por muito pouco tempo. É como um sonho bom, gostoso, calmo e que na hora de maior prazer, maior divertimento tem que acordar para ir trabalhar, para começar a ter mais problemas e para tentar resolvê-los conscientemente e rapidamente.*

( Adalberto Garcia )

As avaliações dos alunos iam mostrando que, apesar de toda uma caminhada que havíamos feito juntos no sentido de ampliar nossa consciência sobre os fatos de nossa vida e a clareza que o texto escrito ia ganhando como fruto dessa consciência maior, as dificuldades estavam presentes a cada aula.

Entre uma quinta-feira e outra ( as aulas eram duplas e apenas nas quintas-feiras ), entre uma semana e outra, a vida corria, inclusive com o fim de semana intercalado. As discussões ficavam truncadas ou perdiam-se. Em diversas ocasiões não foi fácil retomá-las.

Embora tivessemos abolido as provas, os alunos eram obrigados a enfrentá-las nas outras matérias. O número de desistentes, em novembro, já era de 15 para o 2º E ( total de 38 alunos ) e 16 para o 2º F ( total de 40 alunos ). Cada desistência era sentida, na classe, como mais uma derrota na batalha. A sala ia ficando vazia e o desânimo, o cansaço de fim de ano e as exigências de trabalhos e provas iam diminuindo o ritmo das aulas.

O fato de nosso objetivo estar bem claro e da certeza de que era preciso existir sempre um avanço, por pequeno que fosse, permitiam que dialogássemos com a classe sobre as dificuldades e constantemente avaliássemos toda nossa trajetória para prosseguir. Ficava claro que não seriam possíveis prazos rígidos e que deveria haver sempre esforço para se compreender o valor de cada etapa, já que não poderia haver previsão sobre o ponto a ser atingido.

Até novembro, o curso havia-se construído, principalmente sobre constatações, buscas mais conscientes, ao menos nas tentativas pessoais de fugir ao isolamento, às frustrações profissionais, afetivas. Os alunos demonstravam certa saturação diante das denúncias de tantas impossibilidades. Sentiam saltar desse encadeamento de etapas a necessidade de discutir saídas, conhecer as opções que outros experimentam, analisá-las, distingui-las.

Foi organizado o questionário abaixo como instrumento para obtenção de dados sobre renda familiar, aspirações e meios encontrados nas resoluções dos problemas.

As respostas ao questionário trouxeram características significativas da vida dos alunos. Fundamental para a continuação do trabalho foi a referente à questão nº 7 ( Além do trabalho e da escola, tenho outras atividades. A que considero mais importante é ... porque ... ). Pudemos conhecer o principal meio encontrado para a resolução dos problemas : a participação em grupos. Havíamos combinado com as classes : novembro e dezembro seriam dedicados à discussão das saídas que vão en

contrando; de alguma forma já haviam aparecido nas redações , ao longo do ano. Era, nesse momento, que o curso mudava de direção: substituir a elaboração de textos sobre os problemas enfrentados por aqueles reveladores das alternativas possíveis aos alunos, na conjuntura histórica de 1981.

Foram detectados, principalmente três tipos de grupos :

A - GRUPOS DE AMIGOS, descompromissados, encontram-se em fins de semana, sem programa definido. Conversam, vão ao cinema, a um *bailinho*...

Zoraide, 16 anos, auxiliar de montagem. Em casa sete pessoas. Renda familiar Cr\$ 120.000,00.

*Começo dizendo que meu grupo é algo maravilhoso que me distrai muito. É algo bom quando estamos todos reunidos, é algo ruim, sim ruim, porque os amigos também brigam e nem sempre a gente está às mil maravilhas e é exatamente nesse momento que ele deixa de ser algo bom, para ser algo ruim. Ele é nosso sorriso, nosso viver, nosso chorar, nossa paz e muitas outras coisas que são inexplicáveis e explicáveis ao mesmo tempo. É um difícil fácil, um malquerer querendo, bem, um certo errado, um quieto inquieto, é um mal bem dotado e um bem agorado. É difícil prá você entender isso? Pois bem, eu explico: é que nele, dentro dele, tudo existe em função de alguém, nada para si... Deu prá entender agora?*

.....  
*A atividade que considero mais importante é me reunir com os amigos, nos fins de semana... Precisaria que as pessoas mais velhas, isto é, os pais que moram na rua, onde nós moramos, fossem mais compreensivos conosco, porque lá não podemos ficar aos sábados um pou*

co mais tarde na rua conversando, que, no outro dia começam as broncas. Gostaríamos muito de ter a compreensão deles. Gostaríamos apenas de conversar coisas da gente, da vida, enfim do mundo e é exatamente isso que eles não entendem.

B - GRUPOS DE ESPORTE, principalmente o futebol. Existe entre os participantes, amizade e compromisso com datas, horários, organização de partidas, etc.

Renê, Renê de Souza Melo, 19 anos, auxiliar de montagem. Em casa nove pessoas.

Com a renda não dá para ter coisas importantes como casa própria e esta é uma das coisas importantíssimas que eu gostaria de ter. Além do trabalho e da escola tenho outras atividades. A que considero mais importante é o futebol, pois nele consegui fazer várias amizades e conhecimentos. De vez em quando você entra em um ônibus que você dificilmente pega e percebe que conhece aquele cara. Você tenta se lembrar e logo lembra: foi em jogo de futebol. Logo vêm os cumprimentos. Foi com essa atividade que praticamente consegui arrumar o emprego que eu estou há dois anos.

Somos um grupo de amigos. Praticamos futebol nos fins de semana. Todos nós temos problemas, uns mais graves outros menos graves. Mas você tendo um problema, quem sabe um amigo que participa do seu grupo de jogar futebol pode resolver. Imagine se não tivesse um grupo prá trocar idéias, se distrair, e ao invés disso ir para a nossa casa e se trancar em casa lá, só saindo de casa pra trabalhar e estudar... Acho que uma das importâncias desse grupo é fazer com que o brasileiro esqueça um pouco do seu dia-a-dia... Gostaria muito que esse grupo fosse quase que permanente, porque sei

que um dia vamos nos separar ou não vamos mais ter força para praticar nosso futebol e ali ficaremos sentados como os que estão hoje vendo os filhos participando de um grupo, que, na minha opinião, é um dos mais unidos do mundo.

Adilson, Adilson de Souza, 17 anos

Treino capoeira há quase três anos. Acho importante porque, na academia, conheço outras pessoas muito boas(...). Lá não tem nenhum ladrão, nenhum viciado e também nenhum rei(...). Essa minha atividade não é a mais importante para mim, porque não tenho tempo para treinar. Não posso parar de trabalhar e estudar, apesar de eu me dedicar de corpo e alma à capoeira.

Na academia, cada um tenta ajudar o outro(...). Temos um mestre muito bom, por sinal considerado em quase todas as rodas de capoeira de São Paulo. Conhecido como Mestre Índio. Na academia temos sessenta alunos ou mais, então, não dá para ele ensinar todos com precisão, é aí que entra aquela ajuda que eu havia falado, cada um assume o compromisso de ajudar o outro. Na capoeira, eu me liberto de muitos problemas, principalmente quando eu estou nervoso, pego meu berimbau e toco até me sentir melhor e canto também, porque, segundo os entendidos 'quem canta seus males espanta'. (...) Jogar capoeira é uma coisa tão maravilhosa que podíamos comparar com um vôo de um passarinho; é a expressão da liberdade. É como um canto de um canarinho na falta de um grande carinho, de uma grande amizade.

meu filho, quando nasceu,  
fui perguntar prá parteira:  
o que é que meu filho vai ser ?  
Ele vai ser capoeira.

C - GRUPOS DE TRABALHOS - formado por pessoas consci-

entes de que precisam desenvolver determinadas atividades para mudar a situação. São :

a) grupos de jovens - desenvolvem atividades orientadas por pessoas ligadas à igreja, católica ou protestante. Cantam, tocam violão, preparam encontros, organizam a participação em missas, fazem trabalhos em favelas, mantêm atividades com crianças da paróquia.

b) grupos de associações de bairro - participam de discussões e encaminhamentos de reivindicações como calçamentos de rua, iluminação, obtenção de linhas de ônibus etc.

Antonio, Antonio Olimpo Pena, 19 anos, bancário (trabalha com documentos de correspondência bancária. Renda familiar Cr\$ 50.000,00. Três pessoas trabalham.

*Além do trabalho, faço parte de um time de futebol e participo da sociedade amigos de bairro, de onde moro. Eu acho que a minha participação nessa sociedade é importante, pois o bairro onde moro é pobre e, por consequência, cheio de problemas. A sociedade é um local onde podemos encaminhar nossas lutas, sem sermos molestados, pois é uma instituição legal.*

*Para que essa sociedade fosse mais combativa, seria necessário que houvesse uma participação maior dos próprios moradores do bairro, pois se encaminhar uma reivindicação com apenas alguns moradores participando é difícil. O que os governantes mais temem é uma massa atuante e o trabalho de agrupar moradores leva muito tempo, para a organização de alguns trabalhos. Atualmente vivemos num sistema capitalista que favorece uma pequena minoria de nossa sociedade, ao passo que a outra grande maioria vive numa situação latimã*

*vel. Vivemos numa situação mais crítica do que a época dos escravos : somente os negros o eram e, hoje, brancos e negros são escravos.*

*Nós, hoje, ganhamos um salário por nosso trabalho, mas só que tudo que nós precisamos para a nossa sobrevivência precisamos comprar. O salário pago para a grande maioria dos trabalhadores não dá nem para uma alimentação decente e, além da alimentação, precisamos pagar condução, roupas, aluguel e outras coisas que um sistema capitalista nos obriga a comprar.....*

*Mas, da mesma forma que faziam os negros escravos, os trabalhadores de hoje também não assistem a tudo passivamente. E a forma de lutar contra isso é as pessoas se organizarem em grupos... Partindo de tudo isso, todos os grupos que lutam pela liberdade dos trabalhadores têm que se unir num só grupo e desta maneira não haverá poder algum que poderá resistir.*

Nas aulas seguintes analisamos a importância das alternativas presentes nas respostas. Sugerimos aos alunos que fornecessem mais informações sobre o grupo do qual participavam: como viam os outros integrantes, as atividades mais frequentes, modificações necessárias no grupo para melhorar a atuação na resolução de problemas pessoais ou coletivos.

Discutimos a formação desses grupos como um fato da história do Brasil hoje. Tomando por base alguns estudos como o de José Martins, em seu livro *Expropriação e Violência*<sup>9</sup> e Vinícius Caldeira Brant em *São Paulo: O Povo em Movimento*<sup>10</sup>, procu

9 . José Martins. Expropriação e Violência, São Paulo, Hucitec, 1980, pp. 172, 174, 181.

10. Vinícius Caldeira Brant, São Paulo: O Povo em Movimento

ramos ampliar os depoimentos dos alunos.

José Martins é de opinião que o protesto contra situações injustas que vivemos tem crescido muito nos últimos anos. Há sinais muito positivos que essas manifestações vêm do povo. Esses sinais aparecem nas diferentes formas de organização popular que estão surgindo. É que as pessoas começam a tomar consciência de que não podem esperar mais nada do Estado, das classes dominantes. Começam a tomar nas mãos a solução dos seus problemas. Então surgem associações como de Loteamentos Clandestinos, de moradores, movimentos contra carestia. Hoje, até clube de Futebol, até associações religiosas começam a desenvolver pequenos grupos, aquele germenzinho... Essa organização pode levar a uma reorganização das estruturas de poder.

Procuramos exemplificar as afirmações de Martins com o texto escrito por pescadores do Médio-Amazonas, durante o curso que demos, em 1980, em Itacoatiara.

#### ESSE POVO DO LAGO É MUITO BRAVO

(texto escrito por lavradores de Urucarã)

Este caso aconteceu num lago do Município de Urucarã. Os pescadores pescavam o peixe do lago. Os barcos pesqueiros ameaçavam pescar nas cabeceiras prá vender o peixe em Santarém. Os peixes dos lagos foram rareando. O povo das três comunidades que moravam na beira do lago se revoltaram contra esses pesqueiros. Reuniram os três presidentes e foram conversar com eles. Eles não aceitaram a reclamação. Os pescadores foram fa

lar com os ministros<sup>11</sup> das comunidades. Eles também não aceitaram reclamação. Falaram com os delegados do Sindicato. Também não aceitaram.

Aconteceu que o povo todo se reuniu em quatro motores e partiu prá briga. Queriam jogar os pescadores dos barcos pesqueiros prá dentro do Amazonas, mas eles disseram que não carecia fazer isso; que eles saíam do lago. São que eles saíram de lá e foram fazer queixa em Urucarã. A polícia foi com voz de prisão para os pescadores do lago: o delegado do Sindicato, o delegado do Município, o filho dele e outro membro do setor de Urucarã.

O povo todo da comunidade se reuniu; mais de cem homens. Foram atrás prá ver o que ia acontecer. A polícia disse que os quatro homens não estavam presos, estavam só agasalhados em outro lugar. Às oito horas, começaram a procurar, depois de ter esperado a noite toda. Aí os polícias disseram que eles estavam mesmo presos, mas que iam resolver as coisas na audiência. Os polícias telefonaram para São Sebastião, pedindo mais polícias para Urucarã, porque os cem homens diziam que iam invadir a cadeia. Diziam: "só nos afastamos daqui se for aos pedaços". Aí, com a presença do Padre Terêncio, soltaram os homens.

Agora esse lago de Urucarã é o lugar de onde a polícia tem mais medo de prender alguém. Os pescadores das cabeceiras também sumiram de lá, porque diziam que esse povo do lago

---

11. Ministro: encarregado do culto religioso.

*é muito bravo.*

## DEZEMBRO

*A prática problematizadora propõe aos educandos sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham. A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resulta a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção capaz de perceber-se. E, porque é capaz de perceber-se, enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la.*

*(Paulo Freire)<sup>12</sup>*

As quatro aulas de dezembro foram ocupadas com a discussão do possível caminho que iniciariamos em 1982. Foi considerado que a questão do aprendizado de organização que vinham obtendo nos grupos, bem como o significado histórico das organizações populares, deveriam ser melhor estudados. Havia muito o que se escrever sobre o assunto e estavam dispostos a fazê-lo. Compreendiam a importância dos textos que nasceriam nessas aulas.

Os alunos sabiam que os textos, inclusive este meu trabalho nasciam de um processo. Nasciam do conjunto de experiências minhas e deles. Eu não estava apenas fazendo análise do que escreviam. Nossos textos agregavam-se. O que fazíamos era escrever juntos fatos da História do grupo social no qual

---

12. Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

nos inserimos; História marcada por valores contraditórios que procurávamos compreender.

O viver-escrever-analisar gerou entre nós um estar à vontade constantemente manifestado pela alegria presente em nossa convivência, marcada por inúmeros obstáculos que íamos tentando destruir. Assim, tranqüilos, fizeram a avaliação do curso.

Curso: Técnica de Redação. E.E.P.S.G. "Prof. Architiclino Santos"

Opinião dos alunos sobre o curso - novembro, 1981	
Aspectos aproveitáveis da proposta	Aspectos a serem repensados
<p>1. Curso importante. Nunca tinha prestado atenção às coisas que discutimos aqui. Pudemos analisar e expor nossas idéias. É uma maneira de enxergar melhor as coisas. Embora o tema sempre fosse Trabalho, sempre teve algum aspecto diferente. Acordamos.</p> <p>2. No começo estava perdida, porque não estava trabalhando. Não podia nem dar opinião. Deveria ter outra alternativa. Depois comecei a trabalhar, aí adorei o curso.</p> <p>3. Escolhemos o assunto. Discutimos sobre nós mesmos. Escrevi sobre coisas que nem sabia que estavam em mim. Gostaria de poder escrever mais.</p> <p>4. A professora também quer saber das coisas da gente. Não só ensinar.</p> <p>5. Para mim foi importante a discussão sobre a participação em grupos, porque meu grupo é como uma família.</p> <p>6. A gente tem que saber o que é ser professor. Fiz as redações mais pelo incentivo que tive para escrever. Censura a gente já tem demais na vida. O curso foi proveitoso, porque nos demos bem.</p> <p>7. Antes eu não gostava de escrever, porque os temas eram infantis. Agora gosto de escrever. É importante procurar soluções para os problemas. Aprofundar as explicações.</p> <p>8. Aproveitei muito, porque pude parar a minha vida de desempregada e, depois, como empregada.</p>	<p>1. Gostaria que tivéssemos discutido outro assunto. Estou desempregada. Não vivo esses problemas. O curso não me influenciou em nada. Desde o começo sugeri temas como: segurança, aborto etc.</p> <p>2. Não gostei de ter ficado sempre nesse assunto: Trabalho.</p> <p>3. Houve muita zoeira no começo do curso. Ninguém queria escrever. Perdemos tempo.</p> <p>4. Temos duas aulas seguidas mas na primeira que a é a primeira, do período noturno, a classe está sempre vazia. Temos pouco tempo.</p> <p>5. Não gosto de falar. Não gosto de escrever sobre mim.</p> <p>6. O curso deveria começar antes do segundo colegial. Deveria ser ensinado como fazer o começo e o fim da redação.</p> <p>7. Não produzo como poderia, porque há muita preocupação, muito trabalho das outras matérias; provas. Há muitas coisas que interferem na hora de fazer a redação.</p> <p>8. Achei importante discutir problemas, mas não gosto de escrever.</p>

Total de alunos entrevistados : 22 alunos

Avaliação feita pelo aluno e avaliação feita pela escola : um caso de discrepância

Porém, a relação escola-aluno, como está analisada nos textos sobre o aluno do curso noturno, é opressora.

Os alunos que bravamente resistiram até novembro foram todos aprovados em Técnica de Redação. Mas, a escola, durante o conselho de professores, em dezembro, juntou mais alguns àqueles que, ao longo do ano, foram sendo *expulsos*.

Tivemos, no final o seguinte quadro :

1981	2º E	2º F
aprovados	6	10
reprovados	6	7
desistentes	15	16
em recuperação*	11	7
total de alunos	38	40

\* a maioria em duas matérias

## 2. TEXTO DO ALUNO : UM DOCUMENTO

Quando eu comecei trabalhar eu tinha quatorze anos. O primeiro dia foi uma maravilha... Pensei que estava virando gente. Mas o tempo foi passando e aí eu fui descobrindo que havia me enganado profundamente.

Onde trabalho existem vários casos que podem ser o meu também. Profissionalmente a minha situação está péssima. A firma onde trabalho tende a eliminar os funcionários de acordo com o término da Itaipu. ( A Unicon é a construtora que está construindo a Itaipu ). Então nós sabemos que qualquer esforço profissional é em vão, pois promoções não existem mais. Trabalhamos sobre constante ameaça de sermos mandados embora mais cedo ou mais tarde. Em comparação a outras firmas, a Unicon paga razoavelmente bem. E é aí que a minha situação piora, pois sou menor e menor aqui no Brasil só ganha salário mínimo, isso quando tem emprego. Se eu fosse despedida hoje, jamais iria conseguir a mesma faixa salarial, eu teria que rebaixar a carteira... E rebaixar mesmo!

Quando eu comecei trabalhar eu tinha quatorze anos. O primeiro dia foi uma maravilha... Pensei que estava virando gente. Mas o tempo foi passando e aí eu fui descobrindo que havia me enganado profundamente.

Prã mim foi um choque tremendo começar trabalhar tão longe de casa, (Av. Paulista) sem conhecer ninguém, sem ao menos saber que o "cara de terno e gravata" que estava na primei

ra mesa era meu chefe. Quando penso em mim com quatorze anos e agora dezessete sinto que a mudança foi bastante grande.

Aprendi muita coisa importante, mas também me envolvi em coisas que meus padrões religiosos e morais jamais admitiriam.

Hã dias que eu paro prá pensar se realmente vale a pena trabalhar. Fico oito horas ( e porque não dizer 11, contando o tempo que levo prá chegar até lá ) por dia, trancada num escritório, prá que ? Sinceramente eu não encontrei ainda uma resposta. Sei apenas que se faço isso, faço porque meus pais acham que eu preciso e eles jamais me entenderiam se eu largasse o meu "bom" emprego para fazer algo que me realiza... Algo que me aproxime mais das pessoas.

Eu sinto que estou perdendo tempo, mas o que fazer ? Eu estou condicionada a isto!

Então eu trabalho. Trabalho mesmo! Me esforço, em tempo de compensação de feriado, saio às seis horas da manhã de casa. Às vezes não almoço para adiantar o serviço. Mas eu me pergunto : vale a pena ? O que eu pretendo ? Enriquecer ? "Sim eu pretendo enriquecer e ficar o dia todo deitada numa rede a olhar o teto e assim ficar até meu fim".

Mas, mesmo assim, enriquecer é um sonho... A menos que eu faça a quina na loto. A gente trabalha sempre na esperança de que dias melhores virão. Mas sei que não será trancada naquele escritório que eu vou conseguir dias melhores.

Às vezes eu estou sentada em minha mesa com milhares de Pedidos de Compra na minha frente... E penso o quanto seria

*bom jogar tudo aquilo pro ar fazendo "aleluia" e sair por aí, arrancando a roupa e correndo. Mas falta coragem! Mas também eu iria correr para onde ?*

*Sabe, eu não gosto nada, nada dessa minha condição. . Conheci gente bacana sim, mas profissionalmente não me satisfaz o que eu faço.*

*Cada vez vou esquecendo mais das pessoas... E aquele trecho de Érico Veríssimo ... "O que há de melhor, a relação de pessoa para pessoa" ... Vai ficando só na poesia...*

*Mas, quando eu vou desanimando, me lembro que 'os lírios do campo não tecem nem fiam, no entanto nem mesmo Salomão, com toda sua glória, jamais se vestiu como um deles...'*

*Ana Regina Ferreira Leite*

*2ª colegial, curso noturno, 1981*

Estudo do texto de Ana Regina Ferreira Leite

Ana constrói o texto para manifestar seu desejo de fazer-se ouvir por pessoas em condições de entendê-la, com quem troca experiências; com seus iguais em faixa etária, em nível de escolaridade, situação de trabalho, em condições de vida, enfim.

Não está preocupada em superar o outro. Não tem um discurso competidor.

Inicia como quem vai falar de outras situações que não a sua, mas acaba falando de sua própria perplexidade, suas interrogações, do modo como vai vivendo determinados fatos, co

nhecidos dos seus colegas leitores. *Existem vários casos que podem ser o meu também.*

Refere-se à contradição entre os valores sociais de ascensão, poder, prestígio e a realidade, marcada pela completa falta de perspectiva.

O texto é explicativo. Tentar ser claro é preocupação constante de diversas redações dos alunos do noturno. Na luta pela vida, precisam ter explicações para cada passo a ser dado, mesmo que sejam explicações míticas. Talvez seja essa necessidade de clareza a responsável pelo não aparecimento de expressões jogadas, perdidas no conjunto dos seus julgamentos.

Explicar, comparar situações contraditórias, interrogar, são elementos dessas redações, bem como as frequentes interferências do autor, como uma continuação da linguagem oral, da conversa, da importância da presença real do outro.

A seguir quadro-resumo das considerações sobre o texto :

Seu texto é :

1. antitético	<p>nele se opõe ilusão e realidade.  <i>A Unicon paga bem e aí minha situação se complica.  Pensei que estava virando gente, mas havia me enganado profundamente.  Aprendi muita coisa mas me envolvi com coisas que meus padrões religiosos e morais jamais admitiriam.  Meus pais não admitiriam que eu largasse meu "bom" emprego.  Enriquecer é um sonho.</i></p>
2. construído sobre dúvidas	<p>nascidas da realidade pré-estabelecida e interrogações desequilibradas dessa realidade: o trabalho humaniza e desumaniza.  <i>Vale a pena trabalhar ?  Por que ficar trancada num escritório ?  Vale a pena trabalhar para enriquecer ?</i></p>
3. assumido pela autora	<p>Na realidade pré-estabelecida, ao mesmo tempo que faz interrogações que são fissuras nessa imposição de valores ideológicos, vai deixando claro o seu ponto de vista, manifestação da sua consciência.  <i>Enriquecer só com a quina na loto.  Não será trancada naquele escritório que conseguirei dias melhores.  Não é por aí que vou me aproximar mais das pessoas, o que há de melhor.  A sorte na loto não mudaria sua ausência de perspectiva.  Ficaria deitada, numa rede, olhando o teto até meu fim</i></p>
4. concretizado	<p>por: 1) nomes: Unicon, Itaipu;  2) espaço: São Paulo, Av. Paulista, Brasil;  3) tempo: Tinha 14 anos e agora com 17, marcando as transformações ocorridas :  <i>a mudança foi bastante grande.</i></p>
5. consistente	<p>em informações, referências, análises sobre como são as relações de trabalho, em firmas cujas funções de escritório são contabilizar, transferir valores ou controlar essas atividades.</p>
<p>Fala sobre :</p> <p>a) existência de firmas dependentes:  <i>Unicon é construtora da Itaipu</i></p> <p>b) trabalho temporário e por jornada:  <i>a firma tende a eliminar funcionários com o término da Itaipu  Qualquer esforço é vão</i></p> <p>c) trabalho do menor:  <i>menor só ganha salário mínimo, isso quando tem emprego</i></p>	

continua

<p>d) relação entre arrocho salarial e carteira profissional <i>teria que rebaixar a carteira e rebaixar mesmo</i></p> <p>e) desvalorização do trabalhador (remete-nos a existência do exército industrial de reserva que garante essa desvalorização) <i>trabalhamos sob constante ameaça de sermos mandados embora</i></p> <p>f) deterioração do salário que só é maior, quando chamariz para o trabalho temporário: <i>jámais iria conseguir a mesma faixa salarial</i></p> <p>g) manutenção da imagem do trabalhador de escritório como profissional que possui "status": <i>o cara de terno e gravata era o chefe</i></p> <p>h) número de horas de trabalho excessivo (retrocesso a jornadas do início do século XX para menores de idade); obrigatoriedade de horas extras: <i>trabalho oito horas, trabalho em hora de almoço, faço .. compensação de feriado.</i></p> <p>i) condições de trabalho e as loucuras como respostas a essas condições: <i>milhares de pedidos de compras. Quando seria bom jogar tudo aquilo pro ar, fazendo "aleluia" e sair por aí, arrancando a roupa.</i></p>	
<p>6. revelador</p>	<p>da falta de espaço para os jovens; <i>eu iria correr para onde ?</i></p> <p>que são impedidos de participar da vida política do país; que não encontram possibilidade de ter a atuação coerente com seu grau de consciência histórica e que acabam, muitas vezes, aceitando fugas acalentadoras como saídas:</p> <p><i>Mas, quando eu vou desanimando eu me lembro que 'os lírios do campo não tecem nem fiam, no entanto nem mesmo Salomão com toda sua glória jamais se vestiu como um deles.'</i></p> <p>Fugas que não são as suas decisões. Não é a sua palavra, mas aquelas com que o sistema insiste em nos anestesiar.</p>

### 3. E ESTAMOS VIVENDO ...

Em nossa trajetória de rompimentos e opções, vão surgindo dúvidas e certezas. Temos pouco tempo para trabalhar com os mesmos alunos. Talvez um ano ( muitos desistem no primeiro semestre ). Temos que planejar para curtos períodos. Agrupar professores com as mesmas opções de vida. Ter atitudes inteligentes para não capitularmos diante de lamentáveis evidências, como a que demonstra o quadro das reprovações.

Situações como essas tendem a nos aniquilar porque são índices dos limites impostos a nossa atuação transformadora.

Quais serão, hoje, as estratégias mais adequadas ao nosso local de trabalho ?

## BIBLIOGRAFIA

A - Sobre o Uso da Língua

FESTA, Regina Dalva. "Comunicação Internacional : Nova Ordem Internacional da Informação", in *Comunicação e Sociedade*. nº 3, S.P., Cortez, 1980.

LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis, Vozes, 1975.

MALDIDIÉ, D. e ROBIN, R. "Du Spectacle au Meurtre de L'événement". in *Revista Pratiques*, nº 4, março de 1974.

MISERANI, S. C.. *Redação Escolar : Criatividade*. Colégio 1, 4ª edição, S.P., Ed. Discubra, 1973.

PEYTARD, J. e GENOUVRIER, E.. *Linguística e Ensino de Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 1974.

WERTHEIN, Jorge (org.) *Meios de Comunicação : Realidade e Mito*. S.P., Nacional, 1979.

VERNIER, France. *L'Écriture et les Textes*. Paris, Editions Sociales, 1974.

B - Sobre Educação

CUNHA, L. A.. *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*. 3ª edição, R.J., Francisco Alves, 1978.

DIAZ, Carlos. *Manifiesto Libertário de la Enseñanza*. Madrid, Ediciones de La Piqueta, 1978.

FREINET, Celestin. *A Educação pelo Trabalho*. Vol. I e II, Lisboa, Editorial Presença, 1974.

FREINET, Celestin. *O Texto Livre*. Lisboa, Dinalivro, 1973.

\_\_\_\_\_ *As Técnicas da Escola Moderna*. Lisboa, Editorial Estampa, 1973.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 10<sup>a</sup> edição, Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_ e outros. *Vivendo e Aprendendo*. Ed. Brasiliense, 1980.

PONCE, Anibal. *Educacion y Lucha de Classes*. Buenos Aires, Editorial Cartago, 1974.

RIBEIRO, Sylvia de A. O.. *Em Busca de uma Metodologia para uma Educação Libertadora*. (dissertação de mestrado - PUC), S.P., 1977.

C - Sobre Questões de História, Sociologia e Filosofia

BAKHTIN, M. e VOLOSHINOV, C.. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. S.P., Ed. Hucitec, 1979.

BASAGLIA, F.. *A Psiquiatria Alternativa*. S.P., Ed. Brasil Debates, 1979.

BOSI, Eclea. *Cultura de Massas e Cultura Popular : Leituras Operárias*. 3<sup>a</sup> edição, Ed. Vozes, 1977.

BRECHT, B.. "La Excepción y la regla", in *Teatro Completo*. Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1977.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e Capital Monopolista*. R.J., Zahar Editores, 1977.

BRANT, V. C.. "Da resistência aos movimentos sociais : a emergência das classes populares em São Paulo", in *São Paulo : O Povo em Movimento*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1981.

- CÂNDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. S.P., Livraria Duas Cidades, 1979.
- 
- \_\_\_\_\_ e PRADO, D.A.. *A Personagem de Ficção*. S.P., 5ª edição, Ed. Perspectiva, 1976.
- CARVALHO, Murilo. "De louco, todo bancário tem um pouco", in *Jornal Movimento*, 27/09/1979.
- FAUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1977.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia*. S.P., Difusão Européia do Livro, 1967.
- 
- \_\_\_\_\_. *Dialética e Cultura*. R.J., Paz e Terra, 2ª edição, 1979.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. R.J., Civilização Brasileira, 1968.
- 
- \_\_\_\_\_. *Concepção Dialética da História*. R.J., Civilização Brasileira, 1978.
- KOWARICK, Lúcio. *A Expolição Urbana*. R.J., Paz e Terra, 1979.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica Formal e Lógica Dialética*. Civilização Brasileira, 1975.
- MARTINS, José. *Expropriação e Violência*. S.P., Ed. Hucitex, 1980.
- MARX, K. e Engels, F. *A Ideologia Alemã*. Lisboa, Editorial Presença, s/d..
- MEGGERS, Betty. *Amazônia, a Ilusão de um Paraíso*. S.P., Civilização Brasileira, 1977.
- PARANHOS, Adalberto. "Consciência de Classe e Consciência Possível", in *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, nº 8.

SAVIANI, Dermeval. "Análise Crítica da Organização Escolar Brasileira, através das Leis 5540/68 e 5692/71" , in *Educação Brasileira Contemporânea : Organização e Funcionamento*. Ed. McGraw-Hill, 1976.

SINGER, P. e BRANT, V.C..(org.) *São Paulo : O Povo em Movimento*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1981.

TSETUNG, Mao. *Sobre a Contradição e Sobre a Prática*.

A N E X O S

## ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

1. Meu nome é .....
2. Tenho ..... anos
3. Minha profissão é ..... e na firma fa  
ço os seguintes serviços .....
4. Na minha casa somos ..... pessoas. São elas: .....
5. Nossa renda familiar é em torno de .....  
porque trabalham as seguintes pessoas: .....
6. Com essa renda familiar dá para ter .....  
e não dá para ter outras coisas que acho importantes como: .....
7. Além do trabalho, e da escola tenho outras atividades. A  
que considero mais importante é .....  
..... porque .....
8. Mas, para essa atividade ser mais importante ainda, precisa  
ria que .....
9. Na verdade mesmo, eu gostaria .....

## ANEXO 2

QUADRO OBTIDO COM AS RESPOSTAS  
AO QUESTIONÁRIO

Nº	Nº de pessoas	Nº das que trabalham	Renda Familiar
1	8	7	100.000,00
2	10	2	100.000,00
3	5	2	100.000,00
4	8	6	100.000,00
5	3	2	100.000,00
6	5	4	100.000,00
7	7	3	80.000,00
8	7	5	80.000,00
9	4	3	70.000,00
10	9	n.c*	60.000,00
11	3	2	60.000,00
12	5	3	50.000,00
13	7	4	50.000,00
14	3	n.c	50.000,00
15	6	3	40.000,00
16	10	n.c	40.000,00
17	4	3	40.000,00
18	2	1	20.000,00
19	3	2	10.000,00

n.c\*: não consta

novembro, 1981

salário mínimo: Cr\$ 11.928,00

questionário que deu origem ao quadro foi respondido por jovens entre 16 a 25 anos.

Bairro do Jaguaré, em sua maioria.

*À tarde aqui junta menino que sô!*

ANEXO 3

O que os professores conhecem a respeito da vida das crianças da escola? E sobre a vida daquelas que deixaram a escola ou daquelas que nunca frequentaram a escola? Como essas crianças brincam? Que sabedoria demonstram em suas brincadeiras? Como se organizam nos grupos? São amigos? Como superam suas dificuldades no espaço em que brincam? Como aproveitam as condições geográficas em suas brincadeiras?

Essas eram as interrogações que levávamos para entrevistar a população do bairro do Jauari, as crianças especialmente, depois de termos passado o dia anterior tentando analisar os dados que obtivemos sobre o bairro, observando o mapeamento, contactando com pessoas do bairro que pudessem ser entrevistadas, enfim, organizando o trabalho junto aos professores que iriam, em grupos, percorrer as ruas e becos, nesses dois quilômetros, na beira do Amazonas.

O trabalho abordou o tema: *A criança e a água.*

O bairro do Jauari fica numa planície, cortada pelo aningal (local brejoso, antigo lago aterrado, sobre o qual contam casos misteriosos de jacarês, tracajás, cobras e visagens). Depois que um dos prefeitos de Itacoatiara resolveu aterrar parte do lago, a situação que se criou por esse chamado "melhoramento" é de impasse. Aterrar tudo parece não fazer parte dos planos da prefeitura. Deixar como está é ter pela frente a ameaça constante das doenças provocadas pela

água estagnada, pelos detritos que, apodrecendo, impedem o pouco de vida que teima existir ali.

Nessa planície, existem vários campinhos de futebol, dois deles próximos ao aningal. Chão arenoso, traves improvisadas e um bando de crianças.

Dona Generosa, mãe de treze filhos, mora no Beco *Dez de Dezembro*, em frente a um seringal abandonado, onde cresceram alguns pés de Cupuaçu (Cupuzeiros). O cupu é fruta muito apreciada pelos de Itacoatiara. Com cupu fazem geléia, vinho (refresco), outros doces. Acreditam que o cupu, algum tempo depois de caído do pé já não serve mais. Apanhado do pé como as outras frutas também não serve. Estará verde e não amadurecerá. Por causa disso, desenvolvem muito a atenção e o ouvido para conseguir ouvir o barulho que a fruta faz, no momento em que cai da árvore. No meio da brincadeira, da conversa, saem as crianças correndo. É que ouviram o cupu cair em determinada direção. Podem precisar onde foi. Voltam em seguida com a fruta na mão e a alegria no rosto. Adoram cupuaçu e adoram a aventura de descobrir onde caiu.

D. Generosa aproxima-se da roda de crianças, quando começamos entrevistá-las. À nossa pergunta sobre as dificuldades da vida vai dizendo: *Até não é difícil a vida; é difícil agora, porque o esteio da casa (marido) está paralisado do braço*. Era agricultor e veio para a cidade para os filhos estudarem. *Ele é um operário. Ele opera uma caldeira sem fazer teste nenhum*. Trabalhou na Niba (serraria). Agora trabalhava na Gestal (serraria). Adoeceu e está ganhando Cr\$ 2.500,00 de

pensão. Os homens mandaram uma carta para ir lá pedir demis  
são. Vou falar com o Bispo Jorge prá saber se isso tá certo.  
Ele é um operário e eles não querem dar valor."

*O Tombo é essa magrinha*

D. Generosa é uma mulher consciente de muitos fatos da vida. Consciente de que Eles, os patrões do marido não fa  
lam a verdade. Não têm a franqueza que está acostumada a en  
contrar nas pessoas ali do seu beco, a sua gente. Não quer se deixar enganar nessa questão dos direitos do marido. É lutado  
ra. Diz: *Eu mesma fiz a casinha. Os moços não tinham trabalha*  
*Foram embora. Eu queria ter ferramenta e botar uma oficina pa*  
*ra fazer banco, guarda-louça, guarda-roupa. Precisava de ban*  
*cada.*

Tem muito carinho pelas crianças do beco e pelos fi  
lhos. A respeito da Dulcirene, sua filha de doze anos diz que:  
*O tombo é essa magrinha. Me ajudou a criar o netinho. Mas ,*  
*quando tou em casa dou soltura prá ela. Criança também tem que*  
*ter hora prá brincar. Ajuda em tudo. E continua: Meu filho*  
*agora tá cuidando de três famílias. Cuida da família de Do*  
*na Generosa, porque o pai está doente. Cuida da família da ir*  
*mã, porque o cunhado foi servir o exército e vai levar seis*  
*meses prá receber. Cuida da própria família.*

Sobre as outras crianças, demonstra preocupação por todas, ainda que não sejam seus filhos. Esse outro ai a mãe tem nove filhos. Esses meninos tão tudo sem estudar. Esse ou tro ai é sô papagaio. E valoriza a amizade, a solidariedade entre eles: As criança não brigam. Aqui não tem desavença. Quando vem alguém de fora precisa dar um, dois gritos. Depois vão brincar. Aqui não tem arenga, desavença. Tudo é fácil. Es sa ali estava enrascada tendo nenem. Eu socorri ela. Num caso de doença, todos ajudam. Num caso de falta de comida, a gente vai ajudando.

À tarde aqui junta menino que sô! Me admira, não sentem as cascas (do fruto da seringueira) que dai no pê da gente.

Apesar de ser uma mulher disposta, trabalhadeira, es perançosa, deixa passar, pela conversa os motivos de preocupa ção, as dificuldades, as lutas que tem para criar seus filhos. Deixa claro que essas dificuldades não são sô dela. Que todos ali se compreendem e se ajudam para viver. Sua casa não tem fruteira (pomar) como outras casas da cidade. Então sô comem praticamente peixe com farinha.

Quando o velho tava bom, mudava de comida, compra va carne. Agora o esteio tã doente. Uma vez por semana traz peixe. Pescam no Rio Urubu. Pescam em grupo com a rede e de pois dividem por cinco, seis famílias. No tempo de arribação tem muito. Agora o rio tã enchendo e os peixes entram pelos lagos. Num canteiro suspenso por estacas planta salsa e ce bolinha. Verdura (chamam verdura tudo que é vegetal: batata ,

legume, folha) s3o quando v3o para o interior.

As crian7as ajudam muito. Quando os homens v3o pes  
car, agora 3 a rede, e agora a cuia, e agora a lamparina e  
agora o anzol. Ajunta os filhos. S3o todos pequeninos. V3o  
pr3 beira. Ajudam os pais. Voltam sozinhos.

*Eu n3o quero sair daqui*

D. Generosa n3o quer se mudar dali. Quando pergunta  
mos por que, disse: Essas casas n3o s3o documentadas. Saiu no  
jornal que vamos sair daqui. Vamos ser indenizados; que vamos  
pro bairro S3o Jorge. Sem condu73o sem nada. Eu n3o quero sair  
daqui.

A popula73o do bairro do Jauari vive em fun73o do  
rio. Por ele recebem o peixe. Por ele se comunicam com os po  
voados que chamam de interior. Por ele mant3m contato com os  
parentes que moram em outros locais pr3 l3 do rio. N3o 3 s3o  
um apego emocional. Eles precisam do rio.

D. Generosa quer continuar ali. Precisa muito do Rio  
Amazonas, do Rio Urubu, enfim do rio. Tem medo de deixar as  
crian7as caminharem pelas ruas da cidade sozinhas por causa  
dos carros que v3m aumentando muito, nos 3ltimos anos. Eles  
agora n3o t3o respeitando ningu3m. Essas hora n3o t3o pergun

tando quem tã de guarda. Não tenho confiança de mandar uma criança do São Jorge até a beira.

Nessa altura refere-se aos velhos. Diz que os mot  
ristas não respeitam os velhos e que ela acha isso errado. De  
viam respeitar os velhos. Vai ficando velho, vai ficando novo.  
Eu gosto muito de velhos. A gente tem que ter paciência.

A água não é só meio de vida para eles. É também quem  
traz a morte. A água cercada pelo aterro parcial do aningal ;  
a água dos esgotos que correm nas ruas. O povo acostumou a  
usar os olhos d'água abundantes na região, e de onde fluía a  
água pura consumida por eles. Depois, segundo a Prefeitura ,  
essa água se contaminou. Foram fechados os nascedouros. Não  
se canalizou água suficiente para os bairros. Há falta d'água  
até no centro da cidade por dias e dias. Resultado: usa-se uma  
mesma bacia para lavar muitos utensílios. Apanha-se água da  
beira do rio até para beber e as infecções vão dizimando prin  
cipalmente as crianças que, embora razoavelmente alimentadas  
(peixe, farinha, frutos) acabam não resistindo. Aqui entra um  
novo problema: *Filho meu não entra nesse hospital. Se tiver  
que morrer que morra em casa.*

O hospital é outro mistério. É outro entrave na vi  
da da população. Muita gente que é internada, sai de lá para  
o cemitério. Como não recebem explicações claras sobre os mo  
tivos da morte, ficam sem saber se foi devido ao estado do  
doente ou se foi falta de cuidado dos médicos. Quando pergun  
tamos a D. Generosa o que mais gostaria de ter ali naquela  
sua vida respondeu: *A gente queria que viesse aqui prá Itacoa*

*tiara um médico de verdade!*

Os desejos de D. Generosa nunca são sô seus. Ao ou ví-la estamos ouvindo todo Jauari, todos os bairros pobres de Itacoatiara. Esse é um valor que se filtra por toda a entrevis ta. Como toda população desses bairros, D. Generosa lembra o caso de uma menina de 14 anos que dias antes morrera no hos pital, vítima de queimaduras. Numa noite, ao acender um facho para iluminar a privada, no fundo do seu quintal, deu-se uma explosão até agora não explicada e a menina sofreu graves quei maduras. Todos esperavam que fosse transportada para Manaus , mas não houve a transferência e a menina morreu. Mistério na explosão (seria devido ao acúmulo de gás metano? Haveria, na quele terreno vazamento de gasoduto que alimenta um depósito próximo? Seria gás acumulado pela deterioração do lixo deposi tado ou criado no aningal?) Mistério. Mistério também na medi cação prescrita pelos médicos.

Sai mais um caixão do hospital para o cemitério.

*Roubando bandeira*

Enquanto D. Generosa falava com desembaraço, analisando os fatos que contava; dizendo dos seus sonhos, suas preo cupações, as crianças, muitas crianças corriam de um lado pa

ra o outro, naquele terreno plano do seringal abandonado. De vez em quando se aproximavam e também davam seus depoimentos, ou faziam alguma demonstração de suas habilidades nos brinquedos. Dulcirene e seus irmãos e amigos gostam muito do bole-bole, brincadeira em que utilizam sementes de seringueira, apanhando-as com uma das mãos e jogando-as para cima. Com muita esperteza, agilidade estabelecem várias relações entre o tamanho desigual das sementes; distâncias entre as sementes jogadas, peso e tempo. Jogam no mínimo com cinco e no máximo com dez sementes e conseguem se divertir muito.

Aproveitam o terreno plano para as várias brincadeiras de correr. Cemitório (queimada) e rouba-bandeira são muito apreciadas. A bandeira é um galho qualquer de mato. Separam os campos, dez passos para cada um. Os de um tem que correr; roubar a bandeira do outro. Aquele que tentar roubar a bandeira e for pego, tem que parar imediatamente no mesmo lugar e só poderá se livrar, se um companheiro tocar nele. Livrar-se do adversário exige rapidez e agilidade de corpo. Não só é preciso roubar a bandeira do outro grupo, têm ainda que livrar os companheiros presos, sem se deixar apanhar. No final, aquele que atravessa, traz para seu campo a bandeira e a vitória do grupo todo e como disse D. Generosa, *aquí não tem desavença*, todos se divertem.

*Caiu, deixa prá lá, a gente faz outro*

A alegria, o companheirismo, a esperteza, presentes no aningal, também aparecem entre as crianças da Comunidade da Paz, na margem do Amazonas. Elas vão encontrando, naquele espaço, um jeito de viver a infância. Como a brisa do rio é cors tante, o céu está sempre enfeitado de papagaios de todos os tamanhos e cores.

Conseguem a linha, o papel, a cola com o dinheiro que obtêm vendendo pamonha, banana frita, bolinhos feitos pelas mães. Sempre uma pequena parte do lucro fica para as crianças. Um dos meninos vai explicando, enquanto enrola a linha em fuso: "100 jardas custa Cr\$ 18,60

1000 jardas custa Cr\$ 50,00

2000 jardas custa Cr\$ 100,00"

Conhecem a metragem do carretel e conhecem o preço. Fazem, sem o saber regra de três. Fazer cálculos para eles é fundamental, porque têm que juntar cruzeiro a cruzeiro.

Conhecem também o modo de conseguir o equilíbrio entre as partes do papagaio, garantia de que subirá. Fazem todas as medidas com pedaços, varetas de bambu. Os lados iguais da armação. Para fazer o peitoral, traçado de linha, medem pela colocação da linha em diagonal. Desembaraçados, explicam tudo com clareza. São bons professores.

Contam também que fazem cerol, vidro pilado com goma, para passar na linha. A finalidade é cortar as linhas dos papagaios dos companheiros, nas batalhas para derrubarem papagaios. É um corre-corre quando conseguem fazer cair o papagaio do outro. Perguntamos se não dava briga essa brincadeira. Disseram: *Não. Caiu, deixa pra lá. A gente faz outro.*

Como os do aningal, também brincam de roda e pira-coca (pegador).

*Brincando vão se viciando*

Existe, na comunidade da Paz, a brincadeira de dado com os times de futebol. Utilizam dados feitos por eles mesmos de dois a três centímetros de aresta, nos quais desenham, com capricho, os emblemas dos times. Alguns do Amazonas, outros do Pará e do Rio de Janeiro. Esses emblemas também são pintados no tampo de uma mesa. Uma lata serve como recipiente para sacudir os dados. Depositados na mesa, retirada a lata,

conferem as apostas feitas, os ganhadores e os que perderam .  
Esse é um jogo no qual os adultos do bairro apostam dinheiro  
e, pelo que observei numa quermesse, muito dinheiro para uma  
população de condições de vida tão difíceis.

A situação das crianças, suas brincadeiras e o que  
demonstram conhecer, quando brincam, foram analisados pelo  
grupo de professores. Será que a escola não tem nada a aprovei-  
tar desse conhecimento?

*A experiência foi vivenciada. Que projetos e interrogações nos  
ficaram?*

*O que mais me chamou a atenção e que  
fiz com maior empenho e alegria foi a rea-  
lização do estudo da comunidade do Jauari.  
Tive oportunidade de despertar para a gran-  
de riqueza de material vivo para a aula,  
pois o que se tem visto e utilizado são lí-  
vros baseados na realidade da classe supē-  
rior do sul do país.*

Maria do Socorro  
Professora de Itacoatiara

A opinião de Maria do Socorro representa a da maio-  
ria dos professores que frequentaram o curso. O bairro do  
Jauari é importante pra a cidade de Itacoatiara. Nele, mistu-

ram-se trabalhadores de muitas profissões: pescadores, lavradores (que vão de barco para outras regiões nas margens do Amazonas, seus paranãs, seus igarapês, seus lagos), vendedores de peixe, pequenos comerciantes, trabalhadores das juteiras (depósitos do enfardamento da juta). No Jauari estão duas grandes serrarias e é onde se localiza o segundo porto da Cidade. Foi o bairro escolhido pelos professores para o estudo no espaço social por causa do que significa em termos de mudanças que vêm ocorrendo na cidade.

Na avaliação do curso, os professores demonstraram que conheceram um tipo de trabalho possível de ser realizado com os alunos e que permite conhecer, juntamente com as crianças, aspectos da vida da região, da sua geografia, da sua História e que não estão nos livros. Com esse trabalho, alunos e professores poderão viver a situação de documentar a História, através do texto escrito, elaborado a partir das observações, dos depoimentos ouvidos, da interpretação, da análise das relações que ocorrem nos fatos registrados.

Foram ricos os relatos dos professores sobre essa experiência. Infelizmente, quando construíram o texto escrito, muitos detalhes ficaram esquecidos. Mas, mesmo assim, conseguimos que organizassem material precioso para a História de Itacoatiara, da qual faz parte a história dos seus alunos. Enfim a história que, como professores, estão ajudando a construir.

Como aprofundar a interpretação que fazem dos fatos que presenciam, que vivem?

Como possibilitar que essa interpretação caminhe junto com ações transformadoras?

Como incentivá-los a documentar por escrito aquilo que os ajudaria nas lutas para mudanças em suas vidas, na vida de seus alunos? Como essas mudanças aparecem na linguagem?

São Paulo  
Fevereiro, 1980

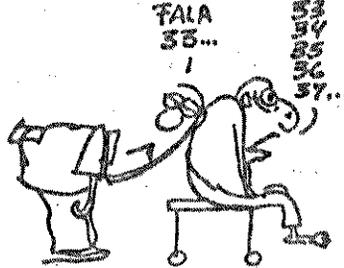
# De louco, todo bancário tem um pouco

"Não dá amenidades aos marceiros". Com essa frase num cartaz afixado diante de sua caixa, o bancário Sérgio Porto, na vida civil conhecido como o humorista Stanislaw Ponte Preta, provocou sério tumulto na agência carioca do Banco do Brasil, onde trabalhou por mais de 19 anos, provocando a ira de gerentes e subgerentes. Seu humor agudo havia captado com clareza o sentimento da maioria dos bancários, enfiados em seus pequenos compartimentos, enjaulados, obrigados a um horário de trabalho rígido, manipulando diariamente os milhões que derramam lucros por todo lado, menos nos seus bolsos magros.

Usados quase sempre como exemplo de trabalhadores cordatos e educados, um permanente sorriso afivelado nos lábios, têm sido encarados como uma categoria silenciosa, cuja rotina de vida nem sequer merece algum interesse. Mas de repente eles entram em greve, fazem passeatas, vão para a cadeia, resistem e lutam. Quem são eles, esses bancários que tiraram as gravatas e saíram para as ruas?

*Vida de bancário: cada dia, tudo sempre igual, a mesma rotina, o mesmo salário minguaado, a mesma falta de perspectiva. Isso pode mudar?*

Murilo Carvalho



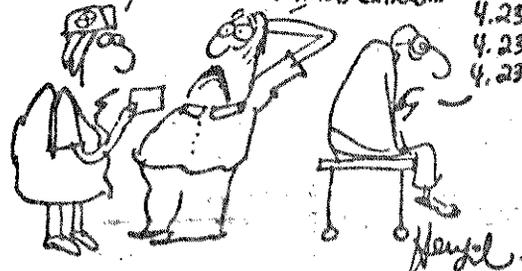
«O caixa estava sempre dando furo, sempre faltava algum dinheiro, mas não era muita coisa, então o tesoureiro ia sempre descontando do salário do rapaz. Mas como continuava sumindo cada vez mais e o rapaz parecia nem ligar muito, o tesoureiro da agência resolveu dar uma checada. E não é que um dia ele surpreendeu o rapaz meio encolado numa coluna, escondido, comendo uma nota de 50 novinha! Ele vinha comendo todo o dinheiro que faltava no caixa, as notas novas que chegavam. Internaram ele, não é, num hospício, e eu não sei mais nenhuma notícia. Isso já faz alguns anos». Edvaldo Blau Candeias, pouco mais de 60 anos, bancário aposentado, conhece tudo a respeito do dia-a-dia atrás de cheques, ordens de pagamento, compensação e carteiros de cobrança. Passou toda sua vida — desde os 18 anos — dentro de um banco.

Suas histórias chegam a ficar famosas nas reuniões de conversa do Largo do Café, no centro de São Paulo, junto às ruas onde se situam os principais sedes dos grandes conglomerados bancários do país. Há um pouco de nostalgia nas histórias de Edvaldo, embora ele se entusiasme muito com o correr das greves de bancários que chegam para ele «até muito atrapalhadas».

«Eu fui bancário de criação, e posso dizer que peguei todas as modificações que os salaristas foram fazendo nos ternos e nas gravatas nesses últimos quarenta anos. Já usei paletó curto, comprido, jaquetão, já usei palatinho dourado no colarinho, gravata fina, larga, estreita. E eu sempre digo que as mudanças dentro da vida de um bancário são as mudanças do corte da roupa». Irônico, Edvaldo faz uma comparação entre sua velha vida de bancário e a que vê hoje, pelas conversas com pessoal mais novo, pelas notícias de jornais:

«Logo que fui ser bancário, entrei como office-boy no comercial, todas as minhas famílias exultam: naquele tempo ser bancário era uma carreira de prestígio e a gente enchia a boca quando dizia. Se entrasse no Banco do Brasil então, era um sonho, a certeza de um salário certo para toda a vida. Uma carreira até melhor que a de professor, grandes nomes das letras eram bancários. Políticos, administradores, uma beleza. Mas depois, aos poucos, tudo começou a mudar. Os salários ficaram não prestando mais, o serviço foi ficando cada vez mais impossível, a gente nem reconhecia mais os colegas do banco. Eu

ELE É COMPENSADO!



ainda peguei uma fase boa, pude comprar minha casa, hoje ainda tenho um certo conforto. Mas penei muito e cheguei mesmo a empregar um relógio de ouro que ganhei da direção do banco quando completei 25 anos de serviço prestados. Em todo caso eu não me arrependo não da minha vida de bancário, mas agora, se eu fosse novo e tivesse que recomeçar, eu tenho certeza: eu não seria nunca um bancário. Lá escolher outras profissões, porque ser bancário hoje em dia é viver quase na miséria, debaixo de um regime de chicote. Eu até tenho orgulho de saber que estão prendendo bancários no Rio Grande do Sul. Eles não estão aceitando mais as jaulas, estão mostrando que bancário também tem coragem. Para voltar a ser bancário só assim, na luta».

Na conferência de pedestres que alutiam as calçadas da rua São Bruto, próximo à sede do veloso Banco do Estado de São Paulo, marca registrada da cidade, um grupo de rapazes e moças conversa numa rodinha que quase atrapalha a passagem. São todos bancários e ali perto é a sede do sindicato. Prepara-se uma possível greve, e as conversas são entusiasmadas.

«Sabe o que é mesmo nossa vida de bancário? — uma lotura diferente. Acho que somos dos mais explorados que tem, porque ganhamos menos que quase todas as profis-

sões, até mesmo os pedes estão recebendo piso salarial melhor do que o nosso em muitos estados». João Carlos, 24 anos, auxiliar de escritório: «O banco, não fala só no que o trabalho não, todo banco em geral, pensa no bancário como mais uma máquina de calcular, uma máquina de escrever que eles têm lá. Pôeu, substitui, não pensam na gente como seres humanos. Quero trabalhar no atendimento ao público ainda tem uma certa possibilidade de se relacionar, mas quem trabalha dentro em serviço interno, só vendo, vive uma perfeitinha escravidão de silêncio. E a gente tem um problema sério de união, porque hoje em dia quase todo bancário é passageiro, está ali mesmo só enquanto não arranja coisa melhor, um trampolim para conseguir outro trabalho. Embora os banqueiros reclamem disso, é uma grande vantagem para eles, porque com essa alta rotatividade de eles sempre estão pagando salário de iniciante, economizando dinheiro. Eles sempre procuram manter os chefes — gerentes, subgerentes, controladores — bem remunerados e bem distanciados dos funcionários comuns. E assim eles conseguem dividir a classe, impondo carraças e controladores o tempo todo. Pode perguntar, toda vez que chega um cara novo no banco a primeira coisa que ele aprende é a ter medo dos chefes. A tremar nas pernas quando eles latam. A gente chega sem saber nada, com medo de erro porque está lidando com dinheiro, e dinheiro é a coisa mais sagrada nessa sociedade. As primeiras conversas que a gente ouve no banco sempre são sobre desfalques, furos de caixa, erros fantásticos, trocas de impressos que parou computadores. Tudo num clima de terror danado».

«Na verdade, afirma Sérgio, uma bancária do setor de compensação, a gente vem trabalhar no banco é por falta de opção, por que se eu fosse secretária numa firma particular ganharia muito mais. Hoje você pode notar, a maioria dos bancários é de jovens, estudantes, pessoal que vai sair logo se puder. Só nos bancos do governo, como o Banco do Brasil ou do Estado, é que o pessoal faz carreira».

**«Prometo amar a Deus e ao Banco acima de meus interesses pessoais»**

Tudo candidato a um emprego no Brades

co recebe uma pequena ficha com esse texto que é obrigado a copiar, e não, e assinar. Uma espécie de profissão de fé, de confissão nos firmes propósitos do banco. E essa não podia ser um melhor exemplo da espécie de dedicação que os banqueiros exigem de seus trabalhadores, em troca de uma remuneração baixíssima, como se tem visto, pelas reivindicações dos bancários. Uma dedicação tão absurda, em condições tão precárias que torna os bancários a categoria profissional onde o índice de neuroses e doenças mentais é um dos mais altos. Segundo a psicóloga Luiza Martins, que presta serviços numa clínica de São Paulo que mantém convênio com vários bancos, chegou a ser assaltado o número um bancário de Campinas que urinava todas as manhãs na caixa de correspondência do banco e só foi internado numa clínica quando jogou uma grande quantidade de documentos pela janela, e depois tentou saltar junto. Mas há casos bem mais sérios e menos folclóricos que costumam aparecer nos manchetes policiais. Em maio de 79, por exemplo, Wilson Selixas, um calmo e comportado funcionário da agência de Copacabana do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, chegou ao trabalho um pouco mais tarde. O subgerente chamou-lhe a atenção. Wilson saiu andando até o guarda de segurança, tomou-lhe o revólver, voltou até a mesa de Nel Ribeiro, o subgerente, deu-lhe dois tiros à queima-coupa. Ficou depois vagando pelo agência, ainda armado. De repente, numa segunda crise, correu até o corpo e deu mais dois tiros. Desarmado pelo colega, Wilson explicou: «Ela me maltratava, me dava trabalho excessivo e vivia me perseguindo. Por isso eu já não aguentava mais e já havia tentado me matar duas vezes».

«As pressões psicológicas a que os bancários em geral estão submetidos são realmente muito grandes», diz Luiza. «A velha história de que o sujeito fica ali, manuseando tanto dinheiro, enquanto passa necessidades, é verdadeira, é uma causa real de angústias que acabam em neuroses mais ou menos graves. E depois, as condições de trabalho — invariáveis, fixas, rígidas, com a obrigação de não errar nunca, aumentam ainda mais as pressões sobre os funcionários, forçando quase sempre a algum desvio do comportamento».

A modernização dos bancos e utilização dos grandes centros de computação, criaram nos últimos tempos, um novo tipo de bancário. Não mais o funcionário trabalhando de gravata para atender o público, ou datilografando fichas e documentos. Surgiram os trabalhadores da noite, os bancários que cruzam as madrugada nas salas de compensação de cheques ou de processamento de dados.

«É exatamente esse pessoal, que anda pior», afirma Luiz César, escriturário do Bradespa. «Eles têm de trabalhar de noite, com iluminação frívola, e uma solidão que dá medo. As mesas e computadores isolam uns dos outros e o único papo que eles podem ter é com as máquinas mesmo. E de manhã, quando acordam, ficam a vida inteira vitando a noite, sem conversar, sem errar. E dando muito lucro? Mas isso não vai ficar assim não, aos poucos os bancários estão se organizando, nós vamos vendo que tem que romper essas coisas, tem que mudar. Pela primeira vez o pessoal de computação e compensação, que trabalha de noite, está se juntando para lutar contra as mástruvas e dos porões em que são relegados nos prédios bancários, longe das vistas dos chefes. E bom mesmo então denunciar isso: esses bancários de noite não ganham quase nada, o piso salarial deles hoje é menor do que da construção civil e a gente pode ver isso pela reivindicação deles: 4 mil cruzeiros de piso mais o direito de receber 26% de adicional noturno. Uma miséria, não é verdade? Mas nem isso os patrões querem dar».

	<p><b>Diretor responsável!</b> Antonio Carlos Ferreira</p>
<p><b>Conselho de Direção</b> Aquilino Silva, Alvaro Antonio Caracrossi, Antonio Carlos Ferreira, Antonio Carlos Maua, Antonio Neto, Armando Sartori, Benedito Cintra, Chico Pinto, Clóvis Moura, Eduardo H. Siqueira, Elias Andrade, Fernando Peixoto, Flávio Carvalho, Jaime Leão, Jaime Sautchuck, José Botto, José Cristóvão de Souza, Ruff Muser, Luiz Bernardes, Luiz Carlos Antero, Marco Bueno, Marcos Gomes, Maria Amélia Telles, Maria Helena Pereira, Maria Leonor Viana, Maurício Rêgo, Murilo Carvalho, Paulo Barbosa, Ramundo R. Pereira, Ramunda Teodoro de Oliveira, Renato Godinho, Samuel Rodrigues, Sonia Rodrigues, Teodomiro Braga.</p>	<p><b>Editor</b> Ramundo Rodrigues Pereira</p> <p>Movimento é uma publicação de Edição S/A, Editora de Livros, Jornais e Revistas, Administração e redação: Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 823, Pinheiros, São Paulo. Telefones: 210 6627 e 210 6744. Belo Horizonte: Av. Amazonas, 135 - sala 509. Ed. Codo Minas, tel. 774 7605. Brasília: Ed. Marcha, sala 1007, tel. 273 7416. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 180, sala 809, tel. 272 6497. Salvador, Rua Caselano Moura, 16, tel. 245 2061. Recife: Av. Conde da Boa Vista, 230, sala 307. Bloco B, Ed. Parapana, tel. 721 3728. Distribuição: Abril S/A Cultural e Industrial, Rua Kimbo Coelodi, 575, tel. 65-3115. Composto e impresso nas oficinas da Companhia Editora Jorjés, Rua Gastão da Cunha, 43, São Paulo. Material Internacional via Varig.</p>
<p><b>Conselho Editorial de Movimento</b> Alencar Furtado, André Foster, Audálio Dentas, Chico Buarque de Hollanda, Fernando Henrique Cardoso, Orlando Villas Boas, Hernando Borde Fábregas 7 1912 2/6 (1976).</p>	<p><b>Diretor responsável!</b> Antonio Carlos Ferreira</p>